



**Mediação na sala de leitura:
O protagonismo dos alunos**

ROSANE RIBEIRO DO NASCIMENTO



**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR
VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES E DISSERTAÇÕES
NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o(a) autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico: Dissertação Tese

2. Identificação da Tese ou Dissertação:

Nome completo do(a) autor(a): Rosane Ribeiro do Nascimento

Título do trabalho: Mediação na sala de leitura: o protagonismo dos alunos

3. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

Independente da concordância com a disponibilização eletrônica, é imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF da tese ou dissertação.

Assinatura do(a) autor(a)²

Ciente e de acordo:

Assinatura do(a) orientador(a)²

Data: 23 / 04 / 2020

¹ Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: a) consulta ao(s) autor(a) e ao(s) orientador(a); b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação de dissertação/tese em livro.

² As assinaturas devem ser originais sendo assinadas no próprio documento. Imagens coladas não serão aceitas.

Mediação na sala de leitura: o protagonismo dos alunos

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação, à comissão examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Goiás/Regional Catalão.

Orientadora:

Dr^a. Selma Martines Peres

Linha de Pesquisa:

Linha de Pesquisa: Leitura, Educação e Ensino de Língua Materna e Ciências da Natureza

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Ribeiro do Nascimento, Rosane
Mediação na sala de leitura: o protagonismo dos alunos
[manuscrito] / Rosane Ribeiro do Nascimento. - 2020.
144 f.: il.

Orientador: Profa. Dra. Selma Martines Peres.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Unidade Acadêmica Especial de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Catalão, 2020.
Bibliografia. Apêndice.
Inclui siglas, lista de figuras.

1. Sala de leitura. 2. Mediação. 3. Professor da sala de leitura. 4. Alunos mediadores. I. Martines Peres, Selma , orient. II. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL EDUCAÇÃO

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

ATA DA 114ª. SESSÃO PÚBLICA DE DEFESA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO.

ATA DA COMISSÃO EXAMINADORA DESIGNADA PELA COORDENADORIA DO PPGEDUC PARA JULGAMENTO DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO DE ROSANE RIBEIRO NASCIMENTO.

Aos trinta e um dias do mês de março de dois mil e vinte, às catorze horas e trinta minutos, por webconferência/rnp, reuniram-se os componentes da banca examinadora, a Profa. Dra. Selma Martines Peres - PPGEDUC-UAE/UFG/UFCAT (Em transição) - Orientadora; Profa. Dra. Maria Aparecida Lopes Rossi - PPGEDUC-UAE-UFG/UFCAT (Em transição) - Membro Interno; Profa. Dra. Adriana Pastorello Buim Arena - Membro Externo - FAGED/UFU - Membro Externo, para, em sessão pública de exame de Defesa de mestrado, de ROSANE RIBEIRO NASCIMENTO, discente do Programa de Mestrado em Educação – PPGEDUC da UFG-RC/UFCAT Em transição, com trabalho intitulado “MEDIÇÃO NA

SALA DE LEITURA: o protagonismo dos alunos”. A sessão foi aberta pela presidenta da banca, que fez a apresentação formal dos membros da banca. Em seguida, a palavra foi concedida a/ao discente que, procedeu a apresentação da Defesa. Terminada a apresentação, cada membro da banca arguiu a examinanda. Durante a arguição os membros da banca não fizeram sugestão de alteração do título do trabalho. Terminada a fase de

arguição, foi suspensa a Sessão Pública e, em Sessão Secreta, as arguidoras atribuíram seus conceitos.

Reaberta a Sessão Pública foi anunciado o resultado final: **APROVADA** fazendo jus, portanto, ao título de Mestre em Educação, de acordo com o artigo 57 do Regulamento do Programa de Pós-Graduação em Educação - Regional Catalão/UFCAT Em transição. A Banca Examinadora de Defesa Pública de

Dissertação foi realizada em conformidade com a Portaria da CAPES n. 36, de 19 de março de 2020, de acordo com seu segundo artigo. Nada mais havendo a registrar, foi lavrada a presente ata, que vai assinada pelos Membros da Banca Examinadora.

Programa de Pós-Graduação em Educação da UFG-RC/UFCAT Em transição, aos trinta e um dias do mês de março de dois mil e vinte.

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA



Documento assinado eletronicamente por **Selma Martines Peres, Professor do Magistério Superior**, em 31/03/2020, às 16:28, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#)



Documento assinado eletronicamente por **Adriana Pastorello Buim Arena, Usuário Externo**, em 31/03/2020, às 16:57, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Maria Aparecida Lopes Rossi, Usuário Externo**, em 24/04/2020, às 12:16, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Dulcéria Tartuci, Coordenadora de Pós-Graduação**, em 24/04/2020, às 14:18, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?a_cao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1222039** e o código CRC **CEA69FA8**.

Referência: Processo nº 23070.011563/2020-57 SEI nº 1222039

A memória do meu pai, João Donizete do Nascimento, que aplaudiu e sorriu pela minha entrada no programa de pós-graduação, no aconchego de seu abraço, mas, que pelo curso da vida, se alegrará da minha conquista lá dos céus. A lembrança do seu sorriso me fortalece.

AGRADECIMENTOS

E no findar desta pesquisa gratidão é a palavra que me define. Gratidão por esta conquista que tanto me alegra.

A Deus por me fortalecer e me dar a paz necessária para cumprir o desafio, de ser mulher, mãe, esposa, professora e pesquisadora. Agradeço a Deus por ter a certeza de que é Ele quem me sustenta, me acolhe, me guia e me livra de todo mal.

A minha família pelo incentivo e pela compreensão de minha ausência em vários momentos. A minha mãe por ser para mim um exemplo e a meus irmãos por serem meus amigos e apoiadores.

A meu esposo Alpheu pelo companheirismo, incentivo e suporte. A minha filha Rafaella, por compreender o ritmo acelerado de estudo e trabalho da mamãe e se adequar a ele. Obrigada por remarem ao meu lado.

Ao programa de Pós-graduação em Educação (PPGEDUC), em especial à linha de pesquisa: Leitura, Educação e Ensino de Língua Materna e Ciências da Natureza, por me aceitar enquanto pesquisadora. Em especial aos professores que tanto colaboraram com minha formação.

Aos meus amigos da turma de mestrado 2018 pelo auxílio, pelo companheirismo, pelas conversas, pelas aprendizagens que construímos juntos.

À minha orientadora Selma Martines Peres que acreditou que eu seria capaz. Que se envolveu, me apoiou e me orientou com tanta gentileza. Seus direcionamentos, orientações e correções tornaram essa pesquisa possível. Aprendi e aprendo muito com você. Obrigada pela inspiração. Fui abençoada em tê-la como orientadora.

A toda a comunidade escolar onde foi realizada a pesquisa, que me acolheu e tornou possível a construção desse conhecimento. Em especial ao Professor da Sala de Leitura, por aceitar fazer parte desse projeto com tanta presteza.

Aos nossos protagonistas, mediadores, Gabriel Felipe, Mikaela, Mileny, Khetriny, Gabriel e Guilherme. Vocês fizeram tudo valer a pena. Agradeço por cada tarde que passamos juntos, pelas leituras que compartilhamos, pelos sorrisos e aprendizagens.

Às professoras que compuseram a banca examinadora, Adriana Pastorello Buim Arena e Maria Aparecida Lopes Rossi. Muito obrigada por cada apontamento, por cada correção e direcionamento.

À escola onde trabalho. A equipe Pedro Netto, que me apoiou e não mediu esforços, reorganizando horários e recursos pessoais para que eu conseguisse cursar todas as disciplinas do programa.

As minhas turmas alfabetização de 2018, 2019 e de 2020 que dividiram a professora com o programa de mestrado. A vocês, meus alunos, eu dedico a minha vontade de ser melhor.

Por fim, a todos os que colaboraram, direta ou indiretamente, para a realização desta pesquisa.

Compartilhar as leituras não apenas estabelece vínculos entre os leitores de alguns livros em um momento determinado, como os conecta com sua tradição cultural. A escola deve velar para que assim seja, já que as novas gerações têm direito a não ser despojadas da herança literária da humanidade.

Teresa Colomer

RESUMO

A leitura e principalmente a formação de leitores, vem sendo alvo de intensas reflexões, haja vista que uma das atividades primárias inerentes à escola é formar leitores. Neste sentido, o presente trabalho se configura buscando elementos envolvidos nessa formação e em como ela se efetiva na escola. Partindo das premissas de que, os espaços destinados à leitura, tais como, biblioteca escolar e sala de leitura (já demarcando que a escola onde foi realizada a pesquisa possui o espaço denominado sala de leitura), possuem um caráter formativo atuando como auxiliar no processo de formação de leitores, configurando-se assim como ambiente formativo, e que nesses espaços a leitura costuma ser mediada pelo profissional que neles atuam, a presente pesquisa traçou como objetivo geral: compreender o processo de mediação realizado pelo profissional que atua na sala de leitura de uma escola da rede municipal de Catalão. Buscou-se ainda, não só trazer elementos para compreensão do processo, mas promover ações que contribuam com essa mediação, desta forma, constituindo-se como um trabalho colaborativo. Especificamente, o trabalho objetivou mapear os elementos e recursos constitutivos de uma sala de leitura e as articulações que nessa ocorrem no processo de mediação de leitura; conhecer o professor da sala de leitura, identificando como este compreende a leitura e a formação de leitores, e intervir no processo de mediação e formação de leitores. Dessa forma, a pesquisa constituiu-se, metodologicamente, como uma pesquisa de intervenção, baseada nos elementos da pesquisa-ação. Os instrumentos utilizados na construção de dados foram observações, registro em diário de campo, entrevista semiestruturada, roda de conversa e a realização da ação: a formação de novos mediadores para atuarem na sala de leitura. Os dados construídos durante a realização da pesquisa possibilitaram responder à questão problema: Como ocorre o processo de mediação realizado pelo responsável pela sala de leitura e como algumas ações podem contribuir para o aprimoramento da mediação? Teoricamente, respalda-se nos estudos de Teresa Colomer, Magda Soares, Paulo Freire, Bernadete Campello, Michel Thiollent, René Barbier, Sueli Bortolin, Rovilson Silva, Vigotsky, Elie Bajard, alguns documentos do MEC e outros. A pesquisa revelou que a sala de leitura é um espaço ativo dentro da unidade escolar, dispõe de um professor que nela atua como mediador, porém, por ser a sala de leitura um espaço multifuncional, e o professor desta não cumprir apenas atribuições designadas ao cargo que ocupa, o processo de mediação fica limitado. Neste sentido, se configurou a ação interventiva, formando alunos como mediadores para acentuar as sessões de mediação a fim de, envolver a comunidade escolar e mediante a isso colaborar com a formação de leitores.

Palavras-chave: Sala de Leitura. Mediação. Professor da sala de leitura. Alunos mediadores.

ABSTRACT

Reading and especially the formation of readers has been the target of intense reflection, since one of the primary activities inherent to the school is to form readers. In this sense, the present work is configured seeking elements involved in this formation and how occur the effectivation in the school. Based on the premises that the spaces for reading, such as the school library and the reading room (already marking that the school where the research was carried out has the space called reading room), have a formative character acting as an aid in the process of formation of readers, thus configuring itself as a formative environment, and that in these places reading is usually mediated by the professional who works in them, this research has outlined as a general objective: to understand the mediation process carried out by the professional who works in the reading room of school in the municipal network of Catalão. It was also sought not only to bring elements for understanding the process, but also to promote actions that contribute to this mediation, thus constituting a collaborative work. Specifically, the work aimed to map the elements and resources that make up a reading room and the articulations that take place in it in the process of reading mediation; to know the teacher in the reading room, identifying how they understand reading and the formation of readers and still to intervene in the process of mediation and the formation of readers. In this way, the research was methodologically constituted as an intervention research, based on the elements of action research. The instruments used in the construction of data were: observations, field diary recording, semi-structured interview, conversation crews and the realization of the action of the formation of new mediators to act in the reading room. The data constructed during the research made it possible to answer the question: How does the mediation process take place by the person in charge of the reading room and how some actions can contribute to the improvement of mediation? Theoretically, it is based on the studies of Teresa Colomer, Magda Soares, Paulo Freire, Bernadete Campello, Michel Thiollent, René Barbier, Sueli Bortolin, Rovilson Silva, Vigotsky, Elie Bajard, some MEC documents and others. The research revealed that the reading room is an active space within the school unit, it has a teacher who acts as mediator, but because the reading room is a multifunctional space, and the teacher in it does not only fulfill assignments assigned to the position he occupies, the mediation process is limited. In this sense, the interventional action has been configured, training students as mediators to accentuate the mediation sessions to involve the school community and thereby collaborate with the training of readers.

Keywords: Reading Room. Mediation. Reading room teacher. Mediating students.

LISTA DE SIGLAS

BDTD – Banco de Teses e Dissertações

BE – Biblioteca Escolar

CEDAC- Comunidade Educativa Virtual de São Paulo

CEP – Conselho de Ética e Pesquisa

ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia Estatística

IBICT – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia

INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais

LEDEBEN – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais

PIBID – Programa Institucional de Bolsas e Iniciação à Docência

PNAIC – Pacto Nacional De Alfabetização na Idade Certa

PNBE – Programa Nacional Biblioteca na Escola

PNLD – Plano Nacional do Livro Didático

PNLL – Plano Nacional do Livro e Leitura

PNSL – Programa Nacional Sala de Leitura

PROLER – Programa Nacional de Incentivo à Leitura

PSL – Professor da sala de Leitura

RC – Regional Catalão

RCM – Roda de Conversa com os mediadores

SAEB – Sistema de Avaliação da Educação Básica

SL – Sala de Leitura

SME- Secretaria Municipal de Educação de Catalão

UFG – Universidade Federal de Goiás

UNITRI – Centro Universitário do Triângulo

UNIVERSO – Universidade Salgado de Oliveira

LISTA DE IMAGENS

Figura 1 - Sala de Leitura.....	39
Figura 2 - Sala de Leitura- Livros didáticos.....	41
Figura 3 - Sala de leitura/ acervo 1° a 5° ano.....	42
Figura 4 - Sala de Leitura: Estante e mesa do PSL.....	43
Figura 5 - Material de apoio ao professor	44
Figura 6 - Mediação realizada pelo professor da sala de leitura	46
Figura 7 - Professor da sala de leitura	49
Figura 8 - Mediação Realizada- Dia 1/ turma 4° ano.....	71
Figura 9 - Mediação realizada pelo PSL	74
Figura 10 - Mediador Guilherme, bem a vontade, deitado e ouvindo a história.....	74
Figura 11 - Mediação realizada no dia 2. Mediador Gabriel Felipe. Turma de 2°ano.....	75
Figura 12 - Mediação realizada no dia 2. Mediadora Mileny. Turma de 2° ano	77
Figura 13 - Formação/ dia 3. Aspectos estéticos dos livros. Exploração das informações contidas nas capas e ficha catalográfica.....	79
Figura 14 - Formação dia 3. Mediadores selecionando os livros a serem lidos.....	80
Figura 15 - Formação dia 3. PSL auxiliando aluno Gabriel na escolha da obra literária.....	81
Figura 16 – Mediação realizada – Dia 3- Mediador Khetriny– Turma de 3° ano	82
Figura 17 – Mediação realizada – Dia 3- Mediador Gabriel – Turma de 3° ano	82
Figura 18 - Mediação realizada- Dia 3/ Mediador Guilherme- Turma de 3° ano	83
Figura 19 - Leitura deleite realizada pelo professor da sala de leitura.....	84
Figura 20 - Formação de mediadores/ Dia 4.....	86
Figura 21 - Momento de leitura/ mediadora Mikaella	87
Figura 22 – Organização do acervo de 6° a 8° ano.....	89
Figura 23 - Organização do acervo de 1° a 5° ano.....	89
Figura 24 – Mediação realizada pelo PSL – Dia 5 / Turma de 4° ano	92
Figura 25 - Mediação realizada- Dia 5/ Mediador Guilherme- Turma de 4° ano	93
Figura 26 - Mediação realizada- dia 5/ mediadores Gabriel Felipe e Guilherme/ turma de 1° ano.....	94
Figura 27 - Mediação- Dia 5- Mediador Guilherme/turma de 1° ano.....	95

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Horário de funcionamento da Sala de Leitura	44
Quadro 2- Cronograma de Formação dos Mediadores	61

LISTA DE APÊNDICES

Apêndice 1 – Roteiro de observação	126
Apêndice 2 – Constituição física do espaço sala de leitura da escola selecionada realizada por meio de observação	127
Apêndice 3 – Roteiro de Entrevistas	128
Apêndice 4 – Roteiro da Roda de Conversa com os mediadores - pós realização da ação	130
Apêndice 5 – Plano da ação da pesquisa-ação e seus desdobramentos	131
Apêndice 6 – Obras literárias utilizadas para leitura deleite, mediação de leitura e formação de leitura	135

Sumário

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO I	22
CAMINHOS PARA A SALA DE LEITURA: A PESQUISA-AÇÃO	22
1.1 O lócus da pesquisa	23
1.2- Sobre as trilhas da pesquisa-ação: identificação, contratualização, planejamento e realização em espiral	24
1.3- Porque o caminho tem seu próprio tempo: as etapas da pesquisa-ação	26
CAPÍTULO II	32
A SALA DE LEITURA E O PROFISSIONAL QUE NELA ATUA: O QUE VI E OUVI	32
2.1- A constituição dos espaços de leitura: biblioteca escolar e sala de leitura	33
2.2- O que dizem os documentos e a “nossa sala de leitura”	35
2.3 O que dizem os documentos e “o profissional da nossa sala de leitura”	48
CAPÍTULO III	54
A MEDIAÇÃO EM FOCO	54
3.1- A identificação dos problemas e a Contratualização	56
3.2- A ação e seus desdobramentos: formação e prática de mediação	60
3.3 Seleção de alunos e conversa inicial com os alunos em formação	62
CAPÍTULO IV	67
O MOVIMENTO DA MEDIAÇÃO E SUAS POSSIBILIDADES	67
4.1- A sessão de mediação: formação e prática dos mediadores	67
4.2- A formação de leitores a partir da mediação	96
4.3 - A mediação continua? O que dizem os mediadores	103
OS CAMINHOS DA PESQUISA: ONDE CHEGAMOS	112
REFERÊNCIAS	112
APÊNDICES	126

INTRODUÇÃO

Aqui há um livro maravilhoso, ali há um grupo de crianças. O que acontece em seguida? Em seguida fala-se (...)

Quando o nosso melhor amigo nos diz que leu um livro maravilhoso e pensa que nós devemos lê-lo, o que faz para ajudar-nos a começar é dizer-nos o que nele encontrou. Assim nos familiariza com esse livro novo e, por isso, ameaçador. Diz-nos algo sobre seu enredo. Indica quais as partes emocionantes. Diz-nos com que outros livros se parece, livros que ele sabe que já lemos. E compara-os ou fala sobre suas diferenças. São similares nestes aspectos e diferentes, nestes outros. Também nos prepara para as dificuldades (...) em outras palavras, convence-nos a ler o livro por nós mesmos. Isso é, exatamente, o que os melhores promotores de leitura fazem sempre: convencer-nos a ler.

*Aidan Chambers*¹

Me coloco no lugar de uma pessoa que quer se render aos convencimentos à leitura e de uma pessoa que quer convencer alguém a ler. Uma pessoa que quer experimentar mediações e ser uma mediadora, pois compreendo que uma boa leitura, uma boa formação, uma boa vida, acontece sempre nas relações. Estou descobrindo, pelo caminho que vou traçando, o quão sou fruto das mediações que vivi, e o quanto posso frutificar nas pessoas que me proponho a mediar. Desta forma vou construindo sentidos, vou me formando leitora, vou me formando mediadora, vou aprendendo a mediar, a partir das experiências que, por esta pesquisa, pude vivenciar. E assim, enceto a apresentação desta pesquisa.

Atuando, já há algum tempo, nas series iniciais instiguei-me a fazer algumas observações sobre a formação do leitor, em suas diversas formas e concepções. Por estas, vejo a complexidade da formação de um leitor e todas as variáveis implícitas nesta.

Percebi o quão emergente é o tema leitura nas pesquisas em educação, visto que prevalecem nos encontros educacionais, nas reuniões pedagógicas, reuniões de pais, cursos de formação, enfim, sempre as mesmas questões referentes ao baixo desempenho da leitura na escola, fato que nos sugere algumas reflexões, dentre elas: como contribuir para minimizar os agravos decorrentes deste baixo desempenho.

Algumas indagações, provenientes de minha atuação profissional e da emergência e relevância do tema leitura, deram forma a pesquisa: **Mediação na sala de leitura: o protagonismo dos alunos**. Nos envolvemos na reflexão sobre a formação do leitor na escola,

¹ Aidan Chambers, “Como formar lectores”, in *Hojas de lectura*, 45, 1997, pp6-7. In: Colomer, Teresa. *Andar entre livros: a leitura literária na escola*. São Paulo: Global, 2007, p.101.

por compreendê-la como o lócus principal para essa formação, nos atendo sempre à complexidade do processo educativo.

Segundo Freire (2011) o processo educativo não ocorre por meio da neutralidade, e sim trazendo questões políticas e complexas sobre a formação do leitor que vai além de meras decodificações de palavras, envolvendo um posicionamento. Desta forma, o autor traz questões relevantes para se pensar em formação de leitores, políticas de leitura e ambientes nos quais essa formação ocorra, destacando a biblioteca, que precisa ser configurada “como um centro cultural e não um depósito silencioso de livros” (FREIRE, 2011, p.45).

Ressaltamos, logo de início, que as escolas da Rede Municipal de Catalão, não possuem bibliotecas escolares como dispostas na **Lei nº 12244, de 24 de maio de 2010**², mas, algumas destas escolas, possuem o ambiente denominado sala de leitura. Muitos autores, que trazemos para compor as reflexões propostas no decorrer da pesquisa, professores e a comunidade escolar no geral, se referem aos espaços de leitura utilizando apenas o termo biblioteca escolar, outros trazem algumas diferenciações entre salas ou cantinhos de leitura, como espaços criados informalmente.

Nesta pesquisa, mediante os autores e os relatos cedidos, em entrevistas, não nos atemos aos termos utilizados (biblioteca escolar, sala de leitura, cantinho da leitura), sem negar a importância e ideologias presentes neles, mas na utilização destes espaços. Optamos pela mesma nomenclatura que a Rede Municipal de Ensino utiliza, **Sala de Leitura**. Reforçamos esta escolha pelo reconhecimento da inexistência de um bibliotecário formado atuando nestes espaços.

Alegamos a relevância desta pesquisa nos âmbitos pessoal, social e científico. Partindo do pessoal, em concordância com Freire (1996, p.94) que diz: “me movo como educador, porque primeiro me movo como gente”.

Como já citado anteriormente, minha³ atuação profissional tem grande participação no meu interesse em realizar estudos na área da leitura. Atuo há 19 anos na educação, sendo 11 na educação infantil e 8 na alfabetização. Presencio as belezas e a complexidade que existem na formação inicial de leitores diariamente. Sempre tive inquietações sobre a minha prática em sala de aula e procurei formações complementares, leituras, que pudessem me auxiliar.

² Lei nº 12244, de 24 de maio de 2010. Dispõe sobre A Universalização das Bibliotecas nas Instituições de Ensino do País.

³ Em algumas partes do texto utilizarei a primeira pessoa do singular para enfatizar minha trajetória e no restante do texto o plural em consonância com a perspectiva teórica-metodológica pautada a ação colaborativa cuja relação se estabelece no conjunto dos participantes.

Filha de professora e de caminhoneiro, sempre tive incentivo em casa para estudar e me formar. Mesmo meu pai (*in memoriam*) tendo cursado apenas até a antiga 4ª série primária, não mediu esforços e nem estímulos para que fôssemos, eu e meus irmãos, como dizia ele, “estudados”. Eu e minha irmã, somos pedagogas, como mamãe, e meu irmão engenheiro agrônomo, como pediu meu pai.

Quando iniciei esta pesquisa, regressei em como se deu minha formação leitora e como ocorreram as mediações de leitura em minha vida. Na minha infância, não me lembro de ter livros em casa. Recordo apenas dos livros do meu pai, que ficavam espalhados na boleia do caminhão, e que meu pai sempre dizia que não eram livros para nós, pois tinham imagens eróticas e histórias de pistoleiros. Não tivemos livros infantis por não ter condições financeiras para isto, como dizia minha mãe. Em casa tinha alguns clássicos da literatura brasileira, que eram do trabalho dela como professora de português.

Quando tinha 8 anos, eu e meus irmãos, não ganhamos livros de natal, nem bonecas ou carrinhos, o presente foi um quadro/giz que foi colocado na parede de um corredor para podermos brincar de escolinha. Foi neste quadro que alfabetizei pela primeira vez, meu irmão mais novo, que já foi para a escola, sabendo ler e escrever.

Cursei Pedagogia, na Universidade Federal de Goiás (UFG), me especializei em Neuropedagogia, no Centro Universitário do Triângulo (UNITRI) e Em Técnicas e Métodos de Ensino, pela Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO). Mas, foi ao adentrar em uma disciplina no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFG- Regional Catalão (RC), como aluna especial, a partir das mediações de leitura realizadas, que comecei a problematizar algumas questões sobre o ensino e as práticas de leitura na escola. Questões que impulsionam e despertam em mim um grande interesse pelo tema. Por me descobrir amante da alfabetização e da leitura, entendi que preciso me formar e aperfeiçoar cada vez mais, para cumprir o papel de educadora que sou.

Por conseguinte, às minhas justificativas pessoais para desenvolver estudos na área da leitura, consideramos que a importância desta pesquisa abrange uma relevância social, visto que, fazemos parte de uma sociedade grafocêntrica, logo um bom desempenho na leitura, faz-se necessário. Acreditamos que a escola, em toda sua composição (políticas, práticas, ações pedagógicas, comunidade escolar, ambientes e estrutura física) exercem um grande impacto na vida das pessoas que são sujeitos, histórico e socialmente construídos. Buscamos nesta composição a matéria prima (sala de leitura e profissional que nela atua) para desenvolver algumas reflexões.

Além do fato da sala de leitura e do profissional que nela atua serem importantes na formação do leitor, para justificar a importância deste estudo, no âmbito científico, também foi realizado um levantamento bibliográfico no Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações / Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (BDTD – IBICT), sobre algumas temáticas que associam com a referida pesquisa.

Utilizando a palavra-chave, salas de leitura, foram encontradas 72 dissertações e 8 teses; com a palavra-chave mediação, foram encontradas 526 dissertações e 215 teses; e com a palavra-chave professor mediador, foram encontradas 198 dissertações e 46 teses. Dentre estes trabalhos localizados tentamos elencar aqueles que tratam do processo de mediação na sala de leitura. Identificamos alguns trabalhos que tem interface com o nosso, porém nenhum realizado na cidade de Catalão.

Dentre os trabalhos localizados, destacamos três dissertações, Perin (2009), Revoredo (2010) e Cirino (2015), e uma tese, Silva (2006), que de forma geral, trouxeram muitas contribuições para nosso estudo.

Perin (2009), traz a formação de leitor como um processo que se constitui na relação, indivíduo e livro. Um contato que requer constância, familiaridade e intensidade. Daí a importância da sala de leitura se configurar como um espaço ativo dentro da escola.

Revoredo (2010), aponta considerações importantes sobre a figura do mediador, pontuando que este deve ser um leitor crítico, curioso, democrático e acima de tudo, um bom ouvinte, levando-nos a uma reflexão sobre a formação e prática do mediador no espaço da sala de leitura.

Cirino (2015), desenvolve uma pesquisa qualitativa sobre as obras do Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE) na escola e a relação destas na formação do leitor. A autora afirma que o ensino da leitura se efetiva na relação das ações mediadoras, o que nos faz problematizar sobre a importância do trabalho com as obras literárias na escola. Possuir uma sala de leitura na escola, com um certo acervo literário não vai garantir a formação do leitor, é preciso que haja mediação.

Silva (2006), desenvolveu uma pesquisa-ação na Rede Municipal de Londrina. Uma pesquisa de intervenção que tratou da formação continuada do professor mediador que atua na biblioteca escolar. Aponta a mediação de leitura na escola, diretamente vinculada ao texto literário, o que colabora com nossa pesquisa, visto que também compreendemos o processo de mediação indissociável à leitura literária e acreditamos que o professor que atua no espaço sala de leitura pode estabelecer as conexões necessárias para que o processo de mediação ocorra.

Para a conceitualização do termo mediação, nos pautamos em Nascimento (2014) que, a partir de sua tese ⁴visou contribuir com a sistematização do termo na obra de Vigotsky bem como fazer aproximações com o processo educativo. Nascimento define sua pesquisa como “uma aproximação constante ao pensamento de Vigotsky acerca do termo mediação e como autor foi apontando suas implicações para a educação, em seus textos e interações com a ciência e a filosofia em sua época” (NASCIMENTO, 2014, p. 24). Aproximações estas que julgamos ser relevantes para a composição das reflexões acerca de nossa pesquisa, tratando essa diretamente do processo de mediação em aspectos práticos e formativos. De acordo com Vigotsky (2000) o desenvolvimento humano se dá pelas mediações. A relação que o homem estabelece com o mundo passa pela “mediação do discurso, pela formação de ideias e pensamentos através dos quais o homem apreende o mundo e atua sobre ele, recebe a palavra do mundo sobre si mesmo e sobre ele-homem, e funda a sua própria palavra sobre esse mundo”.

Sobre a construção do problema da pesquisa, uma questão complexa foi a definição do objeto a ser estudado. De acordo com Fazenda (2010, p.15), “a apropriação de um objeto de pesquisa pressupõe um exaustivo estudo anterior a este”. Por ser a educação um tema muito amplo, possível de ser analisado por inúmeros vieses, foi necessário elencar pretensões de conhecimento. Mesmo definindo que seria na área da leitura e a formação de leitor, surgiram ao longo da construção do projeto de pesquisa algumas questões, tais como: o foco seria a sala de leitura, o profissional que nela atua ou o processo de mediação realizado por este? Depois de algumas leituras e conversa com a orientadora decidimos que seria o processo de mediação de leitura realizado pelo professor da sala de leitura, neste ambiente, o que nos esclareceu a necessidade de compreender as concepções de leitura do professor da sala de leitura, observar as atividades desenvolvidas neste ambiente e, coletivamente, construir algumas ações a fim de colaborar com o processo de mediação.

No emergir desta temática definimos como questão problema: **Como ocorre o processo de mediação realizado pelo responsável pela sala de leitura e como algumas ações podem contribuir para o aprimoramento da mediação?**

Depois de levantar tal indagação, construímos o objetivo geral da pesquisa e os objetivos específicos. De forma geral o objetivo da pesquisa foi: **Compreender o processo de mediação de leitura realizado pelo profissional que atua na sala de leitura de uma escola da rede municipal de Catalão e promover ações que contribuam para essa mediação.** De forma

⁴ NASCIMENTO, Ruben de Oliveira. Tese: Um estudo da mediação em Lev Vigotsky e suas implicações para a educação, 2014. Disponível: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/13673/1/EstudoMediacaoTeoria.pdf>

específica: Mapear os elementos e recursos constitutivos de uma sala de leitura e as articulações que nesta ocorrem no processo de mediação da leitura; conhecer o profissional mediador da sala de leitura, identificando como este compreende a leitura e a formação de leitores; e intervir no processo de mediação e formação de leitores/as.

Colomer (2007) pontua de uma forma geral que “se o tema leitura preocupa tanto na atualidade é porque existe essa consciência generalizada de que o objetivo de formar o leitor não tem obtido o êxito esperado, de modo que vão aparecendo diferentes hipóteses sobre as causas desse desajuste” (COLOMER, 2007, p.102). Neste sentido, buscando uma reflexão sobre a leitura e os processos pelos quais, ela se desenvolve no ambiente escolar fomos construindo o campo teórico- metodológico da pesquisa.

Realizamos um levantamento bibliográfico visando fundamentar os conceitos centrais da mesma, tais como, sala de leitura (lócus da pesquisa), processo de mediação (objeto de pesquisa) e profissional mediador da sala de leitura (sujeito participante da pesquisa). Para tal, fez-se necessário, caminhar primeiramente sobre a definição de leitura, sobre o ato de ler e como a leitura é construída no ambiente escolar. Do mesmo modo, compreender o processo de mediação nos ambientes em que essa formação do leitor ocorre. Mesmo evidenciando que na sala de aula essa formação ocorra diariamente, designamos a sala de leitura, como um espaço a ser analisado, por ser este o lócus de maior atuação do sujeito, participante da pesquisa.

Quanto aos aspectos formativos da leitura foram trazidos para discussão Paulo Freire (2011), que traz a leitura não só restrita à leitura da palavra mas ligada à leitura do mundo; Magda Soares (2017) tecendo a ideia de leitura além da decodificação; Teresa Colomer (2007) que traz a importância que deve ser dada ao processo formativo de leitores em todos os seus aspectos e reforça a leitura literária como sendo de extrema importância no ambiente escolar; Peres (2013) e Goulemot (2001), que defendem a formação leitora construída criticamente, contribuindo para a atribuição de sentido à leitura. Britto (1999) e Castro (2006) que tratam a leitura como um ato de posicionamento político e de responsabilidade coletiva. Nesta perspectiva, a formação de leitores é uma atribuição coletiva. Responsabilidade das políticas públicas, dos processos formativos, da gestão escolar, das ações e práticas escolares, da atuação de todos os profissionais envolvidos.

De acordo com Soares (2017, p.152):

Ler estende-se desde a habilidade de simplesmente traduzir em sons sílabas isoladas, até habilidades de pensamento cognitivo e metacognitivo; inclui, entre outras habilidades, a habilidade de decodificar símbolos escritos; a habilidade de captar o sentido de um texto escrito; a capacidade de interpretar

sequências de ideias ou acontecimentos, analogias, comparações, linguagem figurada, relações complexas, anáfora; e ainda habilidades de fazer previsões iniciais sobre o significado do texto, de construir o significado combinando conhecimentos prévios com as informações do texto, de controlar a compreensão e modificar as previsões iniciais, quando necessário de refletir sobre a importância do que foi lido, tirando conclusões e fazendo avaliações.

Como traz também Freire (2011, p.19) “o ato de ler não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas se antecipa e se alonga na inteligência do mundo”, sendo inúmeros os fatores envolvidos no processo de concepção e prática de leitura. “A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente.” (FREIRE, 2011, p.20). Nesta ótica é possível destacar a complexidade envolta no ensino da leitura que vai além da decodificação de palavras, alcança patamares formativos da personalidade e sociabilidade do indivíduo.

Um dos principais objetivos da escola é a formação de leitores. É proporcionar o desenvolvimento dos alunos nas práticas de leitura e escrita. Colomer (2007, p.30) traz como desdobramento deste propósito geral que é formar leitores, a educação literária como caminho para a formação de um leitor competente.

O cidadão que se espera ter formado ao fim do período escolar já não é alguém que possua alguns conhecimentos informativos sobre literatura [...] tampouco alguém que tivesse adquirido um aparato instrumental adequado para uma análise textual própria da função de um leitor profissional especializado[...] o leitor competente se havia definido a partir de diferentes perspectivas como aquele que sabe construir um sentido nas obras lidas. E para fazê-lo, deve desenvolver uma competência específica e possuir alguns conhecimentos determinados que tornem possível sua interpretação no seio de uma cultura. (COLOMER, 2007, p.30-31).

Destarte, o ensino da leitura e a formação de leitores é indissolúvel à construção da sociabilidade destes, visto que para ser um leitor competente, não basta apenas ter informações sobre as obras literárias e nem a capacidade instrumentalizada da leitura, que o qualifique para a realização de atividades propostas, mas é preciso que sua capacidade leitora seja construída criticamente, contribuindo para a atribuição de sentido à sua leitura. “A leitura se insere em um processo cultural amplo, no qual a própria ideia de processo pressupõe dinamicidade. Leitura implica produção/construção de sentido.” (PERES, 2013, p.53)

Bem mais que uma habilidade de decodificação a leitura é um ato social, cultural e historicamente construída. Nela não há neutralidade. “Seja popular ou erudita ou letrada, a leitura é sempre produção de sentidos” (GUOLEMOT,1996, p.107).

Britto (1999, p. 84) destaca que a leitura “é um ato de posicionamento político diante do mundo. E quanto mais consciência o sujeito tiver deste processo, mais independente será sua leitura, já que não tomará o que se afirma no texto que lê como verdadeiro ou como criação original, mas sim como produto”.

Em concordância com os autores aqui referenciados, compreendemos a leitura como uma habilidade de construção de sentidos que se desenvolve mediante aspectos históricos, sociais e culturais. Se firmando como uma habilidade que vai além de um processo de decodificação de palavras, alcança a sociabilidade destas. Neste sentido, o leitor é formado, historicamente, socialmente, culturalmente e politicamente a partir das práticas de leitura que ele vivencia. Isto posto, é preciso salientar que as concepções e práticas de leitura, que ocorrem na escola, tem uma grande importância na formação do sujeito que frequenta essa instituição. Portanto, tanto os ambientes onde ocorrem essas ações formativas (sala de aula, sala de leitura, biblioteca escolar e outros) como os profissionais (professores, profissionais da sala de leitura, bibliotecários e outros) envolvidos nestas são fundamentais para o desenvolvimento da formação de leitores.

Os resultados do SAEB e do ENEM, as avaliações nacionais realizadas pelo Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais (INEP), do Ministério de Educação, confirmam que fatores como, clima da escola, modos de gestão, participação dos pais, matriz organizacional, projeto pedagógico da escola e perfil dos professores fazem diferença no processo de aprendizagem. (CASTRO, 2006, p.56).

Nesta perspectiva, a formação de leitores é uma atribuição coletiva. Responsabilidade das políticas públicas, dos processos formativos, da gestão escolar, das ações e práticas escolares, da atuação de todos os profissionais envolvidos.

De acordo com Fernandes (2013, p.76) uma das prioridades dos programas voltados para a formação de leitores propostos pelas políticas educacionais, deveria ser a capacitação dos professores mediadores entre o livro e o leitor na escola. Ora, se os professores mediadores representam tal importância na formação de leitores, é fundamental que este seja capacitado para o exercício de tal função. É necessário que a estes sejam dadas as condições necessárias para tal exercício, e não só, mas que estes também tenham disponibilidade para envolver-se nesta prática formativa. Aqui enfatiza-se, novamente, a relevância desta pesquisa.

Ler é uma habilidade que não se consolida de forma eficiente apenas pelo contato com a leitura. É preciso que ela seja mediada, principalmente na primeira fase do ensino fundamental, a fim de promover o entendimento, interesse, habilidades e compreensão dos fatos, pois a mediação da leitura é uma ação de construção de autonomia. (CIRINO, 2015, p.17).

Colocação que reforça a importância da mediação de leitura e os meios pelos quais, ela ocorre, visto que “É a partir de diferentes processos de mediação que os indivíduos desenvolvem suas funções psicológicas superiores e tornam-se capazes de interagir corretamente com o meio, além de fazer uso adequado, de objetos sociais como, por exemplo, o livro” (MOTOAMA; SANTOS; SILVA, 2017, p.14).

A partir de uma boa mediação, o aluno pode vivenciar, nos espaços de leitura, práticas que vão conduzi-lo em sua formação humana, social, política, cultural e histórica. “A biblioteca escolar, mais do que um estoque de conhecimentos, pode constituir-se em um espaço adequado para desenvolver nos alunos o melhor entendimento do complexo ambiente informacional da sociedade contemporânea” (CAMPELLO, 2008, p.7).

Do ponto de vista metodológico, a abordagem da pesquisa configurou-se como qualitativa visto que “a pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento” (LUDKE; ANDRÉ, 2013, p. 12).

Neste ambiente natural, a escola, tentamos ir além da reflexão sobre as hipóteses das causas dos desajustes na área da leitura. Optamos por ser destacadas também, alternativas para minimizar esses desajustes e aprimorar a formação de leitores. Procuramos analisar as concepções e práticas do profissional da sala de leitura, compreender o processo de mediação que ocorre neste ambiente e construir algumas ações colaborativas referentes à formação de leitores.

O processo de pesquisa é, portanto, organizado a partir do interesse inicial do pesquisador, que possui um projeto de investigação sobre determinados aspectos da prática educativa. Encontrar parceiros que também possuem necessidades de compreender e de transformar a prática é um dos primeiros desafios colaborativos, isto é, encontrar parceiros que tenham os mesmos interesses investigativos do pesquisador, transformando a intenção inicial de pesquisa em objetivo comum de investigação, significa possibilidade para produzir saberes de forma colaborativa. (IBIAPINA, 2016, p.46)

Neste sentido, a presente pesquisa foi desenvolvida na perspectiva colaborativa pela via da pesquisa-ação.

De acordo com Thiollent (2011, p.80) “A ação corresponde ao que precisa ser feito para realizar a solução de um determinado problema. ” Na pesquisa-ação devem ser construídas de maneira clara em todas as suas implicações, possibilidades e limitações, e é claro de maneira coletiva entre pesquisador e sujeito da pesquisa.

Para Gamboa:

Tanto a pesquisa participante como a pesquisa-ação pressupõem que o conhecimento é essencialmente um produto social que expande ou muda continuamente da mesma maneira que se transforma a realidade concreta e, como ato humano não está separado da prática, o objetivo último da pesquisa é a transformação da realidade social e o melhoramento da vida dos sujeitos imersos nessa realidade. (GAMBOA, 2006, p.15).

De acordo com Miranda (2012, p.13), “em se tratando de pesquisa-ação, a ação corresponde ao que precisa ser feito e/ou transformado para solucionar um determinado problema”. Ao entrar em contato com o ambiente educacional o pesquisador pode, a partir das observações, coletas de dados e estudos bibliográficos, evidenciar questões que precisam ser solucionadas, trabalhos que possam ser aprimorados e outros implementados. A pesquisa-ação possibilita não só a identificação e problematização dessas questões, mas ações que possam colaborar com os reais problemas encontrados no campo de pesquisa.

A pesquisa-ação torna-se mais relevante ao passo que as ações não são construídas pelo pesquisador num olhar externo em uma única via, mas coletivamente com os sujeitos da pesquisa podendo a todo momento ser flexibilizada para atender os problemas locais identificados.

O referencial teórico para a construção da metodologia da pesquisa-ação se baseou principalmente em Thiollent (2011) e Barbier (2007).

De acordo com Thiollent a pesquisa-ação,

É um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo. (THIOLLENT, 2011, p.20).

Esse tipo de pesquisa, visa facilitar a busca de soluções para problemas reais evidenciados no local da pesquisa. Não se prende a levantamentos de dados a serem analisados e comunicados, mas, se lança na tentativa de responder os problemas encontrados a partir de uma ação transformadora. É realizada, de acordo com Thiollent, pelos seguintes passos: a) Fase

exploratória; b) O tema da pesquisa-ação; c) A colocação dos problemas; d) O lugar da teoria; e) Hipóteses; f) Seminário; g) Campo de observação e coleta de dados; h) Aprendizagens e saberes; i) Plano de ação; e j) Divulgação dos resultados. (THIOLLENT,2011).

Para Barbier, a organização/método da pesquisa-ação implica as seguintes etapas:

a) a identificação do problema; b) a contratualização; c) o planejamento e a realização em espiral; d) as técnicas da pesquisa-ação; e) teorização; f) avaliação; e g) divulgação dos resultados. (BARBIER, 2007).

As etapas da pesquisa foram identificadas pela terminologia adotada por Barbier (2007), considerando a restrição do tempo do curso de mestrado, visto que o método organizacional das etapas em Thiollent (2011) demandam mais tempo para serem realizadas, do qual não dispúnhamos.

Em síntese a pesquisa se constituiu a partir de alguns aspectos conceituais que tratam desde biblioteca escolar até aos processos formativos de leitores na escola, evidenciando a sala de leitura, o profissional que nela atua, com foco no processo de mediação que nela ocorre e na construção de uma ação colaborativa com este processo a fim de auxiliar a formação de leitores.

Optamos no momento de análise dos dados construídos, destacar a importância da coletividade no processo, em concordância com Miranda (2012) que propõe que:

A análise de dados é um exercício coletivo de reflexão acerca dos determinantes da situação investigada e possibilita o planejamento de ações no sentido de oferecer soluções aos problemas, uma vez que a pesquisa-ação pressupõe uma intervenção na realidade. Sendo assim a análise remete ao problema e a demanda por novas possibilidades de vir a ser. (MIRANDA, 2012 p.17).

Desta forma propomos a organização da pesquisa em espiral, trazendo dados construídos, aspectos teóricos, ações e análises no movimento do texto. Reflexões que foram pautadas em Thiollent (2011), Barbier (2012), Ludke e André (2013), Miranda (2012) e outros, para compor a parte teórico-metodológico; alguns documentos oficiais, que preveem como devem ser construídos e utilizados os espaços biblioteca escolar/ sala de leitura, bem como o processo de mediação, autores como, Berenblum (2006), Campello (2008; 2016), Carvalho (2008), Silva (2006; 2009), Almeida Júnior e Bortolin (2009), Moraes (2013) e outros, para a construção teórica do item espaços e condições referentes a formação do leitor, envolvendo sala de leitura e profissional mediador; e em Vigotsky (1989), Freitas(2012), Rovilson Silva (2009), Carvalho (2009), Campello (2011) Morais (2012), Bortolin (2018), Nascimento (2014), Bajard

(2007) e outros, para compor as discussões a respeito de leitura, formação de leitores e como a mediação está acentuada nestes processos.

Vale destacar que o uso de imagens fotográficas na pesquisa tem o único objetivo de ilustrar os espaços onde a pesquisa se desenvolveu e as situações vivenciadas.

Diante do exposto, a dissertação está organizada em quatro capítulos. No primeiro capítulo, **Caminhos para a sala de leitura: a pesquisa-ação**, trazemos desde a preparação para a pesquisa, o lócus da pesquisa, a escolha da unidade escolar, a definição dos termos próprios à escolha metodológica, ao detalhamento das etapas da pesquisa e como estas foram desenvolvidas.

No segundo capítulo, **A sala de leitura e o profissional que nela atua: o que vi e ouvi**, trazemos um pouco da constituição dos espaços de leitura em uma explanação teórica; o que dizem os documentos a respeito da constituição e atuação destes espaços de uma maneira reflexiva em relação a “nossa sala de leitura”; e o que dizem os documentos e “o profissional da nossa sala de leitura”. O capítulo construído a partir de documentos oficiais do Ministério da Educação, de uma discussão teórica, a partir de alguns autores, de observações e de uma entrevista semiestruturada realizada com o professor da sala de leitura.

É importante salientar que o termo “nossa sala de leitura” utilizado é designado para descrever a sala de leitura da escola selecionada para a pesquisa, bem como o termo “o profissional da nossa sala de leitura” para tratar do nosso participante da pesquisa-ação, o professor da sala de leitura da escola selecionada. Optamos por trazer este destaque nos termos para diferenciar, na reflexão quando tratamos da sala de leitura e profissional de uma maneira geral, e quando tratamos ambos de uma maneira específica.

O terceiro capítulo, **A mediação em foco**, trata de alguns aspectos conceituais inerentes ao termo mediação, partindo da compreensão do termo para posterior a esta, tratar da construção da ação colaborativa e prática de mediação. Dispomos também, este capítulo, como se deu a identificação dos problemas, que subsidiariam a construção da ação; a contratualização, realizada coletivamente; a definição da ação e seus desdobramentos; e a seleção dos alunos participantes da ação colaborativa.

O quarto capítulo, **O movimento da mediação e suas possibilidades**, foi composto pela sessão de mediação, que traz a formação dos alunos mediadores e a prática realizada pelos mesmos. Posteriormente tratamos da formação de leitores a partir da mediação. Caminhando para a finalização compomos, a partir do que foi observado, proposto, feito e dito, algumas reflexões sobre o que encontramos e vivenciamos no desenvolver desta pesquisa.

Compreender o processo de mediação de leitura realizado pelo professor que atua na sala de leitura de uma escola da rede municipal de ensino de Catalão e promover ações que contribuam para essa mediação, foi um trabalho apaixonante, porém desafiador.

Ao iniciar o período de observação, inúmeras ideias surgiram. Muitas hipóteses, que ficaram suspensas por conta do tempo que dispúnhamos, devido ao curto prazo em que cursamos o mestrado, quanto ao meu tempo diário disponível, visto que realizei a pesquisa trabalhando efetivamente na minha tão estimada turma de 1º ano do ensino fundamental. Contudo, pudemos realizar a pesquisa em colaboração com a escola selecionada, com o professor da sala de leitura, e com os alunos da escola que graciosamente e com muita prontidão, se dispuseram a participar da investigação. Nesse sentido, com muito apreço, dispomos algumas reflexões sobre a pesquisa, visando contribuir com os estudos sobre mediação de leitura no campo educacional.

CAPÍTULO I

CAMINHOS PARA A SALA DE LEITURA: A PESQUISA-AÇÃO

Dentro de uma concepção de conhecimento que seja também ação, podemos conceber e planejar pesquisas cujos objetivos não se limitem à descrição ou a avaliação. No contexto da construção ou da reconstrução do sistema de ensino, não basta descrever e avaliar. Precisamos produzir ideias que antecipem o real ou delineiam o ideal

Michel Thiollent⁵

Em termos metodológicos a presente pesquisa foi desenvolvida seguindo uma abordagem qualitativa, pela via da pesquisa-ação.

O primeiro passo para a construção da pesquisa se deu no campo teórico e reflexivo onde fizemos uma imersão no tema leitura, alcançando formação de leitores, os ambientes formativos destes leitores e os agentes envolvidos neste processo, a fim de decidir a partir de onde iríamos falar, emergindo com o processo de mediação de leitura que ocorre no ambiente sala de leitura.

Como nossa intenção não era apenas apresentar de maneira reflexiva todo este processo de mediação, mas atuar nele de alguma maneira, optamos pela pesquisa-ação, por acreditar que podíamos de alguma forma colaborar a partir de algumas ações interventivas para o ensino e prática de leitura na ambiente sala de leitura. Feito, apresentamos o projeto de pesquisa à Secretaria Municipal de Educação para recolhimento do termo de Anuência e encaminhamos o mesmo para a apreciação do CEP- UFG/RC. Aguardamos os tramites legais do Comitê de Ética que teve o parecer de aprovação⁶ emitido em 15 de março de 2019 e iniciamos a pesquisa.

Para uma profícua compreensão do percurso metodológico da pesquisa trago neste capítulo um pouco do lócus da pesquisa, a definição dos termos próprios da escolha metodológica (pesquisa-ação), bem como sua realização e disorro sobre cada uma das etapas da pesquisa.

⁵ THIOLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-ação**. 13.ed. São Paulo: Cortez,2011 , p.85.

⁶ A presente pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), sob o Parecer de nº 3.202.596

1.1 O lócus da pesquisa

A referida pesquisa foi realizada em uma escola da rede municipal de Ensino de Catalão, município brasileiro, situado o Sudeste Goiano. Com base nos dados do IBGE (2018)⁷, a população do município de Catalão é atualmente estimada em 106 mil habitantes. Possui várias unidades de ensino, públicas, conveniadas e particulares, que oferecem desde a educação infantil à pós-graduação. Dentre estas especificidades foi decidido que o lócus da pesquisa seria uma unidade de ensino da rede pública que tivesse o ambiente: sala de leitura. Em uma consulta prévia identificamos que algumas escolas da rede municipal de ensino disponibilizavam deste ambiente.

A rede municipal de ensino do município de Catalão atua de maneira direta em 30 unidades de ensino⁸, sendo 26 de gestão específica da prefeitura e 4 conveniadas. Destas 30 unidades de ensino que atende a Educação Infantil e Ensino Fundamental, apenas 4 contam com o espaço Sala de Leitura, sendo todas, de gestão específica da prefeitura.

No ambiente escolar o ensino da leitura, não é algo restrito ao espaço da sala de aula e ao professor regente da sala de aula. Ele ocorre em vários espaços e pode ser mediado por várias pessoas da comunidade escolar.

Cada uma destas salas de leitura possui um profissional que coordena o uso dela, de forma que as práticas de leitura ocorrem, por este, orientadas. E é nesta orientação, no processo de mediação realizado na sala de leitura, que esta pesquisa se centraliza. Nas concepções, atuação e no processo de mediação desenvolvido pelo professor mediador.

Sobre a seleção da escola para o desenvolvimento da pesquisa, lançamos de início o nosso primeiro critério, que foi de exclusão. Tínhamos quatro escolas da rede municipal de ensino de Catalão (escolas A, B, C e D) que era o alvo da nossa pesquisa, que dispunham de sala de leitura. Como atuo como professora em uma destas escolas, e por algumas vezes já estive a frente de ações que envolvesse a formação do leitor, e levando em consideração que tenho um nível de proximidade com os profissionais da escola, inclusive com vínculo familiar com a profissional da sala de leitura, optamos pela exclusão da escola A. Posteriormente definimos que a nossa preferência era trabalhar com um professor do quadro efetivo de funcionários da rede municipal, visto que um possível remanejamento, que é mais recorrente com funcionários que atuam por contratos temporários, poderia dificultar o desenvolvimento

⁷ Disponível em: <http://www.cidades.ibge.gov.br>

⁸ Disponível em: <http://www.cmecatalao.net.br/listadeunidadesescolares>

da pesquisa. Em contato com a Secretaria Municipal, foi nos informado de que uma escola, que possui a sala de leitura, estaria com a falta deste profissional por questões de afastamento médico, o que excluiu também a escola B.

Nossa propensão era desenvolver a pesquisa em uma escola que atende o ensino fundamental nos níveis I e II. Como as escolas C e D atendiam este critério, a escola C atendia até o 6º ano do Ensino Fundamental e a escola D atendia até o 8º ano, optamos pela escola que atendia até a maior série, o que também excluiu a escola C. Partimos para um contato com a escola D, pois atendia todos os critérios de inclusão/exclusão por nós definidos. Assim, foi apresentado, sucintamente, o projeto de pesquisa, realizada uma conversa informal e logo a gestora se prontificou emitindo a anuência necessária para a aprovação do CEP, mostrando-se entusiasmada com a realização da pesquisa. Diante do aceite e presteza, a escola foi selecionada como parceria na pesquisa.

1.2- Sobre as trilhas da pesquisa-ação: identificação, contratualização, planejamento e realização em espiral

Ao entrar em contato com o ambiente educacional o pesquisador pode, a partir das observações, coleta de dados e estudos bibliográficos evidenciar questões que precisam ser solucionadas, trabalhos que possam ser aprimorados e outros implementados. A pesquisa-ação possibilita não só a identificação e problematização dessas questões, mas ações que possam colaborar com os reais problemas encontrados no campo de pesquisa.

Para que o leitor se familiarize com os termos que foram utilizados na escrita do presente texto, estão dispostas, de maneira breve, algumas definições. A nomenclatura e seguimento das etapas da pesquisa-ação foram embasadas em Barbier (2007) em decorrência do tempo disposto para a pesquisa, o que não exclui as contribuições de Thiollent (2011), e são:

a) Identificação do problema

Esta etapa da pesquisa-ação é construída a partir da observação e da entrevista. Denominada por Thiollent (2011) de fase exploratória, esta etapa vai trazer o entendimento, desde a viabilidade da pesquisa ao diagnóstico dos possíveis problemas que desencadearão o tema-problema da pesquisa-ação.

De acordo com Barbier (2007) e Thiollent (2011) as fontes de informações (observação e entrevista) são esclarecedoras sobre as dificuldades em curso. A partir da problemática geral

da pesquisa e do início da construção dos dados é possível, de uma forma coletiva (pesquisador e sujeito da pesquisa) identificar as questões problemas que constituirão as ações colaborativas da pesquisa-ação.

Vale ressaltar que “na pesquisa-ação, a concretização do tema e seu desdobramento em problemas a serem detalhadamente pesquisados são realizados a partir de um processo de discussão com os participantes” (THIOLLENT, 2011, p.59). Nesta perspectiva dialógica é possível pensar e definir as ações que melhor alcançarão o problema. A observação e a entrevista atuam juntamente com este processo de diálogo para definir o próximo passo da pesquisa-ação.

b) Contratualização

Após o levantamento de algumas questões problema que podem ser geradoras das ações colaborativas parte-se para a contratualização que consiste em definir quais as ações, quantas e como serão desenvolvidas. Nesta etapa, como pontua Barbier (2007, p.20) é preciso que fique claro “as funções de cada um, o sistema de reciprocidade, as finalidades da ação, os encargos financeiros, a temporalidade, as zonas de transgressão e o código ético da pesquisa”. É imprescindível que nesta etapa todos os termos fiquem claros aos participantes da pesquisa-ação para não ocorrer falsas expectativas, ou se lançarem de maneira exagerada.

c) Planejamento das ações e realização destas em espiral

O planejamento de uma pesquisa-ação é muito flexível. Contrariamente a outros tipos de pesquisa, não se seguem uma série de fases rigidamente ordenada. Há sempre um vaivém entre várias preocupações a serem adaptadas em função de circunstâncias e da dinâmica interna do grupo de pesquisadores no seu relacionamento com a situação investigada. (THIOLLENT, 2011, p.55).

Após os períodos de observação e coleta de dados é elencado o tema/problema que dará origem a pesquisa-ação. O planejamento das ações é construído coletivamente e pode ser revisto durante o processo, bem como a realização das mesmas.

Tal situação ficou bem explícita na pesquisa, como por exemplo, quando tivemos que reorganizar alguns dos desdobramentos. Em alguns momentos da realização da pesquisa, tínhamos um plano de trabalho a ser realizado, mas pela indisponibilidade da sala de leitura, ou pela ausência do professor que nela atua, ou até mesmo por colocações dos alunos participantes

da pesquisa-ação, alterávamos o planejamento, a fim de alcançar, de uma forma plausível, os objetivos traçados para aquele dia.

Freire (1983, p.78) assevera que “o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado em diálogo com o educando, que, ao ser educado, também educa”. Nesta perspectiva tentamos a todo momento, nos relacionar a partir da dialogicidade, que afirma a realização da ação desta pesquisa-ação em espiral. Estabelecendo uma comunicação constante com os alunos, mediadores em formação, envolvidos na pesquisa.

1.3- Porque o caminho tem seu próprio tempo: as etapas da pesquisa-ação

Em uma fase preliminar à ida a escola, muito trabalho, muitas indagações foram dando corpo a pesquisa. Um esforço para não perder de vista o objeto de estudo que **é o processo de mediação de leitura realizado pelo profissional da sala de leitura** –SL, e manter o foco estruturando as ramificações deste estudo de maneira que contemplariam o objeto em maior totalidade possível. Desde a escrita detalhada do projeto de pesquisa, a construção teórico-metodológico e a definição dos termos e etapas, sempre na realização em espiral, tentando alcançar a compreensão de como se dá este processo de mediação e como algumas ações podem contribuir com esta mediação.

Para Thiollent (2011, p.61) “Quando os pesquisadores têm objetivos de pesquisa bem definidos, podem progredir no conhecimento teórico sem deixar de lado a resolução dos problemas práticos sem a qual a pesquisa-ação não faria sentido e não haveria participação”. Isto posto, tentamos a todo momento, nas etapas, na revisão bibliográfica, remeter-nos às especificidades desta pesquisa, que eram: Mapear os elementos e recursos constitutivos de uma SL e as articular com o processo de mediação que nesta ocorre; conhecer o profissional da sala de leitura, identificando como este compreende a leitura e a formação de leitores; e intervir a partir de ações que contribuíssem para o processo de mediação e formação de leitores/as.

É pertinente relatar também que a forma de inserção do pesquisador no grupo onde será realizada a pesquisa é fundamental. Tenho uma certa ambientação com a SL da escola onde atuo como professora, sendo servidora municipal há 12 anos o que potencializa algum conhecimento sobre os projetos de ensino e rotina escolar das escolas de uma maneira geral. Realizamos o exercício de nos afastar do objeto para depois nos reaproximar para estabelecer a conexão necessária para o desenrolar da pesquisa. A intenção era tornar o processo de ambientação o mais natural possível, por isso o exercício de despir de preconceções e de buscar relacionar de uma maneira colaborativa com o professor da sala de leitura.

Quanto ao tempo destinado a pesquisa, muitos autores, inclusive Barbier (2007) afirmam que este tipo de método (pesquisa-ação) seria inviável para ser desenvolvida em pouco tempo, pois, demanda muito tempo para desenvolver cada uma das etapas. O que nos trouxe uma visão realista da pesquisa, e nos atentamos para não lançarmos falsas expectativas. Tentamos manter a coerência com o tempo que dispúnhamos.

As etapas da pesquisa estão descritas, e foram realizadas num caráter orientador e não determinante, respeitando as previsões do cronograma da pesquisa, devidamente aprovado pelo CEP, no item construção de dados. São apresentadas, também no decorrer do texto, algumas fotografias, de caráter ilustrativo, captadas por celular da pesquisadora, realizadas mediante consentimento dos participantes.

1º- Observação

Para que a observação se torne um instrumento de pesquisa, como pontua Ludke e André (2013), “precisa ser antes de tudo controlada e sistemática. Isto implica a existência de um planejamento cuidadoso do trabalho e uma preparação rigorosa do observador. Planejar a observação significa determinar o que e como observar”. (LUDKE E ANDRÉ, 2013, p.29-30). Mas, por se tratar de uma pesquisa-ação e por compreender que a observação neste tipo específico de pesquisa, como ressalta Miranda (2012, p. 17) é, em sua essência, participativa, onde o pesquisador não se separa do objeto, antes interage com ele, objetiva e subjetivamente. Nesta perspectiva foi realizado um período de observação de duas semanas, orientado por um roteiro⁹ bem flexível.

As informações geradas pelo período de observação foram registradas em um diário de bordo e estão sistematizadas no corpo desta etapa. De uma forma mais sistematizada, as observações inicialmente foram programadas por duas semanas, sendo uma semana no horário matutino das 7:15 às 11:15 e uma semana no horário vespertino, das 13:15 as 17:00, a fim de cumprir todos os horários de funcionamento da sala de leitura. Fui informada que por dois turnos destes horários o professor responsável pela sala de leitura não estaria na escola, as terças-feiras no período matutino e as sextas-feiras no período vespertino, pois estes seriam os dias de folga do professor da sala de leitura (PSL).

Diante desta nova informação, após uma conversa com a equipe gestora da escola sobre a minha estadia na mesma, e até pelos objetivos da pesquisa que visavam acompanhar o trabalho

⁹ Ver apêndice 1.

desenvolvido pelo PSL, ficou firmado que eu iria realizar as observações por apenas 8 períodos, que ele tivesse na SL.

Os períodos de observações não foram realizados em dias consecutivos, por questões referentes a minha rotina de trabalho e a rotina de atividades da unidade escolar. Foi preciso ir ajustando os dias para que todos os horários fossem contemplados. Contudo a todo momento e contato com o ambiente SL, desde o contato para aceite até o término da pesquisa-ação, acolhi todas as percepções como dados importantes para reflexão no corpo desta pesquisa. Ressaltamos que a escola atende no período matutino turmas de 4º a 8º ano e no período vespertino, turmas de 1º a 4º anos.

Após a aprovação do Conselho de Ética em Pesquisa (CEP), iniciou-se a pesquisa na escola. No primeiro dia foi lido o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) juntamente com PSL, foram esclarecidas todas as indagações iniciais do participante da pesquisa, foi lhe informado à disposição da pesquisadora em esclarecer possíveis dúvidas durante o processo de realização da pesquisa-ação. Após esta conversa inicial, o participante assinou o TCLE. Posteriormente foi iniciado o período de observação, que após o primeiro dia teve que ser interrompido. Ao chegar na escola após o contato e coleta da assinatura do PSL para dar início aos períodos de observação no período matutino, fui informada que o professor responsável pela sala de leitura estaria hospitalizado. Devido a este impasse, o período de construção de dados (observação) teve uma pausa de 12 dias. Após o reestabelecimento da saúde do PSL, fui informada que ele já estaria retornando aos seus horários de trabalho regularmente. Diante disto, o período de observação foi iniciado.

Vale ressaltar que o período de observação foi pensado a partir de quatro pilares, buscando, a partir destes, um alcance às especificidades da pesquisa. O primeiro foi referente à caracterização do espaço SL. Pautava-se na compreensão de como os livros eram organizados, quais os tipos de materiais presentes neste espaço, como o espaço era organizado para a funcionalidade que se propõe e outros. O segundo pilar foi observar o funcionamento da sala, quem a frequentava e com qual frequência. O terceiro pilar foi o desenvolvimento das atividades e identificar se havia algum projeto que envolvia a comunidade escolar ou que se estendia para além dela.

Por fim, o quarto pilar focado no processo de mediação. Observar se ocorriam situações de interação de leitura entre professor/responsável pela sala de leitura e alunos, e como estes processos de mediação se davam.

Os períodos de observações ocorreram entre os dias 15 de abril de 2019 a 17 de maio de 2019¹⁰. A metodologia escolhida para o desenvolvimento da presente pesquisa exige uma familiaridade com o espaço em que a pesquisa se desenvolveu. Apesar de já ter uma ambientação com o espaço SL na unidade de ensino onde atuo como professora, não tinha esta ambientação na escola selecionada. O espaço de tempo em que foram desenvolvidos os períodos de observação foram suficientes para estabelecer um contato satisfatório com os alunos da unidade escolar, foi possível conhecer vários professores e presenciar várias atividades, não só referentes à leitura, mas, acolhidas, ensaios de quadrilha, recreação, preparativos para as atividades festivas, enfim, consegui estreitar os laços de acolhimento o que facilitou o desenvolvimento da pesquisa.

Logo no primeiro contato com os professores da unidade escolar na SL, fui apresentada pelo PSL como colaboradora das atividades de leitura realizadas na escola. A todo momento me senti acolhida pelo PSL, pelos funcionários da secretaria da escola, que me recebiam sempre com muita presteza, e por parte dos alunos da escola, os quais colaboraram de uma maneira especial para a realização da pesquisa.

Realizada a observação, partimos para a entrevista semiestruturada.

2º- Entrevista

Para Ludke e André (2013, p.30), a entrevista e a observação ocupam um lugar privilegiado nas pesquisas no campo educacional.

Usada como o principal método de investigação ou associada a outras técnicas de coleta, a observação possibilita um contato pessoal e estreito do pesquisador com o fenômeno pesquisado, o que apresenta uma série de vantagens. [...] A observação direta permite também que o observador chegue mais perto da perspectiva do sujeito, um importante alvo nas abordagens qualitativas. Na medida em que o observador acompanha in loco as experiências diárias dos sujeitos, pode tentar apreender a sua visão de mundo, isto é, o significado que eles atribuem a realidade que os cerca e às suas próprias ações. (LUDKE; ANDRÉ, 2013, p. 30-31).

Tínhamos no ambiente escolar várias pessoas que poderiam compor a escolha de pessoas entrevistadas, como a equipe gestora, as professoras regentes, o profissional da sala de

¹⁰ Ver apêndice 5.

leitura e até os próprios alunos, mas, por conta do objeto de pesquisa e o sujeito envolvido optamos por selecionar para entrevista apenas o professor responsável pela SL.

Definindo a amostragem de participantes diretamente envolvidos na construção da pesquisa-ação (no que se refere ao instrumento entrevista), que seria apenas um, foi realizada a entrevista semiestruturada em dois blocos com os objetivos de conhecer um pouco da visão deste profissional sobre o processo de mediação na sala de leitura; quais as concepções que ele tem com relação a formação de leitores; e conhecer suas práticas e conclusões pós-intervenção.

3º- Realização da entrevista – Bloco 1

A realização do primeiro bloco de entrevista se deu logo após os dois períodos de observação da SL. Ocorreu de forma tranquila, sem interrupções. Foi possível desenvolver a entrevista atendendo ao roteiro¹¹, previamente construído para contribuir com a problemática da pesquisa.

A transcrição dos dados da entrevista foi previamente autorizada, bem como a divulgação do conteúdo. Parte do conteúdo da entrevista está disposto a partir do capítulo 2, a fim de trazer uma reflexão sobre as concepções e práticas do profissional da sala de leitura e também comentar o desenvolvimento da ação colaborativa que foi desenvolvida na pesquisa-ação.

4º- Construção da ação colaborativa

A construção da ação colaborativa foi realizada coletivamente entre a pesquisadora e o PSL. Foram realizados 02 encontros para definir a ação que melhor contemplaria a resolução dos problemas percebidos na observação e entrevista. O professor da sala de leitura demonstrou interação nas colocações que dariam origem à ação e iniciativa. De forma sutil, em alguns momentos tive que verbalmente contê-lo com relação às expectativas da pesquisa-ação, devido ao tempo que dispúnhamos. As ideias primeiras eram a todo momento inserir toda a comunidade escolar na ação, mas tivemos que direcionar o trabalho de forma que este fosse viável.

Considerando que dentro da metodologia adotada, a ação é realizada em espiral, e mediante o tempo que dispúnhamos para realização da pesquisa-ação, optamos por desenvolver

¹¹ Ver apêndice 3.

uma ação com 3 desdobramentos, todos contemplando os objetivos da pesquisa-ação e desenvolvendo a partir do movimento, visto que a pesquisa-ação é, “um procedimento dinâmico de ação, reflexão, ação-refletida” (MIRANDA, 2012, p.17).

No momento da construção da ação, como será devidamente apresentado nos próximos capítulos, ficou acordado que o número direto de participantes da pesquisa passaria por alterações. Foram incluídos 6 alunos do ensino fundamental II, como mediadores em formação.

Feita esta conversa inicial foi apresentado o TCLE e TALE, lido os documentos junto com eles e solicitado que levassem para suas casas para os pais lerem. Foi dito que aqueles que fossem participar, que estaríamos esperando-os na Sala de Leitura na data e horários indicados (no contra turno) com os documentos assinados.

A ação teve início no mês de maio de 2019 e percorreu durante dois meses consecutivos, sendo finalizada na última semana do mês de junho de 2019. A ação colaborativa e seus desdobramentos, bem como as reflexões sobre sua realização, estão devidamente descritas no capítulo 3 e 4.

5º-Realização da entrevista - Bloco 2 e roda de conversa com os mediadores

Para compor as reflexões desta pesquisa tínhamos traçado inicialmente uma segunda entrevista semiestruturada com o professor da sala de leitura que foi realizada no término da realização das ações, a partir da qual objetivávamos encontrar elementos para tecer as análises finais da pesquisa. De fato, encontramos muitos elementos que nos trouxeram uma devolutiva em relação ao trabalho, por parte do PSL. Mas, como pela realização em espiral, nos colocamos em contato maior e direto com os alunos mediadores, acrescentamos um encontro final com estes para ouvi-los sobre o projeto de formação e prática de mediação que eles participaram.

Enfim, o caminho entre o planejamento e a execução da pesquisa se fez também a partir de ajustes e reorganização. Nesse caminhar, algumas descobertas, dentre elas a sala de leitura e a voz do mediador que nela atua, em que se percebe algumas concepções e expectativas que serão apresentadas no capítulo seguinte.

CAPÍTULO II

A SALA DE LEITURA E O PROFISSIONAL QUE NELA ATUA: O QUE VI E OUVI

Que as salas de leitura nas escolas sejam poupadas da humilhação de se transformarem em depósitos, em salas de castigo ou em salas de televisão.

Marlene Carvalho¹²

Com esta colocação de Carvalho encetamos o presente capítulo, sugerindo uma reflexão sobre a utilização adequada dos espaços, biblioteca escolar e sala de leitura, designados como ambientes formativos de leitores. Já foi posto que as escolas brasileiras em sua grande parte, não possuem bibliotecas escolares como dispostas na legislação¹³, mas algumas destas escolas possuem o ambiente denominado sala de leitura, que também possuem padrões de utilização, por vez, não sistematizados como bibliotecas, o que não os exime de adequar-se a padrões ideais de funcionamento.

A biblioteca escolar trará benefícios para o contexto escolar se não for tratada como peça decorativa, mas como um organismo vivo que emana para toda a comunidade escolar possibilidades distintas de conhecer, de sedimentar o que já se sabe, de refletir e ampliar a compreensão de mundo dos alunos (SILVA, R. 2009, p.118).

Reflexão esta que pode introduzir os objetivos deste capítulo. Optamos por tentar alcançar neste capítulo, duas especificidades da pesquisa, que se pautavam em: mapear os elementos e recursos constitutivos de uma sala de leitura e as articulações que nesta ocorrem no processo de mediação e formação de leitores; e conhecer o profissional da sala de leitura, identificando como este compreende a leitura, a formação de leitores e o processo de mediação.

Em um caráter introdutório, dispomos de uma breve exposição da constituição histórico-cultural destes espaços, posteriormente o que dizem os documentos e regulamentos sobre a utilização destes e uma explanação da “nossa sala de leitura”, ou seja, como é a sala de leitura

¹² CARVALHO, Marlene. Alfabetizar e letrar: um diálogo entre a teoria e a prática. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009 p.13.

¹³ Lei nº 12244, de 24 de maio de 2010. Dispõe sobre A Universalização das Bibliotecas nas Instituições de Ensino do País.

selecionada para o desenvolvimento da pesquisa. Uma descrição que vai desde seus aspectos físicos aos seus padrões de funcionamento, os quais, a luz de alguns teóricos, proporcionaram algumas análises.

Subsequente a discussão sobre a sala de leitura e as articulações que nela ocorre, trazemos também, a fim de cumprir a segunda especificidade de nossa pesquisa, que era conhecer o profissional da sala de leitura, algumas de suas concepções e questões referentes ao processo de mediação de leitura realizado por este. Apresentamos ainda outro subitem, pontuando, de forma geral, algumas discussões teóricas sobre a função e atuação deste profissional, e de uma forma mais próxima, algumas informações sobre o “nosso profissional da sala de leitura”.

Tais reflexões foram sendo construídas a partir dos períodos de observação e da entrevista semiestruturada realizada com o professor da sala de leitura (PSL) da escola selecionada para a realização da pesquisa.

2.1- A constituição dos espaços de leitura: biblioteca escolar e sala de leitura

A biblioteca, de acordo com Moraes (2013, p.13), é de costume, associada a um lugar silencioso, de erudição, empréstimos de livros e aplicação de punições.

Fazemos parte de uma sociedade que desde tempos remotos considera o silêncio na biblioteca um aspecto positivo e essencialmente inerente a este espaço marcado por processos de exclusão e seleção: na Idade Antiga pouquíssimas e privilegiadas pessoas tinham acesso aos materiais nele depositados, uma vez que neste momento histórico o objetivo da biblioteca não era permitir acesso ao seu acervo, mas garantir a preservação da memória que ali se materializava em livros (papiros e pergaminhos) que ao longo dos anos só poderiam ser consultados por um grupo célebre de pessoas. O objetivo de garantir a preservação da memória, como finalidade das bibliotecas, fez-se e ainda faz-se presente nas Bibliotecas Nacionais que tinham e têm como um de seus fins salvaguardar idealmente a maior quantidade possível da produção impressa. (MORAES, 2013, p.15)

Para que estes lugares sejam usados como “espaços críticos de formação de leitores” como sugere Freire (2011), é necessário desconstruir esta visão quase sacra, principalmente em ambientes escolares. Muitas vezes vemos um espaço de leitura que até dispõem de um acervo considerável, mas que isoladamente, não garante a formação de leitores. Os espaços já são ínfimos, o que reforça a necessidade de haver um trabalho relevante, que consiga alcançar os alunos, e se tornar um ambiente formador de leitores.

Com base na reflexão sugerida por Moraes (2013), de observações e vivências nos espaços destinados à leitura, podemos problematizar o uso destes hoje. A herança disseminada histórica e culturalmente, é ainda bem presente nos espaços de leitura, possivelmente e visivelmente vivenciada quando um aluno adentra nestes espaços. Uma das primeiras vezes que ele ouve nesse ambiente, o direciona para o silêncio e não para o diálogo, essencialmente necessário para a formação de um leitor crítico, o que nos remete a função que o PSL ocupa, que pode ser de mediador ou de regulador.

Esta influência histórica e cultural geriu a criação e o uso circunscrito das bibliotecas, superados de maneira timidamente no final do século XIX até metade do século XX.

Mesmo de maneira um pouco retraída, nas décadas de 1990 e 2000 destacaram-se algumas políticas de desenvolvimento da leitura no Brasil. E estas mesmo que timidamente colocam a biblioteca escolar como um espaço importante na formação do leitor.

Conceber a biblioteca escolar como um depósito de livros pouco atraente, desencantado e triste, gerido algumas vezes por profissionais não habilitados ou desinteressados que se veem obrigados a trabalhar com algo para o qual não foram preparados ou tão pouco desejavam, é dar lugar a uma visão ultrapassada e limitadora de biblioteca escolar, visto as potenciais ações que deste espaço educacional emergem por meio do trabalho de mediação e de orientação à apropriação e uso das informações, que concebemos como mediação pedagógica, principalmente quando realizada por meio desse espaço educacional e informacional. (MORAES, 2013, p.51).

Inerente às concepções e questões organizacionais referentes ao uso e formas de uso dos espaços de leitura, bibliotecas escolares e salas de leitura está a necessidade de um equilíbrio, de adequação do uso aos objetivos que se quer alcançar com as ações desenvolvidas. O que melhor responde ao leitor que se quer formar.

A biblioteca escolar precisa ser percebida como um ambiente de formação de leitores e pesquisadores, e os profissionais que nela atuam devem criar em torno das ações de leitura e pesquisa um clima de liberdade e ludicidade, porém para isso esses profissionais têm a difícil tarefa de estabelecer o limite entre a permissividade e autoridade. (ALMEIDA JUNIOR e BORTOLIN 2009, p.206)

Desta forma é elementar que seja estabelecido um ponto de equilíbrio na prática do profissional que atua nos espaços de formação de leitores. Equilíbrio que acreditamos ser possível a partir de uma prática dialógica na educação.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de Língua Portuguesa (1997), as bibliotecas escolares, as bibliotecas organizadas no espaço da sala de aula, e demais

espaços de leitura são descritas no documento como fundamentais para que se desenvolva a formação de leitores. Nestes espaços é necessário que sejam disponibilizados aos alunos textos dos mais variados gêneros em seus respectivos suportes, tais como “livros de contos, romances, poesia, enciclopédias, dicionários, jornais, revistas, livros de consulta das diversas áreas do conhecimento, almanaques, revistas de literatura de cordel, textos gravados em áudio e em vídeo, entre outros.” (BRASIL, 1997, p.61) E não somente disponibilizar este material, mas proporcionar seu uso adequado.

Carvalho (2008, p.22-23) assevera que para que a biblioteca escolar, ou sala de leitura, como aqui nos referimos seja configurada como um ambiente formador de leitores são necessários que se constituam a partir de três elementos:

Uma coleção de livros, e outros materiais, bem selecionada e atualizada; um ambiente físico concebido como espaço de comunicação e não apenas informação, que leve em conta a corporalidade da leitura da criança e do adolescente, isto é, os seus modos de ler; e por último, mas não menos importante no processo de promoção de leitura, a figura do mediador. (CARVALHO, 2008, pp.22-23)

Em concordância com Carvalho, trazemos também o espaço de leitura ideal traçado por Almeida Júnior e Bortolin (2009) a partir dos seguintes aspectos: acervo atualizado e diversificado; serviços e atividades apropriados, condizentes com a faixa etária dos alunos; uma boa localização; mobiliário confortável; uma decoração agradável; e uma boa iluminação e ventilação. Quanto aos profissionais que atuam nos espaços de leitura, este devem ser “empáticos e versáteis, pois quando um profissional se coloca no lugar dos seus educandos, torna-se também um aprendiz e o resultado dessa postura se revela no trabalho de um mediador mais flexível, interessado e respeitoso” (ALMEIDA JÚNIOR E BORTOLIN, 2009, p.207).

2.2- O que dizem os documentos e a “nossa sala de leitura”

Procuramos neste subitem dar destaque ao que dizem alguns documentos, sobre a sala de leitura. Como deve ser o ambiente físico, a organização do acervo bem como as atividades desenvolvidas no interior desta. Dentre os documentos oficiais que orientaram esta pesquisa e algumas reflexões propostas aqui, destacam-se o Programa Sala de Leitura (PNSL), Programa Nacional do Livro didático (PNLD), Programa Nacional de Incentivo à Leitura (PROLER), Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LEDBEN) nº. 9394/96, Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL), Plano Nacional de alfabetização na Idade Certa (PNAIC) e a Lei 12.244/2010.

Partiremos seguindo a ordem cronológica de alguns documentos oficiais, trazendo o que cada documento diz a respeito da sala de leitura e seu funcionamento, e propondo algumas reflexões subsidiadas na constituição da “nossa sala de leitura”. Antecipamos que alguns documentos tratam da leitura de uma forma geral, e não da sala de leitura, de uma maneira específica, porém ao refletir de maneira geral na leitura e nos programas de leitura, podemos nos remeter também aos ambientes, aqui chamados de formativos, e em sua contribuição para que ocorra uma profícua formação de leitores. Outros documentos dispõem sobre o uso adequado das bibliotecas escolares, disposições estas que também nos auxiliam quanto à compreensão da sala de leitura.

Por várias décadas, de acordo com Berenblum (2006, p.11), “a atuação do Ministério da Educação no campo do livro de circulação escolar dirigiu-se, preferencialmente, ao segmento de livros didáticos”. Só a partir dos anos 1980 é que foram implementadas as primeiras ações voltadas para a biblioteca escolar e para o incentivo à leitura e à formação de leitores, que de acordo com Paiva, (2012, p.13) eram “de caráter assistemático e restrito”, afetadas pela descontinuidade das políticas públicas que eram alteradas conforme as concepções administrativas vigentes no país.

No que se refere à políticas públicas voltadas para a leitura, constata-se que o primeiro programa desenvolvido para proporcionar a circulação de obras literárias no ambiente escolar foi o *Programa Sala de Leitura - PNSL*, instituído pela resolução n.º 14 de 26 de julho de 1984, constituindo a sala de leitura como um espaço alternativo para acomodação, circulação e uso de forma criativa do acervo literário disponibilizado (FERNANDES,2013, p.44). Conforme Araújo e Silva (2018), em 1985, o governo federal criou o Programa Nacional do Livro didático- PNLD¹⁴ que, ao distribuir livros didáticos refletiu diretamente na composição do acervo das bibliotecas escolares. Em 1992 foi criado o PROLER, que visava a valorização social da leitura. Em 1996, foi revista e ampliada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e em 1997 foram criados os PCNs, que tratam mais diretamente dos espaços de Leitura. (ARAÚJO JÚNIOR; SILVA, 2018).

De acordo com os PCN de Língua Portuguesa, “formar leitores é algo que requer condições favoráveis, não só em relação aos recursos materiais disponíveis, mas, principalmente, em relação ao uso que se faz deles nas práticas de leitura”. (BRASIL,1998, p.71).

¹⁴ PNLD- Disponível em: [http:// www.fnde.gov.br](http://www.fnde.gov.br)

Neste sentido, é necessário que os espaços disponíveis, ainda que não sejam na configuração de biblioteca escolar, mas de sala de leitura, devem ser utilizados de maneira que contemplem e possibilitem a formação deste leitor. “A escola deve dispor de uma biblioteca em que sejam colocados à disposição dos alunos, inclusive para empréstimo, textos de gêneros variados, materiais de consulta nas diversas áreas do conhecimento, almanaques, revistas, entre outros”. (BRASIL, 1998, p.71)

Concomitante, em 1997, foi instituído o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) voltado para o incentivo à leitura e a distribuição de acervos às bibliotecas escolares. O PNBE teve como principal objetivo, “democratizar o acesso a obras de literatura brasileira e estrangeiras infantis e juvenis, além de oferecer materiais de pesquisa e de referência a professores e alunos das escolas públicas brasileiras” (PAIVA, 2012, p.14)

Em agosto de 2006, por meio da Portaria 1.442/2006, o governo federal instituiu o Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL)¹⁵, que foi organizado a partir de quatro eixos principais: 1- Democratização do acesso; 2- fomento à leitura e à formação de leitores; 3- valorização do livro e da comunicação; 4- desenvolvimento da economia do livro. (BRASIL, 2006, p.12).

De acordo com Marques Neto (2010) quanto ao segundo eixo, o PNLL teve entre suas proposições a criação de:

Programas de capacitação de educadores, bibliotecários e outros mediadores da leitura. Projetos especiais com universidades e centros de formação de professores. Cursos de formação de educadores com estratégia de fomento à leitura e de estudantes que se preparam para o magistério em literatura infanto-juvenil. Ampla utilização dos meios de educação a distância para formação de promotores de leitura em escolas, bibliotecas e comunidades. (MARQUES NETO, 2010, p.53).

Para tal, tem entre seus objetivos fomentar a formação de mediadores e agentes de leitura e a expansão permanente do número de salas de leitura e ambientes diversificados voltados à leitura (MARQUES NETO, 2010).

Em 24 de maio de 2010, foi sancionada a Lei 12.244 que “Dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do País” (BRASIL, 2010). Que previa que num prazo máximo de 10 anos todas as instituições de ensino, públicas e privadas, tivessem a biblioteca escolar. O art.2º dispunha de coleção de livros, materiais videográficos e documentos registrados em qualquer suporte destinados a consulta, pesquisa estudo ou leitura.

¹⁵ BRASIL. Ministério da Educação. Portaria Interministerial n. 1442, de 10 de agosto de 2006. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Seção 1, Brasília, DF, n. 154, p. 18-19, 11 de ago. 2006.

A lei assegurava também que se respeitasse a profissão do bibliotecário, conforme consta no Art. 3º

Os sistemas de ensino do País deverão desenvolver esforços progressivos para que a universalização das bibliotecas escolares, nos termos previstos nesta Lei, seja efetivada num prazo máximo de dez anos, respeitada a profissão de Bibliotecário, disciplinada pelas Leis n.º 4.084, de 30 de junho de 1962, e 9.674, de 25 de junho de 1998. (BRASIL, 2010).

Com base na implementação da Lei nº 12.244 de 2010, Campello (2010) na elaboração do documento *Biblioteca escolar como espaço de produção do conhecimento: parâmetros para criação e avaliação de bibliotecas escolares*¹⁶, traça padrões para criação e aperfeiçoamento de bibliotecas escolares brasileiras. O documento ressalta que: biblioteca deve contar com espaço físico exclusivo, suficiente para acomodar o acervo, os ambientes para serviços e atividades para usuários, os serviços técnicos e administrativos; possuir materiais informacionais variados, que atendam aos interesses e necessidades dos usuários; ter acervo organizado de acordo com normas bibliográficas padronizadas, permitindo que os materiais sejam encontrados com facilidade e rapidez; fornecer acesso à informações digitais; funcionar como espaço de aprendizagem; ser administrada por bibliotecário qualificado, apoiado por equipe adequada em quantidade e qualificação para fornecer serviços à comunidade escolar.

Em pesquisas realizadas, Campello (2011, p.106) destaca também que “com relação às bibliotecas já existentes, o documento de avaliação do PNBE mostrou que em grande parte das escolas, a chamada biblioteca era apenas uma sala de leitura ou um cantinho com livros”. Fato que se assemelha à nossa realidade local. A maioria dos funcionários das unidades escolares do município de Catalão refere-se à sala de leitura como biblioteca escolar e o professor da sala de leitura como bibliotecário.

Realidade que não vamos nos ater com tanta precisão, tendo em vista que o foco de nossa pesquisa é o uso que se faz dos espaços de leitura, bem como o processo de mediação que neles ocorrem, e não na nomenclatura, não desconsiderando que esta seja carregada de ideologias.

A escola que foi selecionada para realização desta pesquisa não possui o espaço configurado como biblioteca escolar, mas sala de leitura, aqui chamada de “a nossa sala de leitura”.

¹⁶ Biblioteca escolar como espaço de produção do conhecimento: parâmetros para criação e avaliação de bibliotecas escolares. Disponível em: [http://www.cfb.org.br/Use Files/File/projetos/MIOLO.pdf](http://www.cfb.org.br/Use%20Files/File/projetos/MIOLO.pdf).

A “nossa sala de leitura” é um espaço ativo na escola. Tem horários de funcionamento pré-definidos nos dois turnos em que a escola está aberta, matutino e vespertino. E conta, na maior parte de seu horário de funcionamento com o professor da sala de leitura (PSL). Somente em dois horários na semana, na terça-feira pela manhã e na sexta-feira à tarde, o PSL não está presente na SL. Nestes horários o espaço e os recursos presentes na SL¹⁷, são disponibilizados aos responsáveis pelo trabalho com a inclusão de alunos com necessidades especiais.

Como já referido anteriormente, no capítulo metodológico, a observação foi realizada nos dois horários de funcionamento da escola, a fim de contemplar o maior número de atividades possíveis desenvolvidas pelo PSL no ambiente sala de leitura.

Nos períodos de observação, tive a oportunidade de participar de várias atividades de contação, empréstimos e mediação de leitura, realizados pelo PSL e também foi possível atender a uma especificidade da pesquisa que era mapear os elementos constitutivos da sala de leitura e como estes elementos são articulados no trabalho realizado na sala, na mediação e formação de leitores.

Figura 1 - Sala de Leitura



Fonte: Autora, 2019.

No que se refere ao espaço físico foi constatado que a SL é parcialmente adequada para o atendimento aos alunos. A sala é um ambiente com boa luminosidade, um espaço relativamente bom para o trânsito de alunos, é climatizada, possui mesas com cadeiras, um espaço para que as crianças se sintam mais à vontade para ouvir histórias, porém pequeno.

¹⁷ Ver apêndice 2.

Em alguns momentos, observando a contação de histórias, percebi que aproximadamente dois terços dos alunos se acomodavam em um tapete disposto no chão da SL, se escorando em algumas almofadas e o restante se sentava no chão, sem tapete e sem almofadas, o que gerava um pouco de transtorno na acomodação dos alunos.

A sala possui um acervo razoável, porém os livros não são catalogados. Em entrevista com o PSL, ele esclareceu que a sala de leitura é um ambiente novo na escola, foi organizada no ano de 2018:

Eu gosto dela. É um espaço maior. É a única sala que tem ar condicionado, por enquanto, lá está sempre fresquinho. E a gente tentou montar ao máximo, um ambiente bem agradável. E outra coisa, a gente montou sem comprar nada, só com que já tinha na escola. A Daniela cedeu a sala e a gente montou. E o bom também é que aqui tem outros espaços, a gente já usou a sala de leitura aqui no corredor, no refeitório, o espaço no rol de entrada da escola, então a gente não fica só preso dentro da sala. Quando tem alguma outra proposta a gente corre e arruma os lugares que dá pra fazer “(PSL, 2019).

Diante desta informação, ficou claro que a sala de leitura não recebeu nenhuma mobília, apenas foram reorganizados móveis de outros espaços da escola e direcionados para a SL. Com relação ao tapete, almofadas e pelúcias foram trazidos pelos funcionários da escola. Quanto ao acervo, na escola já tinha alguns livros, revistas e materiais de pesquisa, visto que tinha prateleiras com este material, em uma sala onde funcionava a biblioteca escolar juntamente com a coordenação. Quando a escola foi comunicada que não haveria mais o espaço da biblioteca escolar, e que agora este espaço seria chamado de SL, e deveria ser um espaço aconchegante para o desenvolvimento das atividades de leitura com os alunos, os funcionários da escola se organizaram para criá-lo.

Outra coisa interessante, que a gente fez com os 6º anos, fomos na sala e pedimos livros, aqueles que podiam doar, livros que tinham em casa, que já leram, os professores também doaram, para os pais saberem da biblioteca. No ano passado tentei fazer um projeto, “Pais que leem”. Alguns participaram e depois não quiseram. Como tem muitos que chegam aqui antes das 11, para eles entrarem na biblioteca e ficarem aqui lendo comigo, e depois lerem para os filhos, se tiver algum livro que tem interesse, para estarmos conversando, alguns pais foram, mas só por pouco tempo (PSL, 2019).

Fato que entra em concordância com Moraes (2013). Como aponta o autor, os espaços alternativos de leitura ou salas de leitura são em sua grande parte organizados pela própria

comunidade escolar e apresentam um enorme potencial “como espaços estéticos de realização de práticas de letramento e dinamização da leitura”, (MORAES, 2013, p.19). Contudo, ressalta-se a falta de investimento e compromisso público com a constituição desse ambiente cabendo aos professores e demais membros da comunidade escolar a tarefa e o ônus dessa organização.

O PSL relatou que antes de organizarem o espaço SL, o acervo literário e de pesquisa ficava em uma sala destinada ao funcionamento da biblioteca escolar e sala de coordenação pedagógica, e que este acervo era pouco utilizado. O PSL relatou que por problemas na estrutura do prédio uma grande parte do acervo foi prejudicada, visto que em um período chuvoso o teto cedeu molhando grande parte do acervo.

Figura 2 - Sala de Leitura- Livros didáticos



Fonte: Autora, 2019.

A escola já possuía alguns livros literários e foi feita uma campanha de arrecadação junto à comunidade escolar para aumentar o acervo. De acordo com o PSL, houve uma participação geral, dos funcionários, pais e alunos em prol da arrecadação de livros. Na escola o último recebimento de livros, por parte do governo federal, ocorreu no ano de 2014, através do PNAIC, que teve, “no âmbito de suas ações a distribuição de acervos literários do PNLD- Alfabetização na Idade Certa- para ficarem nas salas de aula, das turmas de 1º ao 3º ano” (BRASIL, 2015). Como assevera o PSL, grande parte do acervo da sala de leitura é composto pelas obras que foram enviadas nas caixas do PNAIC. Este acervo foi enviado para ficar nas salas de aula, mas pelo diminuto acervo que a escola possui, eles acabaram migrando para os espaços, biblioteca escolar e sala de leitura.

A composição do acervo de bibliotecas escolares, considerando-se a função mais ampla que deve exercer em sua comunidade, deve garantir o acesso a obras diversificadas, voltadas tanto para crianças, adolescentes e jovens, quanto para professores e demais profissionais das escolas, como para adultos e pessoas das comunidades. Entende-se uma composição de acervo adequada e que disponha de: obras de referência - enciclopédias, dicionários, atlas, gramáticas; obras de ficção - contos, fábulas, poesias, romances (de aventuras, policiais etc.), biografias e autobiografias, teatro; documentários - ensaios, relatos de viagem, livros de arte, culinária, variedades, paradidáticos, livros técnicos (leituras teóricas para o professor), documentos oficiais e curriculares, manuais; periódicos - jornais e revistas (de informação geral, técnicas, histórias em quadrinhos, especializadas, de divulgação científica); e outras coleções - coleções especiais voltadas para interesses regionais (sobre o estado, o município etc.), para o atendimento a projetos pedagógicos das escolas, ou de natureza diferenciada, como fotografias, mapas, reproduções de obras de arte, cartões postais etc. (BERENBLUM, 2006, p.32-33).

Neste sentido podemos afirmar que a “nossa sala de leitura”, no que se refere ao acervo, está parcialmente adequada¹⁸.

Figura 3 - Sala de leitura/ acervo 1º a 5º ano



Fonte: Autora, 2019

Possui um acervo razoável, mas o acesso ao mesmo fica dificultado por conta da organização do acervo e das atividades desenvolvidas na sala.

O planejamento dos espaços de leitura, de acordo com Caldeira “deve ser feito em função do acervo e do uso que se pretende dele fazer”. (CALDEIRA,2008, p.48). Tais espaços deveriam, de acordo com o autor, além de abrigar o acervo geral, dispor de locais específicos

¹⁸ Ver apêndice 2.

de estudo individual, outros para o uso de equipamentos tecnológicos e projeção de imagens, além de um lugar destinado para o acervo infantil e o desenvolvimento de atividades para esta faixa etária. O autor deixa claro que a organização do espaço de leitura desta forma seria a organização ideal mas pontua que “se esse ideal não for possível, será necessário planejar criteriosamente as atividades na biblioteca, otimizando-se o uso dos locais disponíveis”. (CALDEIRA,2008, p.48)

Figura 4 - Sala de Leitura: Estante e mesa do PSL.



Fonte: Autora, 2019.

Identificamos, a partir das observações que a SL é um espaço multifuncional. Não é utilizada somente para atividades de leitura, o espaço é utilizado para realização de projetos desenvolvidos na escola, atendimento às atividades de inclusão e outras. Neste sentido, em concordância com Caldeira (2008), acreditamos também que o ideal não seria esta organização multifuncional, mas que a escola deveria dispor de espaços destinados às atividades que se propõem nela fazer, mas essa não é a realidade da escola onde desenvolvemos a pesquisa, tampouco das escolas de nossa cidade.

A “nossa sala de leitura” é o espaço onde os alunos vão para ler, para fazer empréstimos de livros, para assistir filmes, para ouvir palestras, para realizar atividades de artes, atividades de inclusão, e ainda, a sala é utilizada para outros fins como reuniões com estagiários (PIBID e Residência Pedagógica), professores e demais atividades da escola. Em meio a esta gama de atividades a prática de leitura, que deveria ser a atividade primária da SL, muitas vezes fica prejudicada.

Figura 5 - Material de apoio ao professor

Fonte: Autora, 2019.

No que se refere aos horários de funcionamento, a SL possui horários pré-determinados pelo PSL, resumidos no quadro a seguir:

Quadro 1- Horário de funcionamento da Sala de Leitura

HORÁRIO DE FUNCIONAMENTO DA SALA DE LEITURA		
DIAS DA SEMANA	TURNO	
	MATUTINO	VESPERTINO
SEGUNDA-FEIRA	Atendimento às turmas de 5° anos (A, B, C, D e E)	Atendimento às turmas de 1° e 2°ano.
TERÇA-FEIRA	Inclusão (Atividades realizadas pelos professores de apoio dos alunos com necessidades especiais)	Continuidade no atendimento das turmas de 1° e 2°ano. Atendimento das turmas de 3° ano.
	Folga do PSL	
QUARTA-FEIRA	Horário livre. (Neste horário não tem nenhuma turma fixa e o agendamento da sala de leitura pode ser feito por qualquer uma das turmas. Geralmente é utilizada para passar filme para os alunos)	Horário livre. (Não tem neste horário nenhuma turma pré-agendada, mas a sala de leitura é utilizada para a realização de um projeto do PIBID, do curso de Letras da UFG- Regional Catalão).
QUINTA-FEIRA	Atendimento às turmas de 4° ano (A, B e C)	Atendimento à turma de 4° ano (D). Atendimento às turmas de 3° ano.
SEXTA-FEIRA	Atendimento das turmas de 6° ano ao 8° ano.	Inclusão

		(Atividades realizadas pelos professores de apoio dos alunos com necessidades especiais) Folga do PSL
--	--	--

Fonte: Autora, 2019.

Evidenciou-se pela fala do PSL e pelos períodos de observação que essa proposição de horários, não se concretiza em sua totalidade.

No período matutino, nas segundas-feiras a SL é reservada para uso das turmas de 5º anos. A partir do período de observação e do caderno de registro de empréstimo de livros que estas turmas são assíduas na SL. Eles frequentam regularmente a sala de leitura para ouvir histórias, para lerem e para fazerem empréstimos de livros. Todas as 5 turmas de 5º anos presentes na escola tem uma boa participação. Nas terças-feiras, o PSL não está presente na SL, e o espaço é realizado pelo pessoal que trabalha na área da inclusão. Nas quartas-feiras, o horário é livre, e nas observações, presenciei novamente alunos dos 5º anos fazendo devoluções e empréstimos de livros literários. Nas quintas-feiras o horário prevê o atendimento aos alunos dos 4º anos, turmas A, B e C, e com base nos períodos de observação e no caderno de registro de empréstimos, percebemos que essas turmas também são assíduas. Às sextas-feiras são reservadas para os alunos do ensino fundamental 2, turmas de 6º, 7º e 8º anos. Estas são as turmas que mais realizam empréstimos de livros da SL.

No período vespertino, nas segundas-feiras, a SL é reservada para as turmas de 1º e 2º anos e durante toda minha estadia na unidade escolar, não presenciei nenhuma turma de 1º ano na sala de leitura, (somente no desenvolvimento da ação, da pesquisa-ação, uma das turmas esteve na SL. Esclarecemos que foi convidada pela pesquisadora a ir para a sala de leitura). Com relação as turmas de 2º ano, presenciei alguns momentos de leitura, realizados pelo PSL, mas que não ocorreram somente no dia previsto. Nas terças-feiras a SL é reservada para as turmas de 3º anos e, também não presenciei nenhuma atividade desenvolvida com tais turmas. Nas quartas-feiras, apesar da sala de leitura estar com horário livre de funcionamento, ela foi por algumas vezes, utilizada para o desenvolvimento de atividades do PIBID. Às quintas-feiras são reservadas para as turmas de 3º ano e uma turma de 4º ano, turma D.

Figura 6 - Mediação realizada pelo professor da sala de leitura



Fonte: Autora, 2019

Durante o período de observação notei que a turma de 4º ano é assídua na SL e realiza empréstimos de livros, semanalmente.

Também utilizam a SL para atividades de produção escrita referentes a obras literárias trabalhadas. Nas sextas-feiras, o PSL não está presente na SL, ficando esta disponibilizada para atividades da inclusão. De acordo com PSL, os professores de apoio, que trabalham na área da inclusão, utilizam o espaço SL para o desenvolvimento de jogos, ações de interação e atividades de habilidades manuais e artísticas.

Campello (2008) ressalta que:

Os PCNs entendem que a biblioteca é um espaço apto a influenciar o gosto pela leitura. Recomendando que ela seja um local de fácil acesso aos livros e materiais disponíveis, o documento sugere que a escola estimule o desejo de se frequentar esse espaço, contribuindo, dessa forma, para desenvolver o apreço pelo ato de ler. (CAMPELLO, 2008, p.17).

Neste sentido, com base nos parâmetros que orientam as atividades de Língua Portuguesa na escola, pode-se afirmar que há uma necessidade de chamar mais atenção para os espaços de leitura (biblioteca escolar e sala de leitura). É necessário que a sala de leitura seja compreendida como um espaço de alta relevância na formação de um leitor.

Como também pontua Martins (2018, p.84), “no processo de mediação de leitura um fator de fundamental importância é espaço/ambiente que privilegie as crianças, leitoras em formação bem como a atuação comprometida dos profissionais responsáveis pela mediação”.

Em “nossa sala de leitura” constatou-se, por meio dos períodos de observação, que por mais que haja um horário de funcionamento e realização de atividades, pré-definido pelo PSL, há a ausência, por parte de muitos professores, de um planejamento que inclua a SL e todas as suas potencialidades, no ensino e prática de leitura. Fato constatado pelo período de observação, afirmado pelo PSL e registrado na ausência de circulação¹⁹ de obras literárias, na mínima presença das turmas que compõem o ciclo de alfabetização, período relevante na formação de leitores.

De acordo com Freitas (2012, p.71), no processo da formação de leitores, existem vários aspectos que podem atrapalhar como, decodificação e vocabulário, visto que, na atividade de leitura, “mobilizamos, de início, a ação de reconhecer o que estamos lendo: palavras, conexões, relações entre palavras, frases e parágrafos. Se houve uma ruptura, pela impossibilidade de reconhecer o que está sendo lido, o resultado é a incompreensão”. Entre muitas outras coisas, palavras desconhecidas dificultam o processo, fato que foi citado pelo PSL quanto ao fato dos alunos de 1º a 3º ano não participarem do rodízio de empréstimo. Ele justificou que os alunos desta etapa de ensino, não levam livros para casa pois ainda tem muitas dificuldades de leitura. Detectamos, como já referido anteriormente, que as atividades na SL não são constantes para estas turmas. De acordo com o PSL, os professores dão preferências às atividades de leitura desenvolvidas em sala de aula.

Observação e fala, que nos trouxe algumas indagações, tais como: se os alunos possuem mais dificuldades da leitura, não deveriam estes ser o público de maior presença na sala de leitura? Como desenvolver o gosto, a prática da leitura sem disponibilizar de ações constantes que lhes ofereça este ganho? Tais indagações nos instigaram envolver as series iniciais do ensino fundamental, no desenvolvimento da ação pesquisa-ação, descrita no próximo capítulo.

Como pontua Silva (2018, p.98), nas fases iniciais de ensino, “a construção do leitor faz-se por meio de um conjunto de estratégias pedagógicas que de fato levem a criança ao livro”, trabalhado em sua diversidade de textos, “além do contato sistemático e contínuo com eles”. Contato que pode ser proporcionado, ou ampliado, a partir das atividades realizadas na sala de leitura.

Oportunizar o contato, da maneira mais simples possível, de forma a trazer o livro e a leitura para perto, sem que isto gere enfados, seria um ótimo caminho a seguir.

¹⁹ A sala de leitura possui cadernos de registro de empréstimos de obras literárias somente para alunos de 4º ao 8º ano, ficando excluídas as turmas de 1º ao 3º ao do Ensino Fundamental.

Os primeiros contatos da criança com a leitura devem se dar do modo mais natural possível, como se fosse mais uma de suas “brincadeiras”. Essa é a ótica para se conquistar a criança, pois quando se oferece um brinquedo à criança não se discursa para ela sobre a importância dele para sua vida. Simplesmente o brinquedo é oferecido à criança e, quando ela tem dúvida de seus mecanismos, pergunta. Mas na maioria dos casos ela vai adaptar o brinquedo à sua rotina. Assim deveria ser com os livros. (SILVA R.;2018, p.100)

Diante de todas as questões aqui propostas, reforçamos a importância espaço da SL e do PSL que nela atua, desde aspectos organizacionais e pedagógicos ao processo de mediação que nela ocorre.

É imprescindível que os educadores (professores, bibliotecários, atendentes de biblioteca...) tenham a percepção da função e importância da biblioteca para o ensino, buscando a integração e propondo encaminhamentos enriquecedores na criação e manutenção de espaços de leitura e formação de leitores. (BORTOLIN e SILVA, R.; 2018, p.42).

Desta forma, uma organização das atividades pedagógicas que integrassem a SL nas ações de leitura da escola, poderia contribuir, notoriamente com a formação de leitores.

2.3 O que dizem os documentos e “o profissional da nossa sala de leitura”

A fim de compreender como o profissional da sala de leitura compreende a leitura, a formação de leitores e como se dá, através dele o processo de mediação de leitura na sala de leitura, dispomos adiante algumas considerações referentes ao profissional que atua nestes espaços e posteriormente, de forma mais particular, algumas considerações sobre o “nosso profissional da sala de leitura”, ou seja, o PSL que se dispôs a participar da nossa pesquisa.

No município de Catalão, como já descrito anteriormente, apenas quatro escolas possuem o espaço denominado sala de leitura. Nas escolas municipais não há bibliotecas escolares com bibliotecários formados e lotados em sua específica função e área de atuação. Nas salas de leitura da rede municipal atuam profissionais, professores da rede, alguns remanejados para estes espaços por motivo de readaptação de função decorrentes de problemas de saúde, outros, professores que já estão próximos de se aposentar. Não há um documento específico para orientar o trabalho desses profissionais. Sendo assim nos pautaremos em autores que pontuam as especificidades destes e alguns documentos oficiais que possam servir de indicadores para traçar algumas considerações sobre este profissional.

A partir do desenvolvimento da presente pesquisa foi possível constatar a importância do trabalho do profissional que atua na sala de leitura de uma escola e como a formação dos leitores que frequentam esta unidade escolar pode ser alcançada por este profissional.

Mesmo evidenciada a importância do profissional da sala de leitura, há de se afirmar a negligência que se tem com este profissional, desde aspectos formativos às condições de trabalho. Fato que não o detém, em sua jornada, de ser agente ativo na formação de leitores da escola onde atua.

De acordo com Santos e Souza (2009, p.112) “o trabalho com a leitura na escola e especialmente na biblioteca escolar, pode ser material permanente para a formação do professor bibliotecário”, ou seja, já que não há cursos específicos de formação para estes profissionais, eles vão sendo formados a partir de sua prática.

Por meio de observação, registro, reflexão, síntese, avaliação e planejamento, o profissional da biblioteca pode repensar as atividades propostas e aperfeiçoá-las, para promover a melhor utilização do tempo didático e ser sujeito de sua prática. Esse movimento reflexivo pode ser compartilhado com o grupo de educadores da escola, no sentido de integrar os trabalhos e dinamizar o uso da biblioteca escolar, promovendo a articulação pedagógica. (SANTOS E SOUZA, 2009, pp.112-113).

Práxis constatada no discurso do PSL quando nos afirma, em depoimento, que ao ser convidado para atuar na SL, foi tomado por preocupações e insegurança, mas, a partir da prática foi reconhecendo-se como um mediador. *“No início eu ficava até preocupado, mas agora a gente vê o desenvolvimento dos trabalhos das crianças, criança que não gostava de ler, e que hoje a mãe fala que lê e gosta de ler, então realmente a gente é um mediador”*. (PSL, 2019)

Figura 7 - Professor da sala de leitura



Fonte: Autora, 2019.

O PSL, da unidade escolar selecionada para participar da pesquisa, é natural de Anápolis e reside em Catalão há mais de 30 anos. Graduado em Letras pela Universidade Federal de Goiás- Regional Catalão (1997) iniciou seu trabalho como professor na Rede Municipal de Catalão há 21 anos. Começou como professor de Língua Portuguesa no ensino fundamental, função que exerceu por dois anos e meio. Após este período o PSL trabalhou alguns anos como educador social, atendendo à comunidade, trabalhando diretamente com crianças em situação de risco. Depois atuou como assessor na Fundação Cultural, foi diretor do Museu da cidade, diretor em uma creche, assessor na Secretaria Municipal de Educação e por fim, convidado a trabalhar na Sala de Leitura de uma escola da rede municipal, como PSL, cargo que ocupa atualmente. Convite que aceitou de bom grado, pois diz ser “apaixonado por livros e por leitura”. *“Tem horas que eu acho que nem estou trabalhando eu estou é me divertindo, de tão bom que é”* (PSL, 2018).

A partir da construção dos dados da pesquisa, nos pautamos em elencar a compreensão e atuação do PSL, no que diz respeito à leitura, formação de leitores e processo de mediação.

De acordo com o PSL, *“a leitura não é só você ler, é você ler e interpretar, é você ler e entender o que está sendo lido. E automaticamente você vai melhorando o léxico, vai melhorando tudo, então realmente o papel primordial é a questão da leitura”* (PSL, 2019). Desta forma, inferimos que o PSL compreende a leitura como uma ação produtora de sentidos e que a partir das práticas de leitura, é possível que o aluno melhore seu desempenho escolar, desde apreensão de novas palavras, a interpretação textual, e seu desempenho nas demais áreas, tanto de conhecimento, quanto de convívio. Em concordância com nossa perspectiva sobre a leitura, visto que, também a compreendemos como produtora de sentidos.

A partir da observação e da entrevista, foi possível identificar que o PSL relaciona a leitura como um ato que lhe traz satisfação, e formar um leitor seria passar essa satisfação adiante, por meio da mediação.

É mesmo uma satisfação. Só mesmo quem lê para saber o que é pegar um livro e dizer, “fechei”. Aí você senta e fecha os olhos e vê toda a história passar na sua mente. E quando você passa isto e consegue passar a satisfação de fazer leitura, de contar história e eles tem a curiosidade de pegarem o livro e você vê que realmente eles leram, não tem satisfação melhor. (PSL, 2019)²⁰

²⁰ Professor da Sala de Leitura. Participante da pesquisa. Relato cedido em entrevista em 24/04/2019.

Com relação ao que é ser mediador, em entrevista, o PSL destaca a função que exerce como um elo, uma ponte, que proporciona a interação dos alunos e os livros, reconhecendo-se como um mediador.

PSL: Sim me considero (...) um mediador. A gente é esta ponte, a biblioteca estava aqui, então se a biblioteca tiver fechada ninguém tinha interesse, e quando você faz essa ponte entre você, professor e aluno... então esta ponte funciona ela liga e acaba dando certo. E quando a biblioteca é dinâmica e é viva ela funciona, e quando a biblioteca está ali só com livro guardado, ela não funciona, tem que ter esta mediação. (PSL, 2019)

De acordo com Almeida Júnior e Bortolin (2009, p.208) “uma característica básica do mediador é o de ser um leitor atento e desprendido de preconceitos, sendo um modelo a ser seguido, sem deixar, porém, de manifestar suas preferências literárias”. Evidenciamos estas características no PSL, pois ele mostra-se um leitor atento, propaga com clareza suas preferências literárias e, em todos os momentos em que foi possível observar sua prática de mediação pedagógica, notamos que ele se propõe a dialogar com os alunos, “livre de preconceitos”, sobre as leituras realizadas. Em nenhum momento em que estivemos na escola, o PSL rotulou alguma obra literária, ou mostrou-se preconceituoso quanto às preferências dos alunos, ou professores, mas sempre que possível, fez indicações, tanto nos momentos de leitura, quanto nos momentos de empréstimos. Uma postura generosa, de acordo com Silva (2018).

Para mediar a leitura é preciso ser generoso com o outro em formação e lembrar-se do próprio percurso como leitor. Quando formos mediar a leitura na escola é preciso que sejamos tolerantes com o futuro leitor, uma vez que a cada interferência autoritária do mediador, ele tentará desistir e, principalmente, vai buscar aquela leitura que nem sempre consideramos válida, mas que, naquele momento, preenche suas necessidades. (SILVA, 2018. p.102).

Em todos os momentos em que a mediação foi realizada pelo PSL foi possível perceber que ele possuía uma boa interação com os alunos. Fazia inferências, utilizava as estratégias de leitura para que houvesse uma boa compreensão por parte dos alunos.

No que se refere a rotina de trabalho do PSL, quando questionado sobre a participação e auxílio na SL no desenvolvimento das atividades, ele pontuou que existe um trabalho em equipe. Que embora a SL não dispunha de um outro profissional que o auxiliasse, as coordenadoras da escola e as professoras o fazem. Segundo o PSL, ao lançar um projeto, uma

ação, os professores, com o auxílio da coordenação, dão continuidade. Neste momento ele citou um trabalho de leitura que está sendo realizado com as turmas dos 5º anos.²¹

Você dá ideia, dá um ponta pé inicial, surgem mais ideias...Aí o que as professoras do 5º ano vão fazer: Assim que trabalhar a leitura dos 12 trabalhos, vão passar o filme do Hercules mesmo. Depois vão fazer um trabalho com eles em sala de construção de livro, reescrita (que outros trabalhos que eles poderiam fazer que seria impossível?) deixar que eles criassem mais 12 trabalhos, seria tipo assim, um outro Lelércules. Então, assim não parou aí... eu dei o ponta pé inicial da leitura, mas como a mente da gente que é educador fervilha, né... ela teve a ideia de dar continuidade. (PSL, 2019).

O PSL compreende o trabalho em equipe como sendo uma extensão do trabalho realizado na SL. Porém, acreditamos que este é tomado de maior complexidade pois, os professores e coordenadores da escola deveriam atuar desde o planejamento das ações da SL, a execução, para posteriormente, estender o trabalho, a fim de alcançar o desenvolvimento de outras habilidades.

De modo geral, percebemos que a escola selecionada possui um espaço razoável. A sala de leitura consegue atender parcialmente as atividades que são planejadas. Por ser um espaço multifuncional, nem sempre está disponível para as atividades de leitura. Por mais que haja um planejamento estabelecido pelo professor da sala de leitura, as atividades não ocorrem como previstas. Por muitas vezes o PSL teve que se ausentar da sala para cumprir outras atividades escolares (administrativas), o que ao nosso ver, prejudica as atividades de leitura.

Percebemos também pouco, ou nenhum, envolvimento de alguns professores nas atividades de leitura. Entendemos que as atividades de leitura, na SL, ocorrem, para algumas turmas, somente se o tempo for bem favorável. Se houver alguma outra atividade de sala de aula a ser desenvolvida, as atividades na sala de leitura são adiadas. Ora não é mister que seja assim visto que “quanto mais flexível e ativo é o ensino que se oferece, mais os alunos podem beneficiar-se da relação entre leitura literária e o aprendizado escolar” (COLOMER, 2007, p.118)

Reconhecemos que as atividades que ocorrem na sala de aula fazem parte de um componente curricular e que precisa ser cumprido em tempo estabelecido, porém, acreditamos que é possível conciliá-las com as atividades na sala de leitura, visto que, em concordância com Giroto e Souza (2009), reafirmamos que tais atividades são relevantes para a formação da

²¹ TORERO, José Roberto. Os 12 trabalhos de Lelércules. São Paulo: Alfaguara, 2014.

criança. As atividades na BE contribuem com a formação do leitor, visto que este espaço é “propício à atividade literária, pois por ele circulam não só livros e conhecimentos como também pessoas. As atividades de contar e ouvir histórias estão voltadas à formação do leitor” (GIROTTTO e SOUZA, 2009, p.22).

Mediante esta situação, na intenção de alcançar um trabalho coletivo, que tivesse maior participação da comunidade escolar no ambiente da sala de leitura, se pautou o desenvolvimento da ação da pesquisa-ação. A todo momento, como descrito no próximo capítulo, nós abrimos para que as atividades de mediação de leitura, alcançassem o maior número de turmas possível.

CAPÍTULO III

A MEDIAÇÃO EM FOCO

Mediar o desenvolvimento da leitura é exercitar a compreensão do aluno, transformando de leitor principiante em leitor ativo(...) A mediação de leitura acontece na dinâmica da interação.

Vera Aparecida de Lucas Freitas²²

A partir da ideia de desenvolvimento advindo da interação, concordamos com Raboni e Ponce (2017) que destacam que o indivíduo vivenciará ao longo de seu desenvolvimento processos de mediação que ocorrerão “ a partir das relações que o indivíduo vier a estabelecer com os demais sujeitos históricos de seu convívio. Os processos de mediações no desenvolvimento humano ocorrem no âmbito familiar, social e escolar” (RABONI e PONCE, 2017, p.89).

Na ótica de Freitas (2012) a prática da mediação auxilia a formação de leitores proporcionando ao sujeito em formação, a aquisição de novas habilidades a partir da interação presente na ação mediadora.

“A mediação da leitura ocorre na dinâmica da interação. O mediador apoia o leitor iniciante, auxiliando-o a mobilizar conhecimentos anteriores para desenvolver as habilidades específicas para aquela tarefa” (FREITAS, 2012, p.68). Interagindo o educador terá percepções nítidas quanto aos avanços e dificuldades que o educando tem na leitura, o que possibilitará um melhor direcionamento nas práticas de ensino de leitura.

Motoyama, Santos e Silva (2017) pautadas em Vigotsky (1989), compreendem a mediação como “o processo que se dá quando o homem estabelece relações entre si e o meio ambiente que o circunda a fim de aprender novas significações ou construir novos conhecimentos” (MOTOAMA; SANTOS; SILVA, 2017, p.14).

Desde os primeiros dias do desenvolvimento da criança, suas atividades adquirem um significado próprio num sistema de comportamento social, e sendo dirigidas a objetivos definidos são retratados através do prisma do ambiente da criança. O caminho do objeto até a criança e desta até o objeto passa através de outra pessoa. Essa estrutura humana complexa é produto de

²² FREITAS, Vera Aparecida de Lucas. Mediação: estratégia facilitadora da compreensão leitora (p.68) In: RICARDO, Stella Maris et al. (Org.s.). Leitura e mediação pedagógica. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

um processo de desenvolvimento profundamente enraizado nas ligações entre história individual e história social. (VIGOTSKY, 2008. p.19)

Vale ressaltar que essas relações não são restritas apenas aos ambientes formais de ensino. Motoyama, Santos e Silva (2017), destacam que em se tratar de mediação e mediadores são vários os que assumem este papel. As autoras destacam, os autores das obras literárias, os bibliotecários, os colegas mediadores, contadores de histórias, professores, familiares e rede sociais. Como também pontua Bortolin e Silva (2018):

Formar leitores requer, além de bibliotecas, um mediador, ou seja, aquele que “está no meio” do processo, entre a escola e a biblioteca, entre o aluno e o acesso à leitura. No âmbito da mediação estão os familiares, os professores, os bibliotecários, os editores, os críticos literários, os redatores, os livreiros e até os amigos que nos emprestam um livro, indicam um CD-ROM ou uma página na Internet. (BORTOLIN; SILVA, 2018, p.38)

Reconhecemos que a formação de leitores ocorre pelas mediações que os indivíduos vivenciam em sua convivência familiar e social e educativa. Reconhecemos que o processo de mediação é amplo, e em vários momentos estamos sendo mediados ou mediando algum tipo de conhecimento. Porém, nos pautaremos para nosso estudo e reflexão, a mediação que atua diretamente na formação de leitores, mas especificamente, que ocorre na escola, na sala de leitura.

Desde os primeiros dias do desenvolvimento, toda a história do desenvolvimento psíquico da criança nos mostra que consegue adaptar-se ao entorno, graças a mediações sociais, por intermédio das pessoas que a rodeiam. O caminho da coisa à criança e desta à coisa, passa por intermédio de outra pessoa. (VYGOTSKI; LURIA, 1931/2007, p. 28-29 *apud*, NASCIMENTO 2014, p.197)

Ao retomar a problemática da nossa pesquisa, que é compreender como ocorre o processo de mediação, realizado pelo responsável pela sala de leitura, e como algumas ações podem contribuir para aprimoramento da mediação, identificamos que a mediação ocorre, porém, não com tanta constância e intensidade, devido à alta carga de trabalho do PSL.

Diante das observações e da entrevista, percebemos o quão importante seria desenvolver atividades práticas, colaborativas, a fim de expandir a prática de mediação na sala de leitura. Trazer novas significações, novos objetivos e atuações da comunidade escolar, nas atividades de leitura. Gerar aproximações entre professor da sala de leitura, livros e alunos. Conforme

Motoyama, Santos e Silva (2017) “os leitores em formação são mediados pelos livros ou por seus formadores, enquanto interagem com os textos e com a própria materialidade do livro” (MOTOYAMA; SANTOS; SILVA, 2017, p.16).

Neste sentido, prioritariamente, voltamo-nos, a todo momento, colocar os alunos em contato direto e constante com o livro literário.

Como dito anteriormente, por se tratar de uma pesquisa-ação, sendo esta, caracterizada pelo planejamento e realização das ações coletivamente, trazemos nesse capítulo, como as questões problemas foram identificadas, como foi planejada a ação que contemplaria tais questões e como se deram a realização das mesmas. O nosso objetivo foi trazer ao leitor o passo a passo que foi utilizado no desenvolver das ações, juntamente com algumas reflexões que foram emergindo ao longo do caminho.

De acordo com Ludke e André (2013), “o pesquisador deve, assim, atentar para o maior número possível de elementos presentes na situação estudada, pois um aspecto supostamente trivial pode ser essencial para a melhor compreensão do problema que está sendo estudado” (LUDKE; ANDRÉ, 2013, p. 13). Isto posto, optamos por trazer, neste capítulo a descrição da ação e os desdobramentos realizados de modo a apresentar o passo-a-passo do que foi vivenciado.

3.1- A identificação dos problemas e a Contratualização

Desde o primeiro contato com a escola, com a equipe gestora e com o professor da sala de leitura, evidenciamos o entusiasmo deles em participar de uma pesquisa de caráter colaborativo. Desde a conversa inicial, antes dos termos devidamente assinados, deixei claro a intenção da pesquisa-ação, que era: colaborar de alguma forma com o processo de mediação que ocorria na sala de leitura, realizado pelo PSL.

No período de observação, foi possível destacar alguns problemas, que em sua grande parte, foram confirmados pela fala do PSL, nos momentos de conversa e entrevista.

Desde a primeira observação, evidenciamos o nível de envolvimento dos professores nas atividades realizadas na sala de leitura. Alguns se envolveram satisfatoriamente nas atividades de leitura, de mediação e empréstimo. Se aproximaram dos alunos auxiliando o PSL na mediação, dando instruções no momento de empréstimo, organizando os alunos, dando sugestões de títulos e autores. Outros se abstiveram, somente observaram e controlaram a disciplina dos alunos. Outros levaram os alunos para a sala de leitura e se retiraram para realizar outras atividades, deixando o PSL sozinho no direcionamento da atividade, de mediação e de

empréstimo. Outros até permaneceram na sala, mas ficaram realizando as atividades da sala de aula. Em suma, há uma diversidade na postura dos professores. Esta foi uma das primeiras questões que observamos e, ao questionar o PSL, ele refutou, afirmando que todos os professores da escola eram ativos nas atividades, embora, não foi isto que ficou evidenciado.

Uma outra questão-problema percebida, tanto na observação, quanto na fala do professor, foi a organização do acervo. No momento do empréstimo havia uma dificuldade de localização dos títulos, principalmente nas prateleiras das obras literárias destinadas para os alunos de 1º ano ao 5º ano, pois os livros não estavam organizados por temas, estilos ou gêneros. O acervo mal organizado provocava muitas vezes o desinteresse dos alunos, pois não conseguiam ver todos os títulos, ou até tentavam procurar algum específico, mas não encontrando, pegavam um, aleatoriamente, para cumprir um protocolo.

Identificamos também, que por vezes o PSL planejava uma atividade e não conseguia realizá-la por ser solicitado para cumprir uma atividade de caráter administrativo ou pedagógico. Por várias vezes, o PSL precisou se retirar da escola para resolver questões externas. As atribuições do PSL não se restringiam apenas a SL, este ficava a cargo de várias outras atividades.

Não podemos deixar de destacar aqui, o quão prejudicial, para as atividades de leitura são o ritmo de outras atividades das quais a comunidade escolar se ocupa. Como esclarece Saviani (2011):

[...]Semana Santa; depois, a Semana do Índio, Semana das Mães, as Festas Juninas, a Semana do Soldado, Semana do Folclore, Semana da Pátria, Jogos da Primavera, Semana da Criança [...] O ano letivo encerra-se e estamos diante da seguinte constatação: fez-se de tudo na escola; encontrou-se tempo para toda espécie de comemoração, mas muito pouco tempo foi destinado ao processo de transmissão-assimilação de conhecimentos sistematizados. Isto quer dizer que se perdeu de vista a atividade nuclear da escola, isto é, a transmissão dos instrumentos de acesso ao saber elaborado. (SAVIANI, 2011, p.15)

Foi possível constatar a gama de atividades das quais a escola onde desenvolvemos a pesquisa se ocupa. E nessas ocupações, o quanto o tempo do PSL para desenvolver suas atribuições na SL fica prejudicado

É preciso, pois, ficar claro que as atividades distintivas das semanas anteriormente enumeradas são secundárias e não essenciais à escola. Enquanto tais, são extracurriculares e só têm sentido se puderem enriquecer as atividades curriculares próprias da escola, não devendo em hipótese alguma prejudicá-las ou substituí-las. Das considerações feitas, resulta importante

manter a diferenciação entre atividades curriculares e extracurriculares, já que esta é uma maneira de não perdermos de vista a distinção entre o que é principal e o que é secundário. (SAVIANI, 2011, p.15-16)

O que por muitas vezes vimos, foram as atividades secundárias se sobressaindo às atividades primárias da escola. Como pontua Saviani (2011, p. 13), é necessário “distinguir entre o essencial e o acidental, o principal e o secundário, o fundamental e o acessório” para que a escola cumpra o seu papel.

Outra questão, que também trouxe inquietações, foi como já citada em capítulo anterior, a ausência das turmas de 1º à 3º ano nas atividades realizadas na sala de leitura. Ora se são as turmas iniciais do ensino fundamental, responsáveis pela formação inicial dos alunos, no que diz respeito a leitura e escrita, é imprescindível que os alunos estejam ativos no ambiente que a escola dispõe para auxiliar essa formação, a sala de leitura.

De acordo com essa constatação, afirmamos, em concordância com Montuani (2012), que o fato da escola possuir uma SL e um PSL que atua na mesma não garante que a formação de leitores ocorra neste espaço de forma adequada.

Sabemos que apenas o acesso à literatura não é garantia para a formação de leitores. Mas ao conhecer a perversa realidade brasileira de dificuldade de posse de livros, de acesso a centros culturais, bibliotecas, livrarias, reconhecemos que muitas de nossas crianças só têm, ou terão acesso a livros de literatura na escola. E este é um dos motivos para que lhe sejam dirigidas orientações do poder público dobre a importância da promoção de leitura e formação do leitor. Portanto, a primeira garantia que se deve ter a de acesso, de possibilidade de a criança olhar e manusear esse objeto. Esta, por sua vez, deve ser complementada pela constituição de espaços literários (bibliotecas bem organizadas e equipadas com acervos atualizados e de qualidade) e qualificação do mediador dessa formação literária que, no espaço escolar, se define prioritariamente por bibliotecários, auxiliares de bibliotecas e/ou professores. (MONTUANI, 2012, p.77-78)

Portanto, depois de uma conversa sobre os problemas identificados, elencamos algumas questões para pauta de desenvolvimento da ação da pesquisa-ação. Tínhamos algumas questões que gostaríamos muito de alcançar, dentre elas: O melhoramento na participação dos professores nas atividades de mediação de leitura literária, realizadas na sala de leitura; a organização do acervo; o prejuízo no desenvolvimento das atividades de mediação de leitura realizadas pelo PSL, devido a intensas atividades que o mesmo realiza na unidade escolar; provocar um envolvimento das turmas de 1º a 3º ano nas atividades de mediação de leitura literária e expandir as atividades de mediação pela comunidade escolar.

Tais questões foram pensadas com muita sobriedade. Não queríamos lançar metas inalcançáveis, nem minimalistas. A partir dos problemas apontados e do diálogo com o professor da sala de leitura, considerando a relevância dos temas-problema, e o tempo que dispúnhamos a ação e seus desdobramentos foram definidos. Sempre pela via dialógica.

Redigimos, de forma bem simples, um projeto de trabalho²³ para ser realizado na sala de leitura, o qual seria impulsionado pela pesquisa-ação desenvolvida na sala de leitura e posteriormente teria continuidade a partir da atuação do PSL.

Ficou estabelecido que, dentre as questões problemas, destacadas anteriormente, focaríamos no trabalho com os alunos, levando e promovendo a leitura e também formando novos mediadores. Pois compreendemos que o trabalho com os professores, em caráter formativo e prático demandaria mais tempo de nossa parte e aceitabilidade da parte dos professores, que teriam que se dispor a ir à escola em um horário extra.

Guimarães (2013) assevera que

Atribuições como preparação de aulas, preenchimento de fichas de acompanhamento de desempenho individual do aluno, atualização de diários, elaboração e correção de provas, participação em atividades extraescolares, como conselhos de classe e trabalho coletivo, dentre outras, que extrapolam o currículo escolar oficial, acabam ceifando do professor tempo para dedicação coletiva à reflexão e discussão das adversidades da escola. Lembramos que tudo isso precisa ser conciliado com uma prática pedagógica diária em que o professor enfrenta o desafio de assumir salas de aula superlotadas, sem a devida valorização da carreira de professor, que acaba, muitas vezes, sucumbindo diante de tantas atribuições cotidianas. (GUIMARÃES, 2013, p. 15-16)

Entendemos que desenvolver uma ação que alcançassem os professores seria um trabalho interessantíssimo, porém, momentaneamente inexecutável, haja vista que além da intensa carga de trabalho destes na unidade escolar, a qual desenvolvíamos a pesquisa, alguns dos professores também atuavam em outras escolas no contra turno.

Para que uma ação seja realizável, não basta a vontade subjetiva de alguns indivíduos. A ação proposta tem que corresponder as exigências da situação. Tais exigências são conhecidas por meio da observação, da análise da situação e por meio da avaliação das possibilidades. A ação é baseada em descrição objetiva, mas subjetivamente é assumida pelo conjunto dos participantes que se comprometem na sua efetiva realização. (THIOLLENT, 2011, p.108)

²³ Ver apêndice 5. O projeto de trabalho ficou na escola para ser adicionado às ações pedagógicas da escola.

Desta forma, a ação definida foi: **A formação de novos mediadores para atuarem na sala de leitura.** O público alvo, alunos das turmas de 6º e 7º ano do Ensino Fundamental para serem formados como mediadores de leitura e as turmas de 1º ao 3º ano para participarem das atividades de mediação.

3.2- A ação e seus desdobramentos: formação e prática de mediação

Acreditamos, como Motoyama, Santos e Silva (2017) que o leitor forma-se no contexto social, com os amigos, e em diversificados espaços e contextos, não ficando só a cargo da escola e do professor essa formação. Neste sentido tanto a formação de leitores quanto a prática de mediação estão em constante movimento, onde os colegas mediadores podem assumir um importante papel na formação do sujeito leitor. “Aquele que passa pelo processo de mediação, também pode mediar”. (MOTOYAMA; SANTOS; SILVA, 2017, p.40)

Isto posto, a alternativa de envolver os alunos na ação da pesquisa mostrou-se relevante e viável, ao passo que a prática da mediação poderia alcançar, primeiramente as especificidades da pesquisa, por conseguinte, colaborar com a formação leitora de ambos os níveis, alunos do ensino fundamental I e II, e colaborar com o trabalho do PSL, que como já posto, por vezes, não consegue realizar as atividades de leitura previstas, por conta das muitas atividades que este desempenha na comunidade escolar.

Os alunos do ensino fundamental II tinham a disponibilidade de voltar à escola no contra turno, o que aumentou a viabilidade da ação a ser desenvolvida com eles.

Como objetivo geral ficou estabelecido, partir do desenvolvimento da ação, estimular a prática da leitura literária, a partir da formação de mediadores de leitura na sala de leitura. Foram lançados também alguns objetivos específicos, dentre os quais destacamos: Potencializar o gosto pela leitura; Desenvolver a linguagem oral e fluência na leitura; Realizar leitura de imagens a partir da descrição oral de cenários e personagens; Proporcionar momentos para expressão oral; Promover a interpretação e compreensão da leitura de obras literárias; Ampliar o vocabulário dos alunos; Proporcionar aos alunos a compreensão de que a leitura e a escrita vai além da intencionalidade de informar, ela também nos emociona e tem o poder de gerar transformação.

Para alcançar os objetivos da ação, de uma forma geral e específica, foram definidos 3 desdobramentos:

➤ Organização do acervo

Os alunos selecionados para fazerem parte da formação, orientados pelo PSL e pela pesquisadora atuaram na organização do acervo literário da sala de leitura. A partir deste desdobramento foi possibilitado aos novos mediadores em formação o conhecimento do acervo literário.

➤ A formação de mediadores de leitura e prática de leitura de histórias.

Após a organização do acervo, o PSL e a pesquisadora atuaram, de forma conjunta na formação dos novos mediadores a fim de, capacitá-los para atuar na leitura de histórias para as séries de 1º ao 3º ano.

➤ Semana Literária

Na última semana do primeiro semestre seria organizada a semana literária. O PSL, a pesquisadora, os mediadores em formação, juntamente com a colaboração da comunidade escolar, coordenação, direção e alguns professores, organizariam um ambiente de leitura. Uma extensão da sala de leitura e de todas as suas atividades à comunidade escolar e a comunidade local (bairro). Este desdobramento não foi exequível dentro do cronograma da pesquisa, ficando para um momento posterior.

A ação da pesquisa-ação, bem como seus desdobramentos foram desenvolvidos a todo momento em espiral o que desencadeou reorganizações, ficando por fim, em concordância com o calendário da escola, o cronograma de atividades com os alunos mediadores, participantes da pesquisa, da seguinte maneira:

Quadro 2- Cronograma de Formação dos mediadores

Formação e prática de mediação	
17/05 e 20/05	Contratualização inicial. Seleção e iniciação dos alunos a serem formados.
22/05 - Dia 1	Início da formação de alunos mediadores.
29/05 - Dia 2	Formação e Prática de Mediação a partir da leitura de histórias.
05/06 - Dia 3	Formação e Prática de Mediação a partir da leitura de histórias. Organização do acervo literário.
17/06 - Dia 4	Formação e Prática de Mediação a partir da leitura de histórias. Organização do acervo literário.
24/06 - Dia 5	Formação e Prática de Mediação a partir da leitura de histórias.
28/08	Avaliação parcial com os alunos e novas orientações. A prática da mediação a partir da leitura de histórias.
	Semana Literária na Escola

Fonte: Autora, 2019.

A data inicial para a contratualização e seleção dos alunos teve que ser adiada devido as programações festivas da escola. Em todas as semanas que estivemos presente na escola foram presenciados vários dias de preparativos para festividades. Percebemos uma sobrecarga muito grande de atividades, tanto referentes ao PSL quanto aos alunos mediadores em formação. Diante desta realidade, diminuimos a quantidade de encontros.

A priori tínhamos traçado a realização da formação inicial dos mediadores, para depois direcioná-los para prática de leitura literária, mas, desde o primeiro dia de formação, eles se mostraram muito entusiasmados para realizar a leitura para outras crianças. Diante do interesse dos alunos, decidimos agrupar a formação à prática de leitura que seria realizada com outros alunos.

Também tivemos que fazer alterações referentes às turmas que seriam contempladas com as atividades de mediação de leitura. Por vários momentos da realização da ação, no momento da mediação as turmas de 1º ano ao 3º estavam ocupadas o que nos fez acrescentar uma turma de 4º ano. Devido às atividades curriculares, ensaios para apresentações, avaliações bimestrais e ensaio para festa junina, não disponibilizavam de tempo para participar da mediação de leitura e ainda cumprir com todas as exigências do conteúdo programático. Fato que nos gerou certa inquietação. Qual seria então a hora, o momento, o lugar para que a leitura fosse priorizada? Se as primeiras series são responsáveis pela formação inicial dos leitores, na escola, de uma forma sistematizada, qual seria o momento para preferenciar as atividades de leitura literária, num quadro tão vasto, de atividades curriculares?

Antes que possam ler sozinhas, as crianças devem escutar histórias, a fim de desenvolver o interesse pelos livros e conscientizar-se da variedade de livros disponíveis. Quando estão aprendendo a ler, a escuta de histórias funciona como uma influência modelizadora para a leitura. Essa atividade possibilita a experiência com o fluxo de palavras para formar os significados. (KUHLTHAU, 2013, p.50).

Diante da constatação acima citada, fomos fazendo ajustes e desenvolvendo a mediação de acordo com a disponibilidade da sala de leitura, dos professores e das turmas.

A semana literária também precisou ser repensada pelo mesmo motivo, a intensa rotina de atividades que a unidade desenvolve mensalmente.

3.3 Seleção de alunos e conversa inicial com os alunos em formação

Após redigirmos um planejamento da ação e seus desdobramentos, nos reunimos na SL para conversar sobre a quantidade de alunos que participariam do projeto. O PSL sugeriu inicialmente o nome de 10 alunos que de acordo com ele eram excelentes na prática de leitura. Alunos assíduos nos empréstimos e bons leitores.

Neste momento sugerimos não selecionar apenas alunos que apresentassem um bom desempenho na leitura, mas também alunos em nível intermediário e baixo desempenho. A sugestão foi justificada pelos próprios objetivos da formação que é, de uma maneira geral, colaborar com o processo de formação de leitores. Sendo assim selecionar alunos em diferentes níveis de desenvolvimento, com relação às habilidades de leitura, nos traria uma maior compreensão do processo e de sua colaboração nesta formação.

Como pontua Colomer (2007, p. 65), “ninguém espera que se aprenda a tocar um instrumento musical, se não se exercita com ele”. Da mesma forma, colaborar com o desenvolvimento de leitura dos alunos sem os envolver em situações propícias para a formação leitora?

Diante da arguição colocada, o PSL concordou e sugeriu a colaboração da professora de Língua Portuguesa de 6º a 8º ano na seleção dos alunos. De acordo com o PSL ela seria a pessoa mais indicada para fazer um levantamento inicial dos alunos a participar. Sem objeções concordamos com relação ao público inicial que participaria da formação e do auxílio da professora para selecionar os alunos.

A professora foi convidada a se juntar conosco e neste momento apresentamos, de maneira sucinta o projeto, bem como a ação que seria desenvolvida. Com muita presteza ela aceitou o convite de colaborar com a seleção dos alunos e fez as primeiras indicações. Foram indicados 10 alunos inicialmente, mas ela sugeriu que focássemos nos alunos que moravam nas proximidades da escola, para não gerar transtornos de locomoção, ou uma possível indisposição com os familiares. Em conversa com o PSL, entendemos que 10 alunos seria um número muito grande em relação ao tempo que tínhamos para a realização de ação, ficando acordado selecionar 8 e ver quantos iriam querer participar da ação, bem como a concordância de seus responsáveis, nos dispendo se necessário, alterar novamente o número de alunos.

Como a professora de português já tinha lançado a sugestão de adotarmos como critério o local onde os alunos moravam, logo, foram excluídos dois alunos por residirem distante da instituição e os demais foram convidados a participar de uma conversa sobre a formação, a qual ocorreria no próximo dia letivo.

Pré-agendada a conversa com os alunos sobre o desenvolvimento da ação fui²⁴ a unidade escolar no horário previsto. Nos reunimos, eu e o PSL, na sala dos professores, pois estava ocorrendo uma palestra na sala de leitura. O PSL solicitou que a coordenadora, chamasse os alunos em suas respectivas salas e assim foi feito. Ao reunir com eles o PSL iniciou a fala nos apresentando e falando um pouco da importância da leitura. Antes do PSL terminar a sua fala inicial, a presença dele foi solicitada, mais uma vez pela equipe gestora, e ele retornou para comunicar que iria precisar se retirar da unidade escolar e perguntou se poderíamos dar continuidade sem a presença dele. Como os alunos já haviam sido retirados da sala de aula para a realização desta apresentação inicial, não apresentamos objeções.

Iniciei a fala perguntando quem ali gostava de ler e todos levantaram suas mãos. Neste momento um aluno repreendeu o outro e falou para ele abaixar sua mão que ele nem sabia ler direito, que ele engolia as palavras. Todos riram muito, inclusive o aluno que foi repreendido pelo colega. Neste momento fiz uma intervenção perguntando: E como será que podemos melhorar na leitura? Como que faz para aprender a “ler direito”? O aluno que tinha repreendido o colega, riu e disse: “*é professora, para melhorar a leitura tem que participar da leitura, então ele tem que ficar aqui*”. E todos riram novamente.

Fiz mais uma pergunta para ele: “E você, é um bom leitor? Gosta de ler?” E ele me respondeu “*Eu sei ler, mas gosto só as vezes, porque depois da leitura sempre tem que responder alguma coisa*”.

Expliquei como seria desenvolvida a ação de formação de mediadores de leitura e abri para que fizessem perguntas. As perguntas foram:

- É obrigatório?
- Vale nota?
- E quem sabe ler devagar, pode participar?
- Tem que fazer tarefa de responder?
- Precisa de caderno?
- Ganha algum prêmio, quem ler melhor?

²⁴ Na descrição da ação, em alguns trechos, será utilizada a 1º pessoa do singular, visto que por alguns momentos, o PSL precisou se ausentar e a formação foi direcionada apenas pela pesquisadora. Em outros momentos retomase o uso da 1ª pessoa do plural, demarcando a coletividade da ação.

Todas as perguntas foram respondidas e antes de responder a última, um deles perguntou se no final do projeto poderíamos dar para eles alguns chocolates? A resposta foi positiva, e que leitura com chocolates seria uma ótima combinação.

A partir destas perguntas dos alunos e das observações realizadas, reforçamos a relevância de uma ação que apresentasse a leitura mediada em um caráter formativo, que pudesse aproximar a comunidade escolar da sala de leitura.

Ao mirarmos nas questões levantadas pelos alunos, temos pistas de como a leitura é compreendida por eles. A questão da obrigatoriedade e da recompensa, como nota ou premiação pelo desempenho, nos fazem refletir sobre o como as práticas de leitura tem sido, não só apresentadas, mas, internalizada pelos alunos. A prática de leitura é, no entendimento e fala dos alunos, inerente às atividades de escrita de caráter avaliativo e classificatório. Uma mediação de desempenho que os qualifica para participar ou não, de ações que aconteçam fora da sala de aula.

Desta forma fez-se necessário dialogar com os alunos que participariam da ação, esclarecer como ocorreria os períodos de formação e prática de mediação. Pontuar o como seriam os nossos momentos e o que eles teriam que fazer, ou seja, ler para outros alunos. Deixando claro que as atividades de mediação contribuiriam para a formação deles enquanto leitores e dos outros alunos também, visto que, a sessão de mediação tem caráter formativo.

De acordo com Cosson (2015, p.166) a mediação de leitura é vista, de uma forma geral, como uma atividade de “animação” (grifo do autor), onde o professor quando colocado no papel de mediador pode tornar-se também um animador de leitura, ao passo que ele precisa dispor de algumas características que envolvem sensibilidade, diversificados estímulos, afetividade, entre outras, ele assume, literalmente o papel de animador de leitura. Questão que nos instigou a uma reflexão sobre o papel do professor, tanto da sala de aula como o professor da sala de leitura. Nos momentos de atividades na SL, como relatado anteriormente na descrição das observações, foi constatado uma mínima participação dos professores nas atividades, ficando a cargo do PSL a atividade de mediação trazendo, aparentemente, uma dicotomia entre ensinar leitura e mediar a leitura, ficando a cargo do professor da sala de aula a atividade de ensino sistematizado e a cargo do PSL as atividades de leitura literária que envolvessem o gosto, a ludicidade, o prazer.

Reforçamos esta constatação também pela fala dos mediadores de leitura no momento em que atribuem as atividades de leitura a partir de uma dicotomia, leitura por obrigação (referindo-se a leitura da sala de aula) e leitura da sala de leitura (realizada pelo PSL e totalmente voltada ao prazer, ao gosto).

De acordo com Cosson (2015, p. 166) “Esse papel de mediador ou mais propriamente dito de animador não apenas coloca o aluno em primeiro plano, como também parece deixar de lado o lugar do professor como responsável pelo ensino na escola”. Tanto a visão de mediação relacionada a animação, quanto a visão dicotômica da leitura, pode colaborar para o afastamento dos professores com relação às das práticas de leitura literária na SL.

Os professores regentes em sala de aula, no momento em que levam seus alunos para a SL descansam seus alunos aos cuidados do PSL, sem se colocarem na atividade de mediação. Pontuamos desta forma, que não há uma compreensão com relação as potencialidades formativas de uma seção de mediação e podemos inferir, em concordância com Feba; Ariosi; Valente, (2017, p.54) que possivelmente os professores tiveram pouco, ou nenhum contato com espaços de leitura em sua escolarização, “pois os alunos que não tiveram a oportunidade de habitar os espaços de leitura dificilmente sentirão necessidade de oferecer essa experiência aos seus alunos”. Nesse sentido muitos professores levam seus alunos para a SL apenas para cumprir um protocolo, sem voltar-se para as potencialidades desse espaço.

Reforçamos aqui uma ausência de uma formação e um planejamento das atividades na SL, que deveriam ser feitas coletivamente. Traçar planos de mediação que considerassem o potencial deste espaço na formação do leitor, que não restringisse a mediação de leitura apenas às questões afetivas.

A mediação da leitura literária, portanto, não deve ser reduzida ao sentido comum de animação, como uma atividade a ser desenvolvida apenas por meio da empatia entre um leitor iniciante e um leitor experiente, que não requer nada além do “amor” aos livros ou que não precisasse nenhuma formação específica. (COSSON, 2015, p.169)

Para mediar a leitura é preciso ser um leitor ativo, cheio de “amor” pelos livros como destaca o PSL em várias de suas falas, mas é preciso também formar-se um mediador. Assertiva que nos impulsionou na formação inicial dos mediadores de leitura, traçando uma ação que se desdobrasse na prática de mediação, no gosto de leitura, mas pelo caminho formativo, pelo conhecimento e compreensão das obras, pelo conhecimento de protocolos de leitura, identificação de gêneros e vários outros elementos envolvidos em uma seção de mediação, que estão dispostas no próximo capítulo.

CAPÍTULO IV

O MOVIMENTO DA MEDIAÇÃO E SUAS POSSIBILIDADES

A sessão de mediação instaura duas práticas do livro de maneira simultânea e complementar. Organiza a escuta do texto através da atuação de um mediador, abrindo acesso à ficção e propicia, em grupo ou individualmente, uma experimentação visual do livro, criando condições para o surgimento de atitudes de leitor.

Élie Bajard²⁵

Na ótica de Bajard (2007) a partir da mediação é possível proporcionar uma experimentação do livro que vai colaborar tanto para o surgimento quanto para o aperfeiçoamento de comportamentos leitores.

Nesta ótica damos início as reflexões deste capítulo, considerando que cada escolha, cada dia de formação e cada sessão de mediação realizada, teve como alvo maior a formação do leitor. Destarte trazemos, inicialmente, os encontros de formação com os mediadores e a prática de mediação realizada por eles, posteriormente as implicações da sessão de mediação na formação deles enquanto leitores, e em seguida, caminhando para a finalização, uma devolutiva sobre o trabalho realizado na sala de leitura, composta a partir de uma entrevista semiestruturada, pós-pesquisa-ação e uma roda de conversa com os mediadores.

4.1- A sessão de mediação: formação e prática dos mediadores

Antes de dar início ao relatos do desenvolvimento da ação, vale ressaltar que de uma forma geral, todos os dias de formação foram divididos em três momentos: 1- Formação dos mediadores (iniciada sempre por uma leitura deleite, posteriormente, a apresentação dos objetivos do dia, e a realização da formação); 2- Prática de Mediação a partir da leitura de histórias (momento em que os mediadores em formação, realizavam a leitura); 3- Pós-mediação (conversa avaliativo-reflexiva sobre o momento de prática de mediação de leitura).²⁶

Optamos por trazer a realização dos encontros com os mediadores de uma forma descritiva neste subitem para não interromper a sequência dos encontros, e propomos no

²⁵ BAJARD, Elie. Da escuta de textos à leitura. São Paulo: Cortez, 2007, p.106.

²⁶ Todos os livros utilizados durante a realização da pesquisa-ação estão dispostos no apêndice 6

subitem posterior as reflexões sobre as aprendizagens desenvolvidas nos encontros de formação e mediação.

➤ Dia 1

Ao chegar na escola, apesar da quarta-feira estar livre no horário de funcionamento da SL, constatamos que a sala estava sendo utilizada para uma atividade do PIBID (alunos do curso de Letras da UFG- Regional Catalão), fato que nos levou a reorganizar o local de formação. A coordenação da escola organizou um espaço no almoxarifado, disponibilizou mesa e cadeiras para que a formação fosse realizada. Apenas após a recreação foi possível ir para a SL. Recepcionamos os alunos no portão da escola e os encaminhamos para o local destinado a formação. Inicialmente tínhamos conversado com 8 alunos e somente 4 (Mikaela, Mileny, Gabriel Felipe e Guilherme) compareceram, com seus respectivos TALEs e TCLEs devidamente assinados.

Dois alunos (cuja conversa foi relatada anteriormente, alunos A e B, sobre ser um bom leitor, justificaram a ausência: o primeiro aluno que repreendeu o colega, dizendo que ele não era um bom leitor, justificou a não participação porque não queria retornar à escola em outro horário. E o segundo, o aluno que foi repreendido, justificou que os pais não o deixaram participar porque estariam de mudança para um outro bairro mais distante, o que dificultaria o retorno dele em um outro horário). Assim, esses alunos enviaram justificativas que não iriam participar e uma outra aluna enviou pelos colegas os termos assinados, porém não compareceu. E um outro justificou que iria participar a partir do próximo dia.

No primeiro dia de formação de mediadores tínhamos os seguintes objetivos e proposições:

- Realizar leitura deleite.
- Realizar uma roda de conversa sobre a obra literária lida.
- Conversar sobre as preferências de leitura. O que gostam e o que não gostam.
- Chamar atenção para os aspectos da capa de cada livro. Autor, título e outros.
- Ativação de conhecimento prévio sobre a leitura, a partir do título da obra.
- Levar os alunos a fazerem previsões sobre a história.
- Entonação de voz e postura do mediador

Ao iniciar a formação realizamos uma leitura deleite (*A Árvore Generosa*²⁷) depois conversamos sobre a história, o que entenderam, o que gostaram e deixei que eles falassem de suas experiências de leitura. Neste momento o aluno Guilherme nos relatou que ele acha a leitura um pouco chata por conta das tarefas que as professoras pedem depois de fazer as leituras. Disse ainda, que as vezes não entende as palavras, ou quando elas são muito grandes, acha difícil de ler.

A aluna Mikaela comentou que também não gosta de leitura da sala de aula. Gosta apenas de ler na SL, mas só nos momentos de leitura livre, porque quando chega o momento de fazer o empréstimo do livro, a professora de português nunca deixa ela pegar o que gosta. A aluna disse que os livros que são para a idade dela são chatos e difíceis e que gosta dos livros infantis porque tem poucas palavras e muitos desenhos.

Neste momento da formação todos puderam falar sobre os livros que gostam.

Ao terminar a interação falando sobre nossas preferências de leitura, o PSL realizou uma outra leitura deleite (*O pato, a morte e a tulipa*²⁸). Feita a leitura fizemos uma nova roda de conversa sobre a história lida.

Após esta roda de conversa perguntei se alguém queria ler algum dos livros que estavam expostos na mesa. O Guilherme disse que queria ler e escolheu o livro *Até as Princesas Soltam Pum*²⁹ e iniciou a leitura (neste momento o PSL precisou se retirar). O mediador Guilherme iniciou a leitura e logo na primeira página demonstrou muita dificuldade de decodificação em algumas palavras. Insistiu e quando chegou na terceira página disse que queria trocar de livro, pois estava achando a história chata e pediu para ler o mesmo que o PSL tinha realizado a leitura deleite. No momento da leitura, percebi que o mediador reproduzia a maneira de ler do PSL, mesmo tom de voz e mesmos gestos. Ele leu e depois pediu para ler outro e escolheu *Cabe na Mala*³⁰. Realizou ambas as leituras sem maiores dificuldades, apresentando apenas ausência do uso correto de pontuação.

Após a realização desta leitura foi possível identificar a necessidade de realizar uma interferência e conversar com os mediadores um pouco sobre pontuação. Para tal, lemos o livro

²⁷ SILVERSTEIN, Shel. *A árvore generosa* (1983), trad. Fernando Sabino. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

²⁸ ERLBRUCH, Wolf. *O Pato, a morte e a tulipa*. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

²⁹ BRENMAN, Ilan. *Até as Princesas soltam pum*. São Paulo: Brinque- BooK, 2008

³⁰ MACHADO, Ana Maria. *Cabe na mala*. Coleção Mico Maneco. São Paulo: Moderna, 2011.

“*Não!*”³¹, que requer a todo momento o uso adequado da pontuação, para uma boa compreensão. Lemos a história sem fazer a pontuação adequada e depois realizando adequadamente a pontuação. Quando a história terminou, eles riram muito e o Gabriel Felipe disse que tinha muito que aprender de leitura.

Após este momento iniciamos um outro aprendizado: o que eram livros álbuns. O livro escolhido para este momento da formação foi, *Não brinque com a comida*³².

Foi realizada a leitura do livro sem mostrar as imagens e foi perguntado o que eles entenderam e eles disseram, quase nada. Então, a leitura foi realizada novamente, desta vez mostrando as imagens. Os mediadores gostaram muito da história e, com as intervenções realizadas, perceberam que alguns textos só são compreendidos quando há a visualização das ilustrações. Foi possível desenvolver com eles a compreensão sobre a articulação entre texto, ilustração e projeto gráfico da obra a ser lida. “Já que os livros para crianças pequenas são ilustrados, o debate sobre a compreensão das imagens também faz parte da discussão acerca da relação entre textos infantis e seus leitores” (COLOMER, 2007, p.53). Ora, se estamos atuando na formação de leitores e mediadores de leitura é imprescindível que estas articulações sejam realizadas. Após este momento fizemos um intervalo (O PSL ainda não havia retornado).

Ao término da recreação tínhamos a intenção de continuar a formação sobre o livro álbum, entonação de voz e postura do mediador, mas, os alunos retornaram eufóricos, pedindo para lerem para as crianças. Mediante às motivações, não foi apresentada objeções. Falei com a coordenadora e ela me disse que poderíamos realizar a mediação com os alunos do 4º ano, mas que nem ela, nem o PSL poderia auxiliar pois na escola haveria naquele momento um festival de sorvete para as turmas de 1º ao 3º ano e eles estariam na organização. Então pedi 30 minutos para preparar os mediadores e confirmei a leitura na turma de 4º ano.

Antes de irmos para a realização da mediação de leitura concordamos que cada aluno, mediador, escolheria uma obra que já conhecia, ou alguma das obras que tínhamos realizado a leitura. Todos escolheram obras que haviam sido trabalhadas na formação. Após todos selecionarem as obras pedi que mais uma vez os alunos lessem as obras silenciosamente e se tivessem alguma dúvida, com relação a pronúncia de palavras ou significado, fizessem as devidas colocações para depois irmos para a prática de leitura. Realizado este período de preparação, partimos para a mediação. Como a SL estava ocupada fomos para a sala de aula.

³¹ ALTÉS, Marta. Não! Trad. Gilda de Aquino-1º ed. São Paulo: Escarlat, 2013.

³² MACHADO, Dalcio. Não Brinque com a comida. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2012.

Chegando na sala organizamos os alunos em 2 grupos de 10 alunos (organizados em círculos) e pedi que os mediadores se dividissem 2 em cada grupo revezando na realização da leitura.

No momento da leitura, no grupo 1, percebi que a aluna Mileny, realizou uma conversa com os alunos perguntando se eles já tinham ouvido a história, se eles imaginavam do que o livro falaria, mostrou a capa, chamou atenção para o título e autor para depois iniciar a leitura. Houve uma preparação por parte da mediadora. Ela deixou os alunos bem à vontade para realizar a leitura. Junto com ela estava o Gabriel Felipe, que também chamou atenção para o título e autor, mas sem alongar a conversa inicial.

No grupo 2, os mediadores não realizaram esta conversa inicial, apenas leram o título e o autor. A aluna Mikaela, leu muito baixo, com certa timidez, já o Guilherme leu em alto tom, conversando com os alunos o tempo todo. Ele lia uma frase e perguntava: “o que vocês acham que vem agora? ”

Figura 8 - Mediação Realizada- Dia 1/ turma 4º ano



Fonte: Autora, 2019.

Quando os mediadores terminaram de ler para o seu grupo, pedi que eles trocassem de lugar para lerem novamente para os outros alunos, a fim de que todos da sala ouvissem as 4 histórias. Ao término da mediação de leitura, fiz uma intervenção. Perguntei de qual história os alunos gostaram mais e eles ficaram divididos entre a história contada pela Mileny e pelo Guilherme. Estes foram os alunos que mais interagiram no momento da leitura. O Gabriel Felipe, apesar de ler muito bem, com boa fluência e pontuação adequada, não realizou boa interação com os alunos e, Mikaela, mostrou-se muito tímida no momento da leitura.

Após a leitura reuni com os mediadores na SL (que já estava desocupada) para colher depoimentos orais referente à mediação, onde identifiquei a realização e animação por parte dos mediadores com a ação realizada. O aluno Gabriel Felipe relatou que gostou muito da experiência de ler para os alunos menores e todos prestarem atenção na leitura.

Como pontua Morais (2012, p.52), a leitura em voz alta, feita pelos alunos é lembrada continuamente, pela maioria das pessoas, como uma de suas primeiras associações agradáveis à leitura. Ler para os alunos é um dos métodos mais efetivos para criar leitores capazes, os quais continuam optando por ler durante a vida. ”

Desta forma consideramos tanto a formação, como a mediação, que ocorreram neste dia, como colaboradoras do processo de formação de leitores. Percebemos uma boa interação dos alunos, mediadores de leitura em formação, e uma boa receptividade frente ao que foi trabalhado na formação.

➤ Dia 2

Os mediadores foram recepcionados no portão da escola e foi constatada a ausência da Mikaela, a qual não enviou nenhuma justificativa. Os alunos adentraram na unidade escolar, e foram encaminhados para a sala de leitura para a formação. Como de costume, iniciada com a leitura deleite do livro *A velha a fiar*³³, seguindo o passo a passo, título, autor e antecipações sobre a história. Quando fizemos a conversa inicial, nenhum deles disse que já conhecia a história, mas ao começar a leitura (cantada) todos riram e disseram que já conheciam. Pela musicalidade, canção de domínio público adaptada à uma obra literária. Eles ouviram a história, do início ao fim com sorrisos no rosto e ao terminar, o Gabriel fez uma inferência dizendo que a história era uma música de DVD infantil. Ao terminar o PSL também realizou uma leitura deleite, *A menina dos Livros*³⁴. O PSL, também fez o passo a passo, título, autor e antecipações da leitura. Realizou a leitura e ao terminar, a mediadora Mileny, disse que a personagem do livro era igual a ela. Fez associações ao seu estilo de vida e disse que como personagem do livro lia muito e se tornou uma escritora. Ela comentou que também tem o desejo de ser uma escritora.

Para este encontro tínhamos traçado como objetivo e proposições:

³³ A velha a fiar/ adaptação de Sandra Regina Félix. São Paulo: Sowilo,2015.

³⁴ Aguiar, G. A menina dos livros. São Paulo. Editora Roda e Cia,2010

- Realizar leitura deleite.
- Realizar uma roda de conversa sobre a obra literária lida.
- Conversar sobre as preferências de leitura. O que gostam e o que não gostam.
- Chamar atenção para os aspectos da capa de cada livro. Autor, título indicação etária e outros.
- Ativação de conhecimento prévio sobre a leitura, a partir do título da obra.
- Levar os alunos a fazerem previsões sobre a história.
- Entonação de voz e postura do mediador.
- Estilos de livros e formas de ler.
- Compreensão/atribuição de sentido
- Organização do acervo.

Realizamos na nossa conversa sobre as obras, e eles chegaram à conclusão que a primeira história só é legal se realizarmos a leitura cantada. Ao indagá-los com relação a esta afirmação, o mediador Guilherme disse, “como já conhecemos a música, fica muito difícil ler sem cantar, fica sem graça”.

Relataram que a primeira história é divertida de ler e a segunda seria mais uma história para pensar.

Ao terminar este ponto da reflexão, peguei um livro só de imagens, “*Telefone Sem fio*”³⁵, e li. Em silêncio, apenas com os olhos, mostrando as imagens e eles permaneceram bem atentos e quando eu ia virando as páginas eles iam descrevendo as imagens com palavras soltas. Ao terminar perguntei o que acharam e eles disseram que não gostaram de história sem palavras.

³⁵ BRENMAN, Ilan. *Telefone Sem fio*. Ilan Brenman e Renato Moriconi. São Paulo, Cia das Letrinhas, 2010.

Figura 9 - Mediação realizada pelo PSL



Fonte: Autora, 2019.

Selecionamos um outro livro, “*A bola dourada*”³⁶, e o PSL iniciou a leitura, seguindo o passo a passo, e depois foi narrando, de acordo com sua interpretação os acontecimentos.

Figura 10 - Mediador Guilherme, bem à vontade, deitado e ouvindo a história.



Fonte: Autora, 2019.

³⁶ COCK, Nicole de. *A Bola Dourada*. São Paulo: FTD, 2009.

Após a leitura, perguntei se eles gostaram. Dois disseram que é bem mais fácil ler assim, porque você pode inventar o que falar, ao invés de ler, e os outros discordaram, dizendo que é mais fácil quando o livro tem as palavras que devem ser lidas.

Constatamos que o livro de imagens só despertou interesse nos alunos, mediadores em formação, quando foram feitas inferências por parte do mediador. Na primeira leitura, apenas mostramos, e eles não gostaram, na segunda, à medida que a leitura ia ocorrendo íamos, as inferências iam sendo feitas pelo mediador. Então eles gostaram e compreenderam as possibilidades de leitura a partir do livro de imagens.

Figura 11- Mediação realizada no dia 2. Mediador Gabriel Felipe. Turma de 2ºano.



Fonte: Autora, 2019.

Ao término deste momento, falei com eles sobre a organização do acervo, e que tiraríamos um período para localizar livros de imagens e livros que tem vários exemplares, então nos dirigimos às estantes de livros. Cada aluno ficou responsável por olhar, e folhear os livros de uma parte. Ficamos por volta de 1 hora e 30 minutos nesta atividade de organização do acervo, adicionando etiquetas coloridas para iniciar a identificação das obras.

Neste momento o aluno Gabriel, pediu para organizar apenas os gibis, que eram os livros que ele gostava e eu disse que sim, então ele reuniu os gibis e foi para o tapete, mas não fez a organização, e sim a leitura de vários. Neste momento, os outros alunos reclamaram que ele não queria ajudar, e ele confirmou dizendo que “arrumar estantes é uma tarefa muito chata, que ele prefere ler gibis”, e se recusou a retornar para a atividade de organização do acervo. Neste momento fizemos um intervalo. Antes de sair, chamei o aluno, separadamente, e conversei com ele sobre a importância da coletividade nas atividades que estamos desenvolvendo, pontuando

que os resultados são melhores se trabalhamos em conjunto. O Gabriel então me pediu para colar as capas dos livros que estão soltando, especificando que era o trabalho que ele gostaria de fazer para ajudar na organização do acervo. Então entramos em um acordo.

Após retornar do intervalo, o PSL novamente precisou sair para resolver assuntos administrativos. Comuniquei aos alunos que iríamos realizar a leitura em uma turma de 2º ano e os mesmos, ficaram muito entusiasmados. Pedi que cada aluno selecionasse uma obra para ser lida e então partiram para a seleção. No momento em que estavam escolhendo as obras a serem lidas, eles se reuniram em roda e começaram a cochichar, então um deles veio falar em nome da turma. Disse que gostariam de fazer a leitura diferente desta vez e eu ouvi atentamente a sugestão deles. Me pediram para ler na sala de aula, lá na frente, em pé, um de cada vez. E eu não iria negar-lhes esta experiência, então concordei. Mas por conta do tempo pedi que eles escolhessem entre eles 3 mediadores para fazer a leitura e cada mediador deveria escolher 1 livro. Então escolheram, Gabriel Felipe (*O Tempo*³⁷), Guilherme (*As aventuras de um pequeno ratinho na cidade grande*³⁸) e a Mileny (*A bola Dourada*³⁹).

Então informei a professora da turma sobre como seria realizada a leitura, entramos na turma, fiz a apresentação dos alunos e eles iniciaram. O primeiro a ler foi o Gabriel Felipe. Ele iniciou a leitura e ia lendo e mostrando as imagens. A turma ficou muito agitada e pedindo o tempo todo para ele voltar à página, como as imagens do livro não eram grandes, os alunos não conseguiam ver as ilustrações o que foi gerando muita conversa e dispersão. Ele a todo tempo me olhava e levantava os ombros como um pedido de socorro. Ao terminar ele veio até mim e disse que a leitura não tinha dado certo.

Prosseguindo, a segunda mediadora iniciou a leitura. Ela pediu o pincel para a professora da sala e disse que ia fazer uma leitura usando o quadro.

³⁷ MINKOVICIUS, Ivo. *O tempo*. São Paulo: Editora Cultura, 2011.

³⁸ PRESCOTT, Simon. *As aventuras de um pequeno ratinho na cidade grande*. São Paulo: Publifolha, 2009.

³⁹ COCK, Nicole de. *A Bola Dourada*. São Paulo: FTD, 2009.

Figura 12 - Mediação realizada no dia 2. Mediadora Mileny. Turma de 2º ano



Fonte: Autora, 2019.

Como a iniciativa de alterar a forma como ocorreria a mediação foi deles, os deixei à vontade, me colocando apenas como observadora. Ela tinha escolhido o livro de imagens, que tinha sido lido anteriormente pelo PSL. A todo momento interpretou a história e fazia perguntas, e os alunos respondiam e ela escrevia a resposta deles no quadro (palavras geradoras). Ao terminar, pediu que os alunos lessem as palavras que ela tinha escrito no quadro.

Com clareza, foi possível identificar uma reprodução de um comportamento, o ensino da leitura baseado no aspecto linguístico.

Ao terminar o Guilherme foi para frente da sala e iniciou a leitura. Ele deixou os alunos muito agitados e muitos começaram a levantar, bater nas cadeiras, tumultuando a leitura. Não fiz intervenções com relação a indisciplina dos alunos, mas a professora da sala, levantou e interrompeu a leitura e ainda, chamou a atenção, ameaçando-os que não mais teriam momentos de leitura, devido ao mau comportamento. Então foi possível o Guilherme terminar a leitura. Ao término, fui a frente, agradei aos alunos, e perguntei de qual leitura eles haviam gostado mais e todos apontaram para o Guilherme, dizendo ter gostado dele.

Quando retornamos para a sala de leitura tivemos uma conversa pós mediação, sobre o que havia ocorrido e eles chegaram à conclusão que a leitura é melhor em pequenos grupos, porque eles controlam mais. O Gabriel Felipe fez a colocação de que quando os alunos estão no chão e eles em frente aos alunos sentados num lugar onde ficam mais altos, tem mais atenção na leitura. Neste momento fiz algumas colocações com relação: preparação do ambiente; conversa inicial; acordos com os alunos, com relação a postura durante a leitura; a necessidade de mostrar as imagens no ato de leitura de alguns livros; a distância que temos que estar dos

alunos no momento da leitura; os pontos negativos de se trabalhar a leitura apenas do ponto de vista didático; as interrupções feitas pelos próprios mediadores e sua relação com a indisciplina.

De acordo com Kuhlthau (2013), antes de iniciar um momento de leitura, principalmente com crianças pequenas, é necessário que haja uma preparação. Há uma necessidade de conversar sobre o ouvir a história, traçar um acordo sobre o como devemos nos comportar no momento da audição.

Antes de começar uma história, reúna as crianças num semicírculo, mantendo-as à vontade. Faça com que fique voltadas para você, assentadas no tapete ou nas almofadas, ou em cadeiras baixas. O contador deve estar posicionado um pouco acima das crianças, de forma que elas possam olhá-lo confortavelmente, sem esforço. (KUHLETHAU, 2013, p.50)

As crianças deverão estar quietas e atentas enquanto escutam a história. Oriente-as a guardar os comentários para o momento da discussão, após a história. (...) a interrupção constante prejudica a continuidade e diminui o impacto da história. (...) esclareça, antecipadamente, que haverá oportunidade para todos comentarem a história no final. (KUHLETHAU, 2013, p.52).

Neste sentido construímos uma aprendizagem com relação a mediação de leitura com crianças pequenas. Conversamos muito sobre o ocorrido na turma de 2º ano e consideramos que foi um dia de muitas aprendizagens, no que se refere a mediação de leitura.

➤ Dia 3

O encontro de formação ocorreu no contra turno, como de costume. Recebi os alunos (neste dia uma das alunas faltou a formação, por motivo de trabalho) no portão e os encaminhei para a sala de leitura que estava sendo utilizada para guardar os materiais para a ornamentação da festa junina da escola.

O PSL estava com mais duas funcionárias fazendo flores de papel e uma das mesas estava sendo utilizada para tal atividade. Então preparei uma outra mesa para realizar a formação e distribuí alguns livros para dar início. O PSL, justificou que estaria na sala de leitura, mas fazendo outras coisas, e que nós podíamos ficar à vontade na formação, sendo que logo que possível ele se juntaria a nós.

Figura 13 - Formação/ dia 3. Aspectos estéticos dos livros. Exploração das informações contidas nas capas e ficha catalográfica



Fonte: Autora, 2019.

Realizei a leitura deleite (*E se eu fosse*⁴⁰). Ao término, começamos a formação. Para este encontro tínhamos traçado como objetivo e proposições:

- Realizar leitura deleite.
- Realizar uma roda de conversa sobre a obra literária lida, para discutir a compreensão da história.
- Chamar atenção para os aspectos da capa de cada livro. Autor, título e outros.
- Ativação de conhecimento prévio sobre a leitura, a partir do título da obra.
- Levar os alunos a fazerem previsões sobre a história.
- Entonação de voz e postura do mediador
- Estilos de livros e formas de ler.
- Pontuação e palavras desconhecidas.
- Fluência na leitura.

Ao iniciar uma atividade formativa de leitura, utilizando o livro, é relevante chamar a atenção do leitor para os elementos estruturais, tais como capa, nome do autor, folha de rosto e outros. “Tal compreensão será útil quando começarem a ler independentemente” (KHULTHAU, 2013, p.56) e, o mediador pode tomar como ponto de partida a exploração

⁴⁰ CIPIS, Marcelo. *Se eu fosse*. 1º edição-São Paulo: Ed. Saraiva, 2017.

destas informações, a fim de provocar nos leitores a capacidade de estabelecer conexões referentes a outras obras do mesmo autor, semelhanças e diferenças.

Para realizar a formação, realizei a leitura de mais três obras: “*A interessante ilha Dukontra*⁴¹”; “*Quem soltou o PUM?*⁴²” e “*Os bichos também sonham*⁴³”. Entre as leituras fui fazendo as intervenções necessárias para alcançar os objetivos traçados para esta formação.

Após este período pedi que cada um escolhesse um livro para realizar a leitura uns para os outros. O primeiro ato foi escolher o livro e realizar a leitura silenciosa da obra destacando as dúvidas com relação às palavras desconhecidas e pontuação. Neste momento apenas a Khetriny ficou me perguntando o significado de algumas palavras. Com relação à pontuação, o aluno Guilherme fez algumas perguntas e as vezes, lia para mim fragmentos da história para eu ver se a pontuação estava correta. Percebi neste momento que os dois alunos que têm mais dificuldades de leitura não pediram auxílio em nenhum momento.

A Mikaela escolheu um livro com poucas palavras e o Gabriel, um livro de imagens. Pedi que ele escolhesse outro para que pudéssemos alcançar o que estava proposto na formação, que era trabalhar a pronúncia, compreensão das palavras e pontuação. Então ele escolheu um que eu já havia lido. (Uma história que ele já conhecia, o deixou mais seguro). Então cada um dos alunos realizou sua leitura e ouvimos atentamente. Intercalado à leitura, fui fazendo intervenções.

Figura 14 - Formação dia 3. Mediadores selecionando os livros a serem lidos.



Fonte: Autora, 2019.

⁴¹ CIPIS, Marcelo. *A interessante ilha Dukontra*. São Paulo: Cia das Letrinhas, 2009.

⁴² FRANCO, Blandina. *Quem Soltou o Pum?* / Ilustr. José Carlos Lolo. São Paulo: Cia das Letrinhas, 2010.

⁴³ DAHER, Andrea. *Os bichos também sonham*. Ilustr. Zaven Paré. São Paulo: Martins fontes, 2009.

Mesmo estando envolvido em outras atividades, a todo momento o PSL, interagiu conosco, no momento da formação. Em alguns momentos deixava as atividades de produção de flores e se juntava a nós para dar algumas dicas, olhar alguns livros.

Figura 15 - Formação dia 3. PSL auxiliando aluno Gabriel na escolha da obra literária



Fonte: Autora, 2019.

Após o período de formação, os mediadores foram liberados para um intervalo. Ao retornarem fomos para a mediação com uma turma de 3º ano. A professora regente havia faltado e a coordenadora estava na sala. Então pedimos que ela disponibilizasse um horário para que realizássemos a leitura.

Foi orientado que cada um escolhesse mesmo livro que tínhamos realizado a formação afim de que eles pudessem ter a experiência de ler para os alunos um livro que eles tivessem segurança na leitura, com relação às palavras, entonação de voz, pontuação e outros aspectos.

Como a turma de 3º ano tinha muitos alunos, organizamos 5 grupos e os mediadores iam fazendo um rodízio na leitura (cada grupo ouviria 5 leituras).

Neste dia antes de realizar o agrupamento dos alunos, a pesquisadora realizou uma leitura para toda a turma. O livro selecionado foi, *Os bichos também sonham*⁴⁴. A leitura para toda a turma foi realizada para que os mediadores pudessem vivenciar o passo-a-passo (Exploração inicial da obra, título e autor; Antecipação do tema da leitura; Inferências; Entonação de voz; Postura corporal; Exposição das imagens e outros aspectos da leitura).

⁴⁴ DAHER, Andrea. *Os bichos também sonham*. Ilustr. Zaven Paré. São Paulo: Martins fontes, 2009.

Como eles em um dia anterior haviam realizado esta atividade e não gostaram muito, decidi exemplificar de maneira prática como realizar uma leitura para a turma toda reunida.

Figura 16 - Mediação realizada – Dia 3/ Mediadora Khetriny – Turma de 3º ano



Fonte: Autora, 2019.

Posteriormente, realizamos, eu e a coordenadora, o agrupamento da turma e os mediadores iniciaram a leitura. Foi uma experiência muito rica, pois, proporcionou um momento de interação com todos os alunos da turma. Um momento em que os mediadores se sentiram à vontade em estarem mediando a leitura.

Figura 17 - Mediação realizada – Dia 3- Mediador Gabriel – Turma de 3º ano



Fonte: Autora, 2019.

Todos os grupos ouviram 5 leituras e ao término, mais uma vez disseram, unânimes, ter gostado da leitura realizada pelo Guilherme, que, apesar de apresentar dificuldades na pronúncia de algumas palavras, dificuldades de compreensão e de realizar a pontuação corretamente, tem uma ótima interação com os alunos.

Figura 18 - Mediação realizada- Dia 3/ Mediador Guilherme- Turma de 3º ano



Fonte: Autora, 2019.

Ao retornar para a SL os mediadores estavam eufóricos e dizendo que nunca mais iriam parar de ler para as pessoas. *“Por mim eu viria aqui todas as tardes para ler professora, é muito bom fazer algo importante de leitura”*. (Relato/diário de campo, Guilherme, 2019).

Avaliaram a mediação de leitura como muito boa. O PSL não participou do momento da mediação na sala de aula porque estava envolvido com os preparativos da festa junina da escola.

Como ainda tínhamos 20 minutos para terminar a formação, pedi que eles organizassem os livros que estavam expostos na mesa e iniciassem a organização da estante de livros de 6º ao 9º ano.

➤ Dia 4

Em concordância com os mediadores em formação, tivemos um intervalo de 1 semana devido às avaliações bimestrais. A formação ocorreu no contra turno, como de costume, recebi os alunos no portão da escola e os encaminhei para a sala de leitura. Dois mediadores não

compareceram. (Guilherme tinha ficado de recuperação e precisava estudar e Mileny estaria trabalhando).

Figura 19 - Leitura deleite realizada pelo professor da sala de leitura.



Fonte: Autora, 2019.

Eu e PSL realizamos a leitura deleite para os mediadores na sala de leitura. As Obras selecionadas foram o *Bocejo*⁴⁵, de Ilan Brenman e *Amarílis*⁴⁶ da Eva Furnari. Feita a leitura deleite, eu e o PSL, propomos uma roda de conversa sobre a obra. Houve muita exploração destas duas obras. Em suma, foi discutido a capacidade que o mediador tem a partir de sua maneira de ler, de aproximar o leitor da obra, despertando sentimentos, trazendo conhecimentos, e outros aspectos.

Como os alunos do turno vespertino ainda estavam realizando as avaliações bimestrais, e com isto não haveria a leitura realizada pelos mediadores com as turmas de alunos deste período, traçamos como objetivos e proposições para este encontro os seguintes aspectos:

- Realizar leitura deleite.
- Realizar uma roda de conversa sobre a obra literária lida.
- Explorar as possibilidades de leitura.
- Chamar atenção para os aspectos da capa de cada livro. Autor, título e outros.
- Ativação de conhecimento prévio sobre a leitura, a partir do título da obra.

⁴⁵ BRENNAM, Ilan. *Bocejo*. Ilan Brenman e Renato Moriconi. São Paulo, Cia das Letrinhas, 2012.

⁴⁶ FURNARI, Eva. *Amarílis*. São Paulo: Moderna: 2013

- Levar os alunos a fazerem previsões sobre a história.
- Entonação de voz e postura do mediador
- Estilos de livros e formas de ler.
- Pontuação e palavras desconhecidas.
- Fluência na leitura.
- Seleção de livros. O que podemos ler e para quem podemos ler? (Trabalhar a seleção de livros adequada para os alunos das turmas de 1º ao 4º ano).
- Organização do acervo literário.

Neste dia o PSL não precisou se ausentar e pudemos, coletivamente, desenvolver todas as propostas traçadas.

Após realizar a leitura deleite e a exploração das obras, demos início a organização do acervo.

O PSL ficou fazendo os registros de devolução de alguns livros que estavam empilhados em uma mesa, eu e dois mediadores descemos todos os livros da estante de 1º a 5º ano para organizá-los e os outros dois mediadores foram organizar a estante de livros destinados ao uso do 6º ao 8º ano.

Após este período de organização os mediadores foram liberados para um intervalo. Ao retornarem pedi que cada um escolhesse um livro para ler para as turmas de 1º ao 3º ano e um outro para ler para os alunos de 4º ano. E deixei eles a vontade para fazer esta seleção.

Neste momento percebi que o Gabriel, pegou alguns gibis e dirigiu-se ao tapete da sala de leitura e foi ler. Os outros se mantiveram atentos que lhes foi pedido. Esta parte da atividade teve uma duração de aproximadamente 30 minutos.

Após terminarem de fazer a seleção das obras nos reunimos no tapete. Neste momento o Gabriel levantou e disse que ia pegar a obra que ele já sabia qual era. Foi a estante pegou sem demora e retornou para o tapete.

Pedi que cada um apresentasse o um livro e dissesse o motivo pelo qual o escolheu.

*Mikaela apresentou o seu livro (*Era uma vez uma bota*⁴⁷) e justificou sua escolha. Disse que faria a leitura desta obra para os alunos do 1º ano, pois tinham poucas palavras e eles iriam ouvir e depois podiam ler. E ela gostou dos desenhos.

⁴⁷ ABREU, Graça. ZATZ, Lia. *Era uma vez uma bota*. Brasil: Ed. Biruta, 2011.

* Khetriny apresentou o seu livro (*Tarsila e o papagaio Juvenal*⁴⁸) e disse que também gostou do livro porque ele é colorido e atentou-se para o detalhe da indicação que tinha na capa do livro, um selo do PNAIC e indicação para 2º ano. Ela mostrou a indicação para os outros mediadores e todos foram olhar as capas de seus livros novamente e procurar selos e indicações.

* Gabriel Felipe apresentou o seu livro (*O Peralta*⁴⁹) e justificou a escolha por ser um livro de imagens ele achava que os alunos iriam conseguir entender a história melhor.

* Gabriel apresentou o seu livro (*A noite a caminho de casa*⁵⁰), mas não soube explicar o motivo da sua escolha.

Ao término das apresentações das obras pedi que eles lessem as obras escolhidas. Com exceção do Gabriel todos concordaram. Nesta hora o mediador Gabriel pediu para trocar de livro com algum colega e o Gabriel Felipe aceitou fazer a troca.

Figura 20 - Formação de mediadores/ Dia 4



Fonte: Autora, 2019.

Então Gabriel iniciou a leitura da obra, que era um livro de imagens. No começo ele ficou meio apreensivo, um pouco envergonhado, mas depois da segunda página se soltou e fez a leitura da obra literária com fluidez. Ao terminar o mediador disse que agora tinha entendido como se lia um livro sem palavras. Era só olhar as imagens e usar a imaginação. E que além de gostar de gibis ele agora também gostava de livros de imagens.

⁴⁸ LEITAO, Mércia Maria. DUARTE, Neide. *Tarsila e o Papagaio Juvenal*. São Paulo: Ed. do Brasil, 2011.

⁴⁹ GALDINO, Jeferson. *O Peralta*. São Paulo: Sowilo, 2009.

⁵⁰ ZOBOLI, Giovanna. *À noite, a caminho de casa*. Rio de Janeiro. Ed. pequenazahar, 2017.

De acordo com Burlamaque, Martins e Araújo (2011, p.83) uma característica dos livros de imagem é que eles possuem “o efeito de deixar a interpretação aberta a seus leitores, uma vez que as imagens trazem em seu contexto mensagens que serão vistas e compreendidas a partir da bagagem cultural de cada leitor”. Nesta perspectiva, as autoras afirmam que o trabalho com este tipo de livro, “é importante para o desenvolvimento cognitivo, artístico imaginativo e cultural do leitor” (BURLAMAQUE, MARTINS E ARAÚJO, 2011, p.85).

Figura 21 - Momento de leitura/ mediadora Mikaella



Fonte: Autora, 2019.

Cada aluno realizou a sua leitura e durante este momento, o PSL foi fazendo interferências sobre a obra lida. No livro, *Tarsila e o papagaio Juvenal* ele fez questão de falar sobre a autora, chamou a atenção dos alunos para as informações que tem na orelha do livro sobre a autora. E foi falando sobre as obras dela.

Realizado o momento de mediação de leitura, como dispúnhamos ainda de algum tempo, voltamos para a atividade de organização do acervo. Foi possível organizar todo o acervo destinado para o uso de ensino fundamental II e parte dos livros do ensino fundamental I.

O mediador Gabriel, neste momento final, separou algumas obras danificadas e teve a iniciativa de realizar a reparação delas. Ação, que destacamos, em concordância com Kuhlthau (2013), como positiva. “As crianças podem começar a entender que a biblioteca é seu lugar,

mas que ela deve ser compartilhada com outras crianças. Assim, tem o direito de usar os materiais e a responsabilidade de conservá-los”. (KUHLETHAU, 2013, p.56)

Muitos livros estavam misturados, o que estava gerando, falta de espaço e dificuldades de localização das obras. As obras literárias da estante indicadas para 6° ao 8° ano foram organizadas com os títulos virados para frente e as estantes de livros de 1° ano ao 5° foram organizados com a lateral virada frente, devido à falta de espaço.

Ressaltamos aqui que a organização do acervo foi feita de acordo com os parâmetros da escola. A organização das estantes de livros na SL é feita em dois espaços (estantes para o acervo que é utilizado no ensino fundamental I e estantes para o acervo do ensino fundamental II). Este tipo de organização já é bem conhecido pelos alunos e tratado pelos professores com certa inflexibilidade. Foi possível presenciar, nos períodos de observação, que os alunos do ensino fundamental II, não tem autorização para fazer empréstimos dos livros da estante destinada para o ensino fundamental I.

Em relato, uma das alunas que está participando da formação, disse que *“não gosta dos livros que tem que levar para casa, gosta apenas daqueles que são trabalhados na formação”*. (Relatório/diário de campo, Mikaela, 2019).

A constatação desta divisão por faixa etária, não nos agrada, visto que compreendemos que a leitura e circulação dos livros na SL, deveria ser feita de maneira flexível. Compreendendo que para organizar o acervo, neste primeiro momento, não poderíamos desfazer esta organização sem um a autorização da gestão, colaboração dos professores que são adeptos desta organização, enfim, sem um trabalho mais aprofundado relacionado a esta forma de organização. Compreendemos a necessidade de fazê-lo, mas por ora, nos pautamos no processo de mediação como foco.

Figura 22 - Organização do acervo de 6° a 8° ano



Fonte: Autora, 2019.

Desta forma, não alteramos esta organização, fizemos a separação de obras que tinham vários exemplares, de livros de imagens, de coleções, de gibis, de literatura em língua inglesa. Apenas organizando as estantes. Encerramos o encontro com a atividade de organização do acervo. Foi possível organizar as obras do 6° ao 8° ano, e parcialmente, organizar as obras de 1° ao 5° ano.

Figura 23 - Organização do acervo de 1° a 5° ano



Fonte: Autora, 2019.

➤ Dia 5

Por ser a última semana antes das férias, e os alunos estarem realizando atividades de recuperação, muitos mediadores faltaram, vieram apenas o Gabriel Felipe e o Guilherme.

Recebi os alunos no portão da escola, os encaminhei para a sala de leitura onde o PSL nos aguardava. O PSL estava organizando os livros que foram devolvidos e neste dia disse que precisaria se ausentar por alguns momentos apenas, pois está organizando a confecção de uniformes para os professores, então teria que recolher algumas informações necessárias para tal.

Para tal encontro tínhamos planejado, uma avaliação parcial sobre a formação de leitura e realizar um período maior de mediação com as turmas de 1º ano, as quais não haviam ainda participado de nenhum momento de mediação de leitura na SL.

Os objetivos e proposições do encontro de formação:

- Realizar leitura deleite.
- Realizar uma roda de conversa sobre a obra literária lida.
- Explorar as possibilidades de leitura.
- Ativação de conhecimento prévio sobre a leitura, a partir do título da obra.
- Levar os alunos a fazerem previsões sobre a história.
- Entonação de voz e postura do mediador
- Seleção de obras literárias para serem lidas para as turmas de 1º anos.
- Mediação de leitura com as 4 turmas de 1º ano.

Para a realização destes, o planejado era dispor de um período inicial, retomando algumas questões relevantes para a realização de leitura para os alunos das turmas de 1º ano, visto que já havia conversado com a coordenadora pedagógica, e ela concordou em organizar as turmas de 1º ao para contação.

Iniciamos a formação pela leitura deleite, *Dorme, menino dorme*⁵¹. Após a leitura conversamos sobre alguns aspectos da leitura e clareza na pronúncia das palavras. Após esta conversa os mediadores me disseram que queriam ler para mim. Então disse que eles poderiam fazer da mesma forma como fazem para a realização da leitura para os alunos menores, iniciar pela seleção da obra literária. Me retirei da SL enquanto eles selecionavam a obra para falar

⁵¹ HERRERA, Laura. *Dorme, menino dorme*. Trad. Cecília Guida. São Paulo: Livro da Matriz, 2015.

com a coordenadora para organização do horário de leitura com as turmas de 1º anos. A Coordenadora disse que ia passar nas salas de aula, mas não sabia se as professoras iam querer participar, porque estavam fazendo atividades de recuperação de aprendizagem com os alunos. Neste momento estendi o convite as outras turmas, de 2º ao 4º, para garantir a realização das atividades planejadas. Retornei para a SL em expectativa pela sua resposta.

Ao retornar os mediadores já haviam selecionado a obra, “*Sete histórias de Gelar o Sangue*”⁵². Uma obra literária que já havia sido trabalhada pelo PSL e a professora de Português como relatou o PSL:

É muito bom você ver a satisfação dos 6º, 7º e 8º anos, gostarem de ler também, de participar, naquele dia da leitura, do livro Sete histórias degelar o sangue, a satisfação deles em ver o concreto, ouvir e ver que os objetos concretos estavam ali... é muito bom[...]. Pode ter certeza: o livro não para. Está lá eles já leram, mais querem reler e querem imaginar. A mesa preparada sobre a história do defunto, com certeza quando eles foram ler eles vão puxar na mente sobre a foto [...]E isto é importante. (PSL, 2019).

Começaram a discutir, sobre quem leria para mim, então chegaram ao entendimento de lançar sorte (par ou ímpar) e o resultado foi que o Guilherme leria para mim. Sentamo-nos e ele iniciou a leitura. Como era uma leitura mais densa ele demonstrou muita dificuldade na pronúncia de algumas palavras e certa lentidão. Virou o livro para mim como se tivesse me pedindo ajuda e passando os dedos nas palavras, quando chegava em alguma que ele não conseguia, diminuía o tom de voz e me olhava, então eu lia a palavra com ele. Seguimos assim por 3 páginas e ele disse que estava cansado com um pouco de dor de cabeça. O Gabriel Felipe, mais que depressa disse que terminaria a leitura. Pegou o livro, disse que leria, mas que iria mudar de história. Folheou o livro até o início e começou pela primeira história de gelar o sangue. Leu sem nenhuma dificuldade. Quando ele estava no meio da história, o Guilherme se levantou, pegou um livro de indicação para os alunos de 1º ao 3º ano, do PNAIC, e sentou-se no tapete e foi ler.

Quando o Gabriel Felipe terminou, abriu um sorriso e me perguntou se eu havia gostado da leitura dele e da história, e quando respondi positivamente ele me disse que adorava ler para mim. Neste momento, o Guilherme interferiu lá do tapete e disse que também gostava muito.

Nos levantamos e iniciamos a seleção das obras que seriam lidas. Os dois alunos selecionaram somente histórias já conhecidas e que eles tinham um bom domínio da leitura. Neste momento a coordenadora entrou na SL e me disse que a turma que iria participar da

⁵² SCHIMENECK, Antônio. Sete histórias de gelar o sangue. Porto Alegre: Besourobox, 2013.

mediação seria a do 4º ano e que eles viriam para a SL logo após a recreação. Então, não mostrei objeções. O PSL, neste momento, não estava na SL. Liberei os mediadores para um intervalo e decidi ir até a sala dos professores, refazer o convite aos professores dos 1º anos. Falei rapidamente do projeto e perguntei se algumas das professoras poderiam se dispor a participar, no quinto horário, para que os mediadores pudessem ter a oportunidade de experienciar um momento de mediação de leitura com crianças menores. Ao término de minha fala uma das professoras confirmou que iria.

Retornamos do intervalo e comuniquei aos alunos sobre os dois momentos de mediação e concordamos que ocorreria da mesma maneira, em dois grupos, cada um com um mediador.

Figura 24 - Mediação realizada pelo PSL – Dia 5 / Turma de 4º ano



Fonte: Autora, 2019.

Ao entrarem na sala de leitura, os alunos do 4º ano se sentaram no tapete à espera da organização dos grupos. Neste momento O PSL, retornou para a SL e pediu para realizar uma leitura para os alunos, perguntou se haveria tempo, e eles se agitaram para ouvi-lo, então ele foi a estante e pegou *Os 12 trabalhos de Lelércules*⁵³ e se posicionou para iniciar a leitura. Um dos alunos o interrompeu dizendo que ele tinha iniciado a leitura deste livro já, que já tinha lido o Primeiro Trabalho. Então o PSL disse que leria o segundo capítulo. Leu o 2º, o 3º e o 4º capítulo.

Ao terminar dispôs os alunos para os mediadores continuarem a mediação de leitura.

⁵³ TORERO, José Roberto. *Os 12 trabalhos de Lelércules*. São Paulo: Alfaguara, 2014.

Figura 25 - Mediação realizada- Dia 5/ Mediador Guilherme- Turma de 4º ano



Fonte: Autora, 2019.

Separamos os alunos em dois grupos e demos prosseguimento. A mediação com os alunos do 4º ano foi tranquila e os mediadores conseguiram realizar o passo a passo que antecede a leitura, falando da obra, fazendo antecipações sobre o tema da leitura. Os mediadores tinham pré-selecionado 6 obras para a realização da leitura. No grupo em que ficou o aluno Gabriel Felipe, foram lidas 4 obras e no outro Grupo, do mediador Guilherme foi lida uma obra. A maneira de ler deles era diferente. O Guilherme fazia inferências a todo momento, fazia perguntas, às vezes, conversava, fugia do tema, depois retomava, lia várias vezes a mesma frase e agitava muito os alunos. O Gabriel Felipe fazia todo o processo que antecede a leitura e depois lia sem interrupções e somente ao final, perguntava algo ou respondia alguma pergunta feita.

Figura 26 - Mediação realizada- dia 5/ mediadores Gabriel Felipe e Guilherme/ turma de 1º ano



Fonte: Autora, 2019.

Ao término do 4º horário os alunos retornaram para sua sala de aula e vieram os alunos do 1º ano. Organizamos eles primeiramente no tapete para uma conversa inicial, sobre a leitura e como poderia ser bom ouvir histórias. Conversamos sobre as histórias que eles gostavam ou já conheciam e apresentei os mediadores aos alunos, que ficaram muito entusiasmados com o fato de outros alunos da escola lerem para eles.

Muitas vezes a leitura, nesta etapa da escolarização, e compreendida pelos alunos como uma atividade árdua, devido a intensa maratona em busca da aquisição e domínio de um código, e quando apresentamos uma atividade de leitura, diferente, onde eles vão participar de atividades de leitura, desvinculados de atividades de cobrança, gerou tanto nos alunos, quanto nos mediadores em formação, muito entusiasmo.

Organizamos os alunos em dois grupos e demos prosseguimento. A mediação de leitura teve várias interrupções por parte de um aluno especial e da professora que ficou repreendendo o aluno. A professora de apoio, em certo momento até o retirou da SL, fazendo ameaças de castigo se ele não ficasse em silêncio. Neste momento fiz uma intervenção, com a permissão da professora regente, pedi que o aluno especial ficasse ao lado do mediador para visualizar as ilustrações, pois identifiquei que a espera pela leitura para depois visualizar as ilustrações estava

o deixando agitado. E o problema foi resolvido. Os mediadores deram seguimento e a professora de apoio se retirou da roda de leitura. O aluno terminou de ouvir leitura da história ao lado do mediador.

Figura 27 - Mediação- Dia 5- Mediador Guilherme/turma de 1º ano.



Fonte: Autora, 2019.

Antes de terminar o quinto horário despedi a turma de 1º ano para se organizarem para o momento da saída reforçando com eles a importância de frequentar a SL.

Para encerrar o encontro de formação realizei uma leitura deleite. Como nos primeiros encontros os mediadores tinham me pedido chocolate, distribui alguns e eles ouviram a leitura deitada no tapete, saboreando ambos, a leitura e o chocolate. Encerramos a formação.

Após despedir dos mediadores o PSL retornou à SL e pediu para falar comigo sobre a semana literária (um dos desdobramentos da ação da pesquisa-ação). Me disse que tínhamos conversado sobre realizá-la em outro momento, mas que ele retornaria das férias muito atarefado, pois tinha sido designado a ele a função de preparar a escola para o desfile de aniversário da cidade. Perguntei se poderíamos esperar, passar a data do desfile para organizar a semana, e ele me disse que tinha que falar com a direção da escola. Perguntei se ele iria de alguma forma envolver as atividades da sala de leitura na organização e realização do desfile e ele me disse que não. Que deixaria as atividades da sala de leitura para a semana pedagógica.

A Semana Pedagógica geralmente ocorre no mês de novembro e tem a finalidade de expor todos os projetos que estão sendo desenvolvidos na unidade escolar. Fui informada que a diretora estava planejando organizar um espaço no pátio da escola que será chamado de

“Jardim Literário” e a Semana Literária entraria na programação dela para inaugurar este espaço (inclusive a participação dos mediadores). Devido a isto, a semana se estenderia a toda a escola.

Em concordância com Moraes (2012), pontuamos que a diversidade de funções, que fica a cargo do responsável pela sala de leitura, atrapalha o processo e de mediação e distancia o PSL de suas principais atribuições.

Ter de assumir eventualmente tarefas operacionais, como tomar conta de recreio, substituir, quando um professor falta, dar recados nas salas, acompanhar os alunos nas excursões, tomar conta de aluno de castigo na biblioteca etc., faz que esse cargo perca a referência de mediador de leitura e sua função fique sem valor. (MORAIS, 2012, p.67)

Percebemos que sempre que possível, a mediação é realizada pelo PSL, porém por muitas vezes, suas vastas atribuições dificultam ou impedem que a mediação ocorra. Com relação aos professores das salas de aula, não são todos que integram a SL nas atividades pedagógicas a serem desenvolvidas. Não identificamos um projeto de trabalho ou ação pedagógica que integre a SL na agenda de escola com frequência.

De acordo com Colomer (2007) é necessário que a escola crie condições, espaços e oportunidades para que o leitor em formação tenha contato com a leitura. É necessário que os leitores tenham familiaridade com os livros para antecipar, criar expectativas, abandonar uma leitura, selecionar outra, enfim “Se a escola não assegura um tempo mínimo de prática para todas essas funções, quem o fará? ” (COLOMER, 2007, p.125)

4.2- A formação de leitores a partir da mediação

Ao iniciar as atividades de mediação percebemos que a ação realizada assumiria várias possibilidades formativas. Os alunos mediadores estariam sendo formados, ampliando suas competências com relação às práticas de leitura, simultaneamente com os alunos menores que estariam participando das atividades de mediação.

De acordo com Bajard (2007) no ato da sessão de mediação ocorrem as práticas narrativas que favorecem o letramento, ao passo que o indivíduo, que participa desta prática de leitura, entra em contato com o mundo da oralidade (a partir da narrativa do mediador) e com o mundo da escrita (a partir da narrativa do autor do livro) e estabelece a partir destes contatos vínculos de aprendizagens. “ O mediador propicia uma abordagem dupla da literatura, não somete sonora, mas também gráfica” (BAJARD, 2007, p.13)

Nos momentos de formação optamos por seguir um padrão de trabalho que consistia em sempre iniciar com uma leitura realizada por mim ou pelo PSL; um primeiro momento de formação; um segundo momento de prática de mediação de leitura, realizada pelos mediadores; e um terceiro momento de roda de conversas e reflexão sobre a atividade de mediação.

Nos momentos de formação elencamos algumas competências a serem desenvolvidas com alunos que foram sendo construídas a partir da própria prática de mediação, tais como: exploração da obra literária a ser lida; exploração do suporte livro, (título, autor, imagens, ficha catalográfica, sinopse); apreciação estética da obra; ativação de conhecimento prévio; leitura silenciosa e leitura em voz alta; compreensão e atribuição de sentidos; a compreensão de palavras desconhecidas; fluência na leitura; postura corporal; escolha de livros (preferências de leitura); e organização do acervo. Todos estes conhecimentos foram sendo desenvolvidos a partir da prática de mediação.

Baseadas em Bajard (2007) usaremos o termo *transmissão vocal* para designar o momento de leitura em voz alta realizada pelos mediadores a fim de demarcarmos algumas das aprendizagens inerentes a estas práticas. Na *transmissão vocal*, a voz alta do mediador revela, torna público o texto, possibilitando assim que até crianças que ainda não são alfabetizadas possam ter acesso ao texto gráfico o que não restringe o nosso público.

Para dar continuidade nas reflexões sobre as aprendizagens faz-se necessário demarcar a diferença de *transmissão vocal* e contação ou reconto. A primeira se atém ao texto gráfico, o mediador realiza a leitura do livro na íntegra sem se desviar do texto escrito; enquanto a segunda é uma prática da oralidade que “ propõe um discurso articulado numa complexidade e numa extensão raramente assumidas pela língua corriqueira de todos os dias” (BAJARD, 2007, p.27), onde o contador da história utiliza de elementos diversos baseados em performances teatrais. Na transmissão vocal o texto escrito é o instrumento utilizado.

Se o discurso do contador enriquece a língua do ouvinte, a língua escrita é, nesse sentido, ainda mais potente. O texto escrito utiliza uma língua mais sofisticada que a do discurso do contador. Assim tanto a língua escrita quanto a língua oral do reconto contribuem para o desenvolvimento da língua materna. (BAJARD, 2007, p.28)

De acordo com o autor para que a *transmissão vocal* ocorra de forma eficiente é necessário que haja uma compreensão previa do texto (2007, p.25). Mediante essa afirmativa pontuamos o quão a prática de *transmissão vocal*, além de comunicar o texto aos ouvintes, é

tomada de um aspecto que colabora com a formação dos mediadores enquanto leitores, que é a compreensão do texto.

Na mediada em que necessita da compreensão para ser eficiente, a transmissão vocal exige do locutor tomar conhecimento do texto antes da proferição. De fato, é difícil atribuir um tom expressivo a uma passagem se o encadeamento dos eventos da história e seu desfecho não são conhecidos. As dificuldades ocorrem não somente no nível do texto, mas também no da frase. Como, por exemplo, marcar uma entonação de uma pergunta se o ponto de interrogação é apreendido visualmente apenas ao fim da frase? Uma atividade solitária de desvelamento da narrativa é desejável antes do confronto com os ouvintes. A leitura que desvela o texto e a voz alta que o publica tornam-se mais efetivos quando ocorrem sucessivamente. (BAJARD, 2007, p.33)

No desenvolvimento da ação, a leitura prévia foi trabalhada em todos os encontros de formação. Nos certificamos de que os mediadores tivessem segurança, tanto da pronúncia, quanto da compreensão da história lida. Por exemplos, em todas as sessões de mediação, os mediadores selecionavam livros que já tinham sido lidos por mim e pelo PSL, e sempre realizavam a leitura bem aproximada da forma como fazíamos. Neste sentido concordamos com Bajard (2007) que trata a leitura prévia como essencial para que a formação de leitores e a performance do mediador, na sessão de mediação, seja alcançada sem limitações.

As obras literárias selecionadas para a formação e prática de mediação, em sua maior parte, tratavam-se de livros álbuns (texto e imagens) e livro de imagens. Conforme Bajard (2007, p.36) a literatura infantil recorre a imagem não como uma mera ilustração do livro, mas um suporte que possibilita ao desenho a função de linguagem narrativa na mediada em que é acessível a pessoas analfabetas.

Nesta perspectiva, pontuamos que as possibilidades narrativas destes estilos de livro na formação dos mediadores foram fundamentais para alcançar os objetivos traçados no desenvolvimento da pesquisa-ação.

Como a imagem do álbum é suporte da narrativa, cabe ao mediador de leitura apresentar a integralidade da obra, ou seja, suas duas matérias visíveis, tanto a ilustração quanto o texto gráfico[...] além disso cabe ao mediador transmitir a literalidade das palavras sem adulterar a obra artística com falas alheias a ela. (BAJARD, 2007, p.36-37)

Para que a sessão de mediação possibilite o acesso à integralidade da obra é necessário que o mediador adote alguns protocolos de leitura, tais como postura corporal, que propicie a

escuta do texto e o acesso visual; uma adequação da emissão da voz (voz alta) e exposição da obra.

No ato da mediação “a cena da leitura em voz alta pode ser desenvolvida de diferentes maneiras, de modo que o ouvinte observador possa ou não, acompanhar a leitura vendo também as ilustrações do livro” (PASTORELLO, 2010, p.115) se movimentando em direção ao texto escrito. O fato de lermos para os alunos mediadores propicia experiências com o “ler em voz alta”, relevantes com a prática de mediação.

Em todo tempo mediadores observam a maneira como lemos para replicá-las nas sessões de mediação. Como por exemplo, o Guilherme realiza a leitura de uma forma aproximada com a forma que o PSL lê interagindo o tempo todo com o leitor. Em meio as leituras realizadas eles sempre dão pausas e chamam a atenção dos alunos para uma apreciação estética da obra (*Ex: “vejam, olhem esse desenho! E agora, o que será que vai acontecer?”*).

Um outro exemplo, o mediador Gabriel Felipe. Por várias vezes me vi nele, sempre realizando a leitura de texto sem interrupções e depois fazendo a exposição da obra aos olhos atentos dos pequenos. E a inda, a mediadora Mileny, que foi para a frente da turma e realizou uma leitura didatizada que possivelmente se aproxima das experiências que já vivenciou com relação a leitura.

Evidentemente, nas primeiras sessões de mediação alguns alunos tiveram dificuldade na pronuncia e entonação de voz, o que é normal que ocorra, como pontua Pastorello (2010, p.127) ler em voz alta um texto pela primeira vez, por exemplo, é uma tarefa em que muitas vezes qualquer leitor mesmo que experiente comete enganos”. Nesta ótica tentamos proporcionar sempre a escuta de textos literários, e a leitura previa, feita pelos mediadores, para que pudessem desenvolver suas habilidades na sessão de mediação com mais segurança.

Pontuamos essa prática como potencializada tanto na formação dos alunos como mediadores, quanto na formação destes como leitores.

A leitura em voz alta é provocante, invoca o outro e evoca significantes [...] ao ler em voz alta, o olho abre para as letras e comanda a cadência da leitura a partir do sentido formado pela relação código- letra- palavra, mas é também o ouvido aberto que indicara à boca os deslizamentos, as ênfases, a pauta sonora que se percebe nas rimas, aliterações, repetições. (PASTORELLO, 2010, p.128)

De acordo com Bajard (2007, p.47) “a habilidade do mediador permite à criança vislumbrar o livro aberto durante a escuta do texto” que é possível quando o mediador realiza a leitura posicionando-se *em frente* aos participantes da mediação, e consegue, com as páginas

expostas aos ouvintes realizar a leitura. Quando essa habilidade ainda não é possível de ser alcançada, o mediador pode optar por sentar-se lado a lado ao ouvinte, ou até mesmo face a face. A postura *lado a lado*, limita a quantidade de ouvintes enquanto que a postura *face a face* não. O mediador pode optar por ler o texto gráfico e depois apresentar as imagens.

Os alunos, mediadores em formação, vivenciaram essas três posturas corporais. As primeiras formas que sugerimos para que lessem para as crianças foi a *lado a lado* e *face a face* (ver figuras 8, 16,17 e 18), pois concordamos com Bajard (2007) que destaca que a leitura realizada *em frente* para um número maior de pessoas, e que consiga apresentar a obra na sua integralidade, requer habilidades que por ora, os mediadores em formação ainda não possuem. Mas como descrito no relato das ações, os mediadores em formação solicitaram a realização da leitura *em frente*, para um número maior de alunos (ver figuras 11 e 12) e a realizaram, porém alguns não conseguiram fazer com que a mediação de leitura fluísse, tiveram muitas dificuldades provenientes da ausência das habilidades necessárias para assumir este tipo de postura corporal no ato da leitura, como foi descrito no relato do dia 2 da sessão de mediação.

Como destaca Bajard (2007) a *transmissão vocal* que ocorre na sessão de mediação requer uma combinação de gestos para que alcance seus devidos objetivos, tais como, *extração* ou *resgate*, *emissão vocal*, *olhar*, e *exposição* da obra.

No momento de *extração* ou *resgate*, “ o mediador varre o texto para extrair um fragmento e armazená-lo em sua memória de curto prazo até o momento de emití-lo pela sua boca” (BAJARD, 2007, p.52). Realizada a emissão, o mediador endereça seu olhar ao ouvinte estabelecendo a comunicação visual.

A riqueza da presença do mediador reside na comunicação visual que instaura com os ouvintes durante uma pausa ou durante a *emissão*. Por isso, os olhos têm que encerrar rapidamente a operação de resgate para se libertarem do livro, quando além da emissão, existe uma comunicação visual se acrescenta a sedução do olhar à musicalidade da voz. O mediador que não usa o *olhar* não aproveita plenamente a comunicação “ao vivo” (BAJARD,2007, p.54)

Feita a comunicação visual o mediador realiza a exposição da obra envolta em uma combinação de gestos colaborando com o desenvolvimento da consciência narrativa necessária para atribuição de sentidos às obras lidas.

A transmissão vocal foi realizada nos aspectos descritos acima, tendo em vista que não foram selecionados para o desenvolvimento da ação (leitura deleite, formação e pratica de mediação), livros que não continham imagens. Consideramos que para os objetivos e público que queríamos alcançar com a ação, essa escolha literária seria contemplativa.

Tradicionalmente, a ilustração e o texto caminhavam em planos separados. Um contava a história e o outro ilustrava. Mas, boa parte dos livros infantis atuais - que receberam o nome de “álbum” exatamente para distingui-los dos contos ilustrados - incorpora a imagem como elemento constitutivo da história, de maneira que os dois - texto e ilustração- complementem a informação. (COLOMER, 2007, p.93)

Como assevera Bajard (2007), “quando o mediador mostra as páginas do álbum, o conjunto gráfico imagem/texto se deixa conquistar pelos olhos das crianças analfabetas, a matéria gráfica do texto desde então cumpre seu papel de matéria a ser lida” (BAJARD, 2007, p.55).

Mostrar imagens e textos do livro legitima-se de várias maneiras:

- Oferece acesso à obra completa, composta por um conjunto de matéria icônica e de texto gráfico;
- Oferece acesso à dimensão icônica do texto gráfico já que o texto adquire, no álbum, no álbum o valor da imagem;
- Oferece acesso a dimensão tipográfica que possibilite as primeiras identificações (travessão, maiúscula, parágrafo) atribuído a transmissão vocal que função de letramento a iniciação à leitura. (BAJARD, 2007, p.55)

Em alguns momentos na formação e prática de mediação, também foram utilizados livros contendo apenas as imagens, e destacamos, embasando-nos em Colomer (2007) e em Bajard (2007), na importância deste trabalho para construção e desenvolvimento de conhecimentos referentes ao funcionamento da língua. Evidenciamos na sessão de mediação que os livros de imagens possibilitaram uma conexão com a história a partir da linguagem visual e uma segurança na oralização desta, já que, se não há o texto escrito, não há os impasses da má decodificação.

Reforçamos a segurança que os alunos possuem em ler um livro de imagens com o fato ocorrido com a mediadora Mileny⁵⁴, ao escolher o livro *A bola Dourada*, que já havia sido lido pelo PSL, para levar para a prática de mediação. A mediadora sentiu-se segura para realizar a oralização da história e para ir para uma outra utilização da obra, voltada para a didatização da obra, no momento em que foi escrevendo as palavras no quadro para uma leitura posterior.

Outro fato que pode ser utilizado para compor essa reflexão foi a escolha literária do mediador Gabriel no dia 4, da sessão de mediação. Destacamos que esse mediador não apresentava, inicialmente uma boa fluência na leitura, e quando foi solicitado que escolhesse um livro para realizar a leitura para outros mediadores ele escolheu um livro de imagens e

⁵⁴ Ver dia 2 na descrição da sessão de mediação no subitem 4.1 do presente capítulo.

pontuou no final da leitura que tinha aprendido como se lia este tipo de livro, *era só olhar as imagens e usar a imaginação*.

Colomer (2007) pontua que:

No início de sua aquisição da estrutura narrativa, meninos e meninas, dão por satisfeitos em reconhecer e nomear o conteúdo das imagens e veem as histórias como episódios desconexos. À medida que crescem, aumentam sua capacidade para estabelecer nexos causais entre as ações representadas e para colocar o que está ocorrendo nas ilustrações e no interior de um esquema progressivo. Sabemos sem dúvida que este avanço resulta mais fácil para aqueles que tenham ouvido contar muitas histórias e que aprendam a levar em conta os acontecimentos das páginas anteriores para atribuir um sentido às histórias dos livros. (COLOMER, 2007, p.55)

Desta forma, acreditamos na relevância do trabalho com livros que contém apenas imagens, no sentido de reforçar a construção da estrutura narrativa, que de acordo com Colomer (2007, p.55) é alcançada nos anos iniciais, quando as crianças possuem em torno de 6 anos já conseguem estabelecer conexões a partir das imagens. A partir deste trabalho é possível consolidar nos mediadores a sistematização da estrutura narrativa e possibilitar o desenvolvimento desta nas demais crianças que participaram das sessões de mediação, considerando é claro, que esse foi uma escolha entre outras.

No decorrer da leitura de um livro de imagens, conforme Bajard (2007), no momento em que a criança vai virando as páginas, ela vai percebendo o funcionamento sequencial das imagens, inferindo, fazendo conexões e compreendendo que há “um hiato entre as imagens que necessita ser interpretado. A sequência de imagens exige do leitor a identificação do mesmo personagem através da diversidade de suas representações icônicas” (BAJARD, 2007, p.68-69). Destacamos assim, um fato ocorrido no dia 2 da formação e prática de mediação⁵⁵. De acordo com os mediadores, “*existem algumas histórias que são mais divertidas e outras que servem para nos fazer pensar*”. Mediante esta colocação iniciamos um trabalho com livros de imagens, o que causou diferentes posicionamentos entre eles (Dois disseram que é bem mais fácil ler assim, porque você pode inventar o que falar, ao invés de ler, e os outros discordaram, dizendo que é mais fácil quando o livro tem as palavras que devem ser lidas) o que reforça a colocação de Bajard (2007) citada acima referente aos hiatos que precisam ser preenchidos para a compreensão da obra que está sendo lida.

⁵⁵ Ver relato da formação - dia 2 da formação- páginas 73 e 74.

Todas as experiências da ação possibilitaram a formação dos alunos em uma perspectiva de desenvolver neles comportamento leitores. “A transformação dos mediadores em leitores é fundamental na sensibilização das crianças à leitura” (BAJARD, 2007. p.60). Parte dos alunos, participantes da ação, tem sido assíduo nos empréstimos de livros na sala de leitura. *“Eles vêm e leem a sinopse do livro, pergunta, fala do autor, e levam os livros para casa e realmente eles leem, se você perguntar eles sabem falar sobre o livro”*. (PSL, 2019, bloco 2).

Dispositivo educacional que envolve a criança numa prática de língua escrita, a sessão de mediação pode contemplar vários objetivos desejáveis. A curto prazo disponibiliza para a criança o mundo imaginário dos livros e coloca-a em contato com uma matéria linguística mais elaborada do que a própria língua oral dos contos. A médio prazo, ao expor o funcionamento da língua escrita, a mediação possibilita a construção de um conhecimento a seu respeito, por fim, de modo informal, ela propicia as primeiras descobertas linguísticas do código gráfico, que mais tarde possibilitarão o seu domínio. (BAJARD, 2007, p.106-107).

Por fim, destacamos que a sessão de mediação teve muitas possibilidades formativas. A partir dela, todas as pessoas envolvidas vivenciaram momentos que relevantes para o desenvolvimento de suas habilidades referentes à leitura.

4.3 - A mediação continua? O que dizem os mediadores

Ao desenvolver a ação, voltada para a prática de mediação dentro do espaço da SL, afirmamos que embora nos mantivemos seguras das limitações temporais da pesquisa, lançamos uma expectativa otimista em ver que o desenvolvimento da pesquisa gerou frutos na rotina diária de trabalho da escola. Nossa expectativa era que a ação pudesse assumir um ponto de partida para a constância nas sessões de mediação no espaço da SL, que o PSL pudesse dar continuidade nos desdobramentos advindos da ação e que a formação e prática dos mediadores continuassem assíduas, colaborando com a formação de leitores no ambiente escolar. Acreditamos como Cerrillo (2003) que “o mediador é a ponte ou a ligação entre os livros e os leitores em formação, pois facilita o diálogo entre eles” (CERRILLO,2003, p.229, *apud*, SILVA, 2006, p.172) e desta forma, no âmbito escolar, ele é responsável por estabelecer uma conexão entre aluno e o livro. Atribui-se ao mediador essa aproximação que também é formativa.

Sendo assim, como já dito anteriormente, no momento da escolha dos instrumentos a serem utilizados para compor a parte metodológica da pesquisa optamos por desenvolver a entrevista semiestruturada com o PSL, em dois blocos, sendo que a do segundo bloco seria

realizada no término das atividades, a fim de ter uma devolutiva do trabalho realizado na perspectiva dele. Como no momento de planejarmos a ação da pesquisa-ação os alunos surgiram como protagonistas do trabalho a ser desenvolvido, acrescentamos um momento final com os mediadores, uma roda de conversa, para fazer parte das reflexões sobre a ação desenvolvida.

Destarte, neste subitem apresentamos uma devolutiva, do PSL (PSL- Bloco 2) e dos alunos que participaram do projeto de formação e mediação de leitura (Roda de Conversa com os Mediadores - RCM), com relação às ações desenvolvidas. Pontuamos algumas indagações relevantes para a composição final da dissertação, tais como, como está a rotina da sala de leitura atualmente; como está a rotina dos mediadores em relação a leitura; e outras, para elencar, a partir desta devolutiva, as possíveis contribuições que a realização do projeto trouxe para a comunidade escolar, para os participantes e para nossa pesquisa de uma forma geral.

Foi prevista, para o desenvolvimento da ação, a realização de três desdobramentos os quais eram a organização do acervo da sala de leitura; a formação dos alunos mediadores e a realização da mediação de leitura, feita por eles; e a organização de uma semana literária.

O objetivo para a ação de uma forma geral, foi estimular a prática da leitura literária, a partir da formação de mediadores de leitura na sala de leitura. Formação que foi realizada visando especificamente: potencializar o gosto pela leitura; Desenvolver a linguagem oral e fluência na leitura; Realizar leitura do livro de imagens a partir da descrição oral de cenários e personagens; Proporcionar momentos para expressão oral; Promover a interpretação e compreensão da leitura de obras literárias; Ampliar o vocabulário dos alunos; Proporcionar aos alunos a compreensão de que a leitura e a escrita para além da intencionalidade de informar, percebendo assim, que ela também nos emociona e tem o poder de gerar transformação.

Os encontros de formação foram finalizados no final de junho, em julho foram as férias escolares, e em agosto os alunos retornaram às suas atividades diárias na escola. Nos meses de agosto, setembro e outubro não retornei à escola, de modo a dar tempo do PSL dar (ou não dar) continuidade das atividades com os mediadores.

Retornei à escola no dia 04 de novembro, para a realização da entrevista Bloco 2 com o PSL, e para a realização da RCM. Fui durante o período matutino para conversar com o PSL e no período vespertino para conversar com os mediadores. Novamente fui muito bem recebida, e ao entrar na SL foi possível constatar algumas alterações nas estantes de livros. Todas muito bem organizadas, o acervo de acesso dos alunos organizado por turmas, coleções, gêneros, literatura infantil, literatura infanto-juvenil, livros de imagens, etc. De acordo com PSL, dos

alunos que participaram da formação, dois estão assíduos na escola no contra turno e estão, com a orientação dele, mantendo o acervo organizado e participando das atividades.

“O trabalho fez a diferença na organização dos livros, para você ver... os livros agora estão organizados, de primeiro ano, segundo ano, quinto ano, livro de imagem, literatura brasileira, literatura universal e isso foi feito com os meninos. E sempre que vamos fazer alguma atividade os meninos estão com a gente, atividades de leitura de artes e eles vem e o mais gostoso de você ver e a tranquilidade deles de estar na sala com as crianças, de estarem lendo. Em algumas atividades externas eles nos acompanharam, não ficou toda a turma que veio, mas os que ficaram...” (PSL, 2019, bloco 2⁵⁶)

Destacamos em concordância com Caldeira (2008) que as atividades que sugerem organização coletiva dos espaços de leitura, que são coletivos possibilita uma nova roupagem a estes, ampliando sua influência pedagógica.

Como espaço coletivo, onde os recursos serão compartilhados pela comunidade escolar, a biblioteca oferece excelentes oportunidades para o exercício da cidadania e para a prática do zelo pelo patrimônio comum, representado pelos materiais da coleção e equipamentos. Dessa forma, a biblioteca amplia sua influência pedagógica, participando efetivamente da formação de uma pessoa integral, eliminando seu estigma de espaço para castigo de alunos ou de depósito de materiais. Uma biblioteca que conte com um programa de atividades bem planejado e integrado aos projetos curriculares da escola será um espaço belo e alegre. (CALDEIRA, 2008, p.48 e 49).

Uma outra questão que gostaríamos de destacar é a rotina de atividades da sala de leitura. De acordo com o PSL, a sala de leitura continua mantendo suas atividades baseadas no quadro de horário de funcionamento já apresentado anteriormente. Em entrevista o mesmo declarou que houve um aumento no ritmo de atividades referentes a leitura na SL.

“O trabalho na sala de leitura permanece da mesma forma, ou até de forma maior agora. A quantidade de alunos que vem aumentou, tinha uns que nem frequentava, hoje eles vêm, eles querem trocar livros, eles querem usar o espaço aqui e quando acontece de não poder usar eles brigam. Quando por acaso não tem como atender eles já vão chateados. Então, assim eles querem usar o máximo possível, e houve aumento de empréstimo de livros, depois que começamos a trabalhar a importância da leitura, então eles estão pegando mais livros. Tem criança que pegava um livro, na outra semana que ela pegava outro, agora ela termina e já quer outro. Ao longo da semana tem criança que troca o livro três vezes. Já leu, vem cá e troca. ” (PSL, 2019. Bloco 2)

⁵⁶ Relato cedido em entrevista semiestruturada realizada em 04/11/2019.

Inferimos que o desenvolvimento da ação trouxe para a SL uma maior visibilidade. Ter alunos sendo formados mediadores e atuando na prática de leitura fez com que outros alunos se interessassem em participar das atividades de empréstimos de livros.

Pela troca e pelo empréstimo instaura-se um uso social do livro, primeiro passo para fruição compartilhada da escuta do texto entre todos os ouvintes. Desse modo a sessão de mediação desenvolve uma prática social do livro que nenhum acervo familiar propicia. Começa a lenta descoberta de que o verdadeiro prazer do livro não reside na sua posse material, mas no seu conteúdo, imaterial, simbólico e inesgotável. (BAJARD, 2007, p. 72)

Em concordância com Bajard (2007), destacamos que o uso esse social do livro proporcionado pelo compartilhamento das obras/leituras a partir da mediação leva os alunos a percepção das várias possibilidades que um livro e sua leitura pode trazer. Embora sabemos que o fluxo da leitura dentro da escola ocorra pela via da escolarização como pontua Soares (2006, p.24) “jamais a leitura de livros no contexto escolar, seja ela imposta ou solicitada ou sugerida por professor, seja o livro indicado pelo professor ou escolhido pelo aluno, jamais será aquele ‘ler para ler’ que caracteriza essencialmente a leitura por prazer”. No entanto, como assevera Morais (2012, p. 54) se não há como fugir da escolarização da leitura literária pode-se ao menos adequá-la para que não haja no lugar de uma aproximação, um distanciamento. Que

Não há como fugir da escolarização da literatura, porém deve se preocupar em fazer uma escolarização adequada, pois caso esse processo aconteça de forma errônea, adotando práticas que afastam os alunos da leitura ou mesmo desenvolvam resistência ou aversão a ela, de nada valerá o esforço para formar leitores. (MORAIS, 2012, p.54)

Destacamos para compor essa reflexão uma das questões levadas na roda de conversa com os mediadores. Ao questioná-los sobre algo que ocorre na escola que eles não gostam, os mesmos destacaram que “*não gostam de quando as professoras não levam eles para a SL por causa do comportamento*” (RCM, 2019). Referiram-se claramente às atividades na SL como compensatórias de um bom comportamento, como uma espécie de premiação, de um lazer, em contrapartida o não ir, como punição.

Observa-se que o relato dos mediadores difere do relato do PSL, em que destacou que as atividades na SL estão ocorrendo “de forma até maior”. De acordo com os mediadores estão indo a SL com menor frequência. Percebemos neste sentido, que há uma necessidade de integração das atividades de leitura, na sala de leitura, ao próprio conteúdo, para que esta não

seja apenas um lugar que os alunos possam ir, caso se comportem, que a SL possa ser considerada em todo seu potencial formativo.

O espaço da biblioteca, constitui-se como aquele que proporciona informação e formação aos sujeitos. Desenvolve capacidades que favorecem a compressão de objetos culturais, assim como entendimento e a intervenção na via social. Realizar ações que levem os alunos a ter uma relação positiva com a biblioteca, especialmente com os livros faz-se primordial. Projetos de dinamização de biblioteca são urgentes para fazer do espaço escolar algo cultural. [...] o mediador pode propor atividades na biblioteca para estímulo da leitura. (FEBA; ARIOSI; VALENTE 2017, p.61)

Demarcamos aqui a necessidade de compreender a BE, em particular a SL como espaço político- pedagógico nutrido de uma importância e de inúmeras possibilidades para a processo de formação do leitor. Há que se considerar os espaços de leitura como ambientes formativos, e condicionar seu uso a questões disciplinares pode configurá-lo como espaço punitivo ou compensatório, o que possivelmente colaborará na integração inadequada deste espaço à rotina escolar como um todo.

“A biblioteca escolar deve funcionar como um campo profícuo para o desenvolvimento de práticas de incentivo à leitura, como locus privilegiado para a formação de leitores literários e um núcleo ligado ao esforço pedagógico dos professores” (MORAIS, 2012, p.39). Neste sentido há uma necessidade de os espaços de leitura configurarem-se como um espaço de convivência que possibilite ao aluno um aprendizado efetivo que aconteça por diversificadas vias. A SL não pode restringir-se a um lugar que é frequentado sem objetivar-se uma formação leitora, social, cultural e outras.

Necessita-se configurar-se um espaço de convivência possibilitando ao aluno um aprendizado efetivo por meio da fruição de distintos veículos. Precisa tornar-se um local de encontro para a frequência a exposições, leitura de poemas, peças de teatro, visita de autores, divulgação de obras clássicas e modernas. Em síntese, um centro sociocultural da vida escolar, e finalmente, ser um local livre, cuja configuração espacial e os cuidados pedagógicos libertem os alunos das visões distorcidas sobre o livro causadas pela escolarização errônea da leitura. (MORAIS, 2012, p. 40).

No período de observações constatamos que as turmas de 1º a 3º ano não eram assíduas na SL e nem tinham cadernos de registro de empréstimos. Como esta foi uma das questões que nos impulsionaram a desenvolver a intervenção de maneira a alcançar as turmas iniciais do ensino fundamental, realizamos no segundo bloco de entrevista, algumas questões referentes as atividades da sala de leitura e empréstimos de livros. O PSL declarou que:

“Todos os alunos do ensino fundamental II, tem o dia certo que podem vir e fazer o empréstimo. E tem outro dia livre que podem vir, pra ler, pegar poesia para declamar[...] E o fundamental I, geralmente até o terceiro ano, não empresta, o professor leva para sala, pega aquela quantidade de livro, ele empresta e ele cobra, por exemplo, o professor vem aqui pega 25 livros e as vezes fica até dois meses com ele, porque troca entre os alunos, uma coleguinha pega o que o outro colega leu, e ele até prefere este trabalho porque todas as crianças vão ler todos os livros que eles levaram e depois eles vem devolve e pega outros e leva para a sala novamente, e ao longo do ano tem professor que troca o livro quatro, cinco livros por vezes, ao ano e eles continuam com a leitura também, e além disso tem os dias também que eles vem na biblioteca, que é o dia da professora ler aqui, deles pegarem os livros e estarem lendo” (PSL, 2019. Bloco 2).

Nas observações iniciais, não presenciamos nenhuma visita das turmas de 1º e 3º ano na SL, nem algum professor realizando o empréstimo para a turma, então inferimos que a forma de empréstimo relatada pelo professor seja algo recente, isto é, o professor/a é responsável pela seleção e retirada dos livros na sala de leitura. Soma-se a isso, o fato de que as turmas de 1º ao 3º ano estão participando, no segundo semestre, de um projeto de leitura proposto pela Secretaria Municipal de Educação (SME)⁵⁷ em parceria com o Grupo Mosaic Fertilizantes, que propõe a leitura literária diária em sala de aula, feita pelo professor regente da sala. Assim, a rotina diária na sala de aula prevê a leitura conforme indicação do Projeto Mosaic para cada ciclo, em que o professor lê os livros sugeridos e também livros selecionados por ele que devem estar em consonância com a proposta de formação do referido projeto.

Como surgiu esta nova informação de um projeto de leitura específico para leitura diária na sala de aula, questionei como estão acontecendo as atividades de mediação. Segundo o PSL, *o projeto de mediação está ocorrendo paralelamente. Os mediadores estão trabalhando com outras obras, diferentes das obras selecionadas para o projeto da SME. Eles vão para a sala de leitura, ajudam na organização e depois realizam a mediação, que está se concentrando mais em uma turma de terceiro ano.* (PSL, 2019, Bloco 2)

⁵⁷ O Projeto de leitura Mosaic Educa é uma iniciativa do Grupo Mosaic Fertilizantes, (Empresa multinacional com a atuação no Brasil, na produção, importação, comercialização e distribuição de fertilizantes, desenvolvimento de produtos para nutrição animal e comercialização de produtos industriais) em parceria com a Comunidade Educativa Virtual de São Paulo - CEDAC e a Secretaria Municipal de Educação de Catalão -SME. Conforme os sites oficiais apresentam: “O projeto prevê a formação dos educadores de 1º ao 3º ano para atuarem com atividades de leitura, é realizado a partir de encontros de formação bimestrais e um acompanhamento à distância pela CEDAC. O programa se propõe a incentivar o interesse pela leitura entre crianças e jovens, criando bibliotecas e capacitando educadores”. Informações disponíveis em: <http://www.comunidadeeducativa.org.br/programas/mosaiceduca> http://www.mosaicco.com.br/nossa_responsabilidade.htm; <http://www.catalao.go.gov.br/site/formacao-continuada-educadores-da-rede-municipal-concluem-mais-uma-etapa-do-projeto-mosaic-educa,NTV,MTEwNA.html>

Na roda de conversa os alunos citaram duas turmas onde estão tendo a abertura de realizar a mediação, uma de terceiro ano e uma de quarto. Um deles disse que os alunos destas salas já os conhecem como mediadores e sempre os recebem bem na sala. “*Os alunos quando vê a gente nos lugares, pergunta que dia a gente vai ler para eles*”. (RCM, 2019).

Pela fala dos mediadores ficou claro que eles não conseguiram alcançar as turmas de 1º ano. Durante a realização das ações, eles leram para os alunos de uma turma de 1º ano e não mais o fizeram desde então.

Demarcamos aqui o fato da descontinuidade das atividades escolares, dos projetos que se iniciam e, por vezes, ficam perdidos em detrimento daqueles que vão surgindo. Como declara Saviani (2011),

A questão da descontinuidade põe-se, portanto, como um problema da maior gravidade no âmbito do que estou chamando de materialidade da ação educativa, manifestando-se de maneira particularmente forte nas políticas educacionais. O problema apresenta-se aí com um grau tal que inviabiliza qualquer avanço no campo da educação. Parece que cada governo, cada secretário de educação ou cada ministro quer imprimir sua própria marca, deixando de lado os programas implementados nas gestões anteriores. (SAVIANI, 2011, p.109)

De acordo com o Saviani (2011), as atividades escolares requerem continuidade, desta forma há que se planejar e lançar metas que se sejam possíveis de serem realizadas em um tempo curto, médio ou longo, mediante os objetivos que se querem alcançar. É necessário pois que haja um tempo para que os projetos possam fluir e apresentar os resultados esperados, pois, como saber se algo realmente vai funcionar, ou vai emitir algum resultado positivo se não der tempo para obter esse resultado.

É necessário, para Saviani (2011)

Instituir propostas que possam, de fato, ser implementadas e avaliadas no seu processo e nos seus resultados, sendo corrigidas, quando for o caso, mas que tenham sequência, e que permitam criar situações irreversíveis de tal modo que as mudanças de governo não desmantelem aquilo que está sendo construído. (SAVIANI, 2011, p. 109)

Perguntamos para o PSL sobre a forma de empréstimos de livros para as turmas das séries iniciais, se são normas da escola, ou da SME, ou da SL e o PSL esclareceu que “*não é uma norma da secretaria, nem da escola, foi a forma que achamos melhor. E os professores prefeririam fazer desta forma. A professora prefere pegar e levar para a sala. E assim quando eles leem eles vêm e podem trocar*”. (PSL, 2019, Bloco2). A questão é que essa forma de

empréstimo distancia os alunos da SL. Eles não a frequentam para selecionar os livros que desejam levar para casa, para conhecer o acervo e/ou para explorar o espaço.

“O não reconhecimento da biblioteca como espaço de suma importância no contexto escolar e do bibliotecário e auxiliar como agentes educadores leva a um distanciamento crescente e à confirmação da não necessidade de integrá-los ao exercício educacional”. (MORAIS, 2012. p.49) Da mesma forma o não reconhecimento dos mediadores como colaboradores para o processo de formação de leitura e o não reconhecimento da SL como local propício para essa formação, faz com que as outras atividades escolares sejam privilegiadas em detrimento das atividades que ocorrem na sala de leitura. Os alunos menores, ou das séries iniciais, tem o seu tempo tão preenchido com as atividades escolares que a leitura literária, mais precisamente a realizada nas sessões de mediação, acaba por não ocorrer. Fato que nos faz pensar um pouco sobre as práticas de leitura na escola. Como proporcionar uma formação de leitura sem tempo para a leitura? Como fazer com que os alunos se interessem pelos livros sem proporcionar ações diversificadas de aproximação? Como colaborar com a formação dos próprios mediadores sem dar as condições para que exerçam aquilo que estão aprendendo? Vale ressaltar, que o PSL acolheu, tanto a formação, quanto a prática dos mediadores, durante a realização da pesquisa, mas que nos referindo a sua função, enquanto responsável pela SL, não dispõem de tempo suficiente para que a sessão de mediação alcance os objetivos que deveriam, e ocorra regularmente.

Os alunos das séries iniciais, de acordo com o PSL estão participando de atividades de leitura, porém, não as da ação realizada na SL. Neste caso há que se pensar na formação e aproximação dos alunos aos espaços destinados à leitura, não os restringindo às paredes da sala de aula. “Se a escola foi criada para ensinar a linguagem escrita pensar que esse objetivo pode ser alcançado sem nela ler e escrever é tão absurdo quanto pensar que se pode ensinar a nadar sem uma piscina onde os alunos possam mergulhar” (COLOMER, 2007, p.118). A Sala de Leitura seria essa piscina e os mediadores, os instrutores de mergulho.

Na entrevista, bloco 2, quando foi perguntado se o PSL queria fazer algumas considerações sobre a leitura na escola, o mesmo destacou que a leitura tem sido vista de uma forma diferente, que a escola tem se preocupado em integrar a leitura às atividades diárias, de uma forma que contemple toda a comunidade escolar.

Nós fizemos neste mês, a campanha da leitura na escola, a motivação da leitura e a escola inteira acabou sendo ativada. E em cada um começa a surgir uma ideia daqui, e vai incrementando dali, e você vê um espaço

*transformar-se em um jardim, debaixo do pé de manga, ainda não terminamos, mais um jardim de sala de leitura. Já convidei pessoas para estar vindo aqui contar histórias e outras pessoas para lerem livros para eles, **nossos meninos mediadores já conseguiram ler**. Estamos vendo se conseguimos colocar bancos e mesinhas debaixo do pé de manga, para ficar assim, realmente um espaço prazeroso de leitura. Não interessa se é aluno ou convidado de fora. E realmente a leitura, o projeto da escola esse ano no segundo semestre, foi a leitura como ponto forte e como eu te falei **de primeiro ao oitavo ano estão com este trabalho**. (PSL, 2019, Bloco2 - grifo nosso)*

Vale observar, como já descrito anteriormente, que o projeto de leitura (Projeto Mosaic Educa) atende exclusivamente de 1º ao 3º ano, desse modo, inferimos que a ação dos mediadores está ocorrendo, conforme descrito pelo PSL “**nossos meninos mediadores já conseguiram ler**”, entretanto, essa ação parece estar centralizada no 4º ano, haja vista que é a única turma disponível no contra turno. Além dessa, um dos mediadores afirmou ter ido ler em uma turma do 3º ano e diz que é sempre bem recebido pela professora, que em meio a tantas atividades está conseguindo dar abertura para que os mediadores leiam para seus alunos.

Ora, o fato de apenas duas turmas estarem disponibilizando espaço para ocorrer a mediação restringe o campo de atuação dos mediadores de forma que eles se concentraram em atividades de auxílio ao PSL. Na roda de conversa um dos mediadores disse “ *Sempre que chegamos o professor pede para organizar os livros primeiro*”. (RCM,2019)

Inferimos a partir dessa fala é que ação da mediação tenha se efetivado com maior vigor no que compete a organização do acervo, o que é positivo visto que os mediadores se familiarizaram com o acervo como destacou o PSL, “ *eles já sabem onde os livros ficam, sabem quais os livros que tem, quais os que estão emprestados*’ (PSL, 2019). Os mediadores leem na SL e se programam para as sessões de mediação que querem fazer. O PSL também pontuou que os mediadores, que estão ativos, estão lendo muitas obras e sempre que leem querem conversar com ele sobre o livro. Desta forma consideramos que a prevalência deste desdobramento de organização do acervo, tem colaborado com a formação dos mediadores como leitores.

OS CAMINHOS DA PESQUISA: ONDE CHEGAMOS

A possibilidade de participar da construção de novas aprendizagens em via dupla (ensinar e aprender), foi além de apaixonante, desafiadora. Apaixonante porque tivemos a oportunidade de pesquisar, aprender, ensinar e reaprender e ver a necessidade de voltar a pesquisar, e assim sucessivamente, como um ciclo de possibilidades formativas. Apaixonante porque construímos relações, amizades, conhecimentos que vamos levar para a vida toda, para nossa práxis. Tivemos a oportunidade de falar, de ouvir, de tentar, de refletir, juntos àqueles a quem as práticas educativas são destinadas, nossos alunos, nossos “mediadores”, nossos protagonistas. Desafiadora, pois iniciou cheia de incertezas. O que fazer? Como fazer? Para quem fazer? O que é exequível? Tínhamos por alvo maior: colaborar com a formação de leitores e isso foi o suficiente para nos instigar, para nos fazer começar, para nos levar a absorver-nos na ação que propusemos realizar. E aqui vamos nós, depois de um desafio, apaixonante, não chegamos em todas as respostas, mas em muitas vivências, não chegamos no fim, mas em muitas indagações, refletindo sobre novas possibilidades.

De acordo com Barbier (2007, p. 144) “uma pesquisa-ação só chega ao fim quando o problema inicial é resolvido, se é que pode realmente sê-lo”, visto que este tipo de pesquisa, que se dá em espiral, pauta-se no processo: situação problema; planejamento; ação n°1; avaliação; teorização; retroação sobre o problema; planejamento; ação n°2; e assim sucessivamente, o que colabora com o surgimento de novas possibilidades referentes ao problema inicial, ou até mesmo a alguns outros problemas que surjam pelo caminho. Neste sentido somente as pessoas ligadas de forma direta na pesquisa podem decidir na continuidade ou não da mesma. Destarte o que ocorre é uma avaliação somativa “efetuada pelo pesquisador coletivo na tentativa de compreender o que é da ordem da mudança real nas atitudes, nos comportamentos das pessoas e dos grupos ou na situação problemática”. (BARBIER, 2007, p.144-145).

Relembrando que o tema geral da pesquisa pautou-se na formação de leitores e como essa formação se dava em um ambiente específico dentro da escola, ou seja, na sala de leitura, e já destacando que nos propusemos a investigar os aspectos que envolviam a mediação de leitura literária, realizada pelo PSL, elencamos como questão problema: **como ocorria esse processo de mediação, realizado pelo professor responsável pela sala de leitura e como algumas ações poderiam contribuir para o aprimoramento da mediação?**. Para responder o nosso problema de pesquisa objetivamos compreender esse processo de mediação na SL, a

partir de períodos de observação e entrevista semiestruturada, para depois construir uma ação que contemplasse alguma necessidade de aprimoramento no que diz respeito à mediação. Nesse sentido objetivamos, de forma específica, mapear os elementos e recursos constitutivos de uma sala de leitura e as articulações que nesta ocorrem no processo de mediação da leitura; conhecer o profissional mediador da sala de leitura, identificando como este compreende a leitura e a formação de leitores; e intervir no processo de mediação e formação de leitores.

Aqui vamos por parte. Tratemos primeiramente nossas impressões sobre a SL e sobre a atuação do PSL, referente ao processo de mediação, para posteriormente trazer nossas considerações sobre a intervenção realizada.

A “nossa sala de leitura” é um espaço ativo na escola, mentem um horário de funcionamento estabelecido que atende os dois turnos da unidade escolar, matutino e vespertino. Porém, ela é parcialmente adequada para esse atendimento. É uma sala climatizada com boa luminosidade, possui um espaço com mesas e cadeiras e um outro espaço com um tapete e algumas almofadas, mas, que não atende na totalidade os alunos que a frequentam. Nos momentos de mediação há alguns transtornos de acomodação visto que, aproximadamente dois terços dos alunos se acomodam adequadamente no tapete, os outros sentam-se no chão, o que gera tumulto entre eles.

Esse horário de funcionamento pré-estabelecido também é parcialmente atendido, pelo fato da SL não ser ocupada somente com atividades referentes à leitura. A SL é multifuncional, utilizada para palestras, encontros de formação, atendimento a crianças com necessidades especiais, projetos de grupos de pesquisa e extensão, local onde se reúnem para a confecção de artefatos para as festas comemorativas da escola, sala de vídeo e outros. E no acúmulo de usos da SL, o tempo para que ela seja usada para as suas atividades primárias, ou seja, o acolhimento dos alunos para a prática de leitura, fica comprometido.

Por vários momentos, nos períodos de observação, pontuamos que a SL estava sendo utilizada para atividades secundárias. Entendemos que os recursos e espaços físicos da escola são limitados, e como pontuou o PSL nos momentos de entrevista, a SL foi organizada por iniciativa dos próprios funcionários da escola, o que reforça a displicência que o poder público tem com a educação.

No horário de atendimento é previsto o empréstimo (registrado em um caderno) de livros para os alunos da escola, mas essa prática não atende a todas as turmas, visto que, de 1º ao 3º os alunos não participam desta dinâmica. Com relação a esta constatação, o PSL pontuou que os empréstimos ocorriam para os alunos a partir do 4º ano por já terem uma desenvoltura

com a leitura, e os de 1° ao 3° ano, ficavam alheios ao empréstimo na SL, por terem mais dificuldades com a leitura. De acordo com o PSL, os professores dessas turmas priorizavam o trabalho com leitura na sala de aula, e realmente foi o que percebemos. Em todos os nossos momentos na SL não presenciamos nenhuma das turmas de 3° ano visitando a SL, nem as de 1°ano, somente as turmas de 2° ano. E como foi prazeroso participar da mediação de leitura realizada pelo PSL, com as turmas de 2° ano.

No segundo bloco de entrevista com o PSL, realizado no final do segundo semestre letivo, surgiram novas informações sobre o trabalho de leitura realizado nas turmas de 1° ao 3° ano. Ele declarou que os professores das respectivas turmas realizam a seleção de livros e levam para a sala de aula para que os alunos troquem entre si. E pontuou também que essas turmas estão participando de um projeto de formação de leitores proporcionado por uma empresa privada em parceria com Secretaria de Educação da cidade. Um projeto que prevê a leitura literária realizada diariamente na sala de aula.

Ambas informações afetaram diretamente a proposta e continuidade da ação realizada na escola a partir da nossa pesquisa. Nós realizamos uma ação de formação de mediadores para atuarem nas turmas de 1° ao 3° ano, e diante de tais constatações, já que o professor regente da sala que é responsável, tanto pelo empréstimo de livros, quanto pela realização da leitura literária, e devido à intensa rotina de atividades diárias que as turmas precisam cumprir, os nossos mediadores não tiveram e, provavelmente não terão, a oportunidade de alcançar essas turmas na prática de mediação. Uma lástima, já que a escola dispõe de uma SL, dispõe de um PSL, e dispõe de mediadores para realizar a aproximação, contato e frequência dos alunos menores nas atividades de leitura. Restringir essa leitura à sala de aula e ao professor regente, consideramos como um ato de retrocesso, haja vista que limita as potencialidades para a formação de leitores.

No que se refere ao “nosso professor da sala de leitura”, o PSL, destacamos que ele é um leitor ativo, e que em todas suas declarações pontuou a importância que o contato direto com os livros exerce na formação de leitores. É graduado em Letras, o que de acordo com Silva (2006, p.183) é um aspecto positivo, visto que para direcionar e realizar a função à qual é designado. Em outras palavras, é bom que o professor da sala de leitura “tenha uma formação que possa estar no âmbito da Letras, da Educação, Biblioteconomia e ou áreas afins”.

Presenciamos alguns momentos de mediação realizados por ele e pudemos ver o quanto ele interage com os alunos nas práticas de leitura. Realiza a mediação voltado para a compreensão leitora dos alunos, e de uma forma que agrada àqueles que o ouvem. Os

mediadores relataram que “amam” as leituras realizadas pelo PSL e que acham as leituras da sala de aula chatas, principalmente quando tem tarefa depois. De acordo com Silva (2006, p.183), “ para mediar a leitura com sucesso na escola é preciso que o mediador seja um facilitador do encontro entre o futuro leitor e o texto; que ele se relacione bem com todos os componentes da comunidade escolar, de alunos a professores”, o que ocorre com relação ao PSL. Notamos que ele tem um bom relacionamento com a comunidade escolar em geral.

Um dos problemas que destacamos referente ao PSL, é que ele ocupa várias funções. Ele é um funcionário da sala de leitura que não tem tempo para a sala de leitura. Ele cumpre tarefas da equipe gestora, olha recreio, dá recados, retira-se da escola para realizar tarefas administrativas, organiza eventos (desde a preparação, ornamentação à realização), atua nas atividades extraescolares, como passeios, representa a escola em atividades externas e outras. Sendo assim, o tempo que lhe sobra para atuar na função a qual foi designado é insuficiente para atender toda a demanda. E essa foi uma das razões que impulsionaram nossa ação. Formar mediadores que atendessem as necessidades da sala de leitura, auxiliando o PSL e alcançando as turmas ausentes nesse espaço.

Aqui relembremos o terceiro objetivo da pesquisa que era, intervir no processo de mediação e formação de leitores. Para atender esse objetivo, traçamos a ação da nossa pesquisa: **a formação de novos mediadores para atuarem na sala de leitura**. Compreendemos que desenvolver essa ação colaborou com as atividades da SL, com o processo de mediação realizado na sala, fez com que a mediação de leitura ocorresse, já que por vezes não o pode devido à sobrecarga de trabalho do PSL, e outra colaboração foi com a formação dos próprios alunos, participantes da ação.

Respondendo a esse terceiro objetivo específico, no que se refere a intervenção no processo de mediação de modo a aprimorá-lo, conseguimos realizar a ação parcialmente, visto que tínhamos previsto como desdobramentos desta, a organização do acervo, a prática de mediação a partir da leitura e a organização de uma semana literária. Destes, não conseguimos organizar a semana literária. Tal desdobramento ficou a cargo de ser executado posteriormente pelo PSL.

Sabíamos desde o início que o tempo que dispúnhamos seria razoável, para não dizer apertado, mas suficiente para alcançar os objetivos e realizar os desdobramentos da ação, se não fosse os impasses que ocorreram pelo caminho. Certo é que a escola possui uma vasta rotina de atividades curriculares e extracurriculares que ocupam mais do que o tempo que ele dispõe.

Neste sentido, atividades primárias da escola, que envolvem a leitura e a escrita, ficam inexecutáveis diante de tão apertada rotina.

Consideramos que o número de alunos para realizar a ação foi razoável, visto que foi até cogitado que mais alunos participassem da ação, mas, entendemos que a formação não atingiria seus objetivos se o número de alunos fosse muito grande. Nossos encontros foram realizados em aproximadamente 3 horas com intervalo de 15 minutos e sempre divididos em 1º momento, de formação com os mediadores e em um segundo momento de prática de mediação, com os alunos menores. Nesse primeiro momento fazíamos a exploração dos livros a serem lidos, realizávamos a leitura dos mesmos, uma conversa sobre o livro, destacando informações sobre gênero literário, tipos de livro, maneiras de ler, e outras.

“O mediador de leitura na biblioteca escolar precisa ter informação acerca do que seja a leitura em seus vários ângulos, ou seja, se é informativa, científica ou literária”. (Silva 2006, p.182). Diante dessa afirmação, no início dos momentos de formação de mediadores, conversávamos com os mediadores sobre os tipos de leitura e suas finalidades. Compreendemos que as atividades relacionadas à ação dariam um início para a formação dos alunos enquanto mediadores, mas que o interessante seria que essa formação tivesse continuidade, se estabelecesse como um ciclo de formação para proporcionar um maior envolvimento dos alunos da escola nas atividades da sala de leitura.

Relativo aos encontros de formação e prática de mediação entendemos que, quanto ao período de formação conseguimos alcançar o plano de ação traçado, mas no momento de prática, nem todas as vezes nos foi oportunizado realizar a prática de mediação nas salas de 1º ao 3º ano, visto que, por vezes quando estabelecíamos o contato para realizar a sessão de mediação, as professoras cancelavam a sessão alegando a necessidade de desenvolver outras atividades. Mesmo ocorrendo o cancelamento nos organizamos para que todos os dias os mediadores lessem, assim, incluímos uma turma de 4º ano para a realização da ação, devido a disponibilidade da turma. Prosseguimos nos reorganizando sempre para que os mediadores não ficassem sem realizar a leitura e assim dar prosseguimento na ação.

Diante dos desdobramentos da ação que eram: a organização do acervo, a prática de mediação e a semana literária, evidenciamos que um teve mais destaque e mais envolvimento por parte dos mediadores e do PSL, que foi a organização do acervo, constatação que ficou bem clara a partir da roda de conversa com os mediadores e na nossa última visita à escola. Acreditamos que, como nós nos momentos de formação e prática de mediação tivemos dificuldades quanto a organização dos horários, dos agendamentos de sessão de mediação,

possivelmente os mediadores tiveram as mesmas dificuldades, e como tinham um horário estabelecido na sala de leitura, se restringiam à organização do acervo, minimizando a quantidade de sessões de mediação de leitura. Não que essa constatação seja negativa, mas o ideal é que todos os desdobramentos tivessem tido continuidade de forma extensiva ao plano de ação.

De acordo com o PSL ele tem intenção de iniciar no ano letivo de 2020, o projeto de mediação com novos mediadores e seguir o plano de ação. O PSL tem a pretensão de selecionar alunos do 5º ano para participarem do projeto de mediação, visto que o fechamento das turmas será gradativo. Em 2020, não teriam turmas de 8º ano, em 2021 não teriam turmas de 7º ano e assim sucessivamente. Desta forma selecionando alunos do 5º ano seria possível desenvolver um projeto de mediação de leitura mais extenso, ou com pelo menos dois anos de duração.

No decorrer da pesquisa, caminhando para a finalização fomos construindo algumas reflexões, as quais chamamos aqui de presenças e ausências. A sala de leitura está presente nas atividades da escola, porém, há uma ausência de um planejamento coletivo que envolva as atividades de leitura, mais precisamente as que ocorrem na SL nas seções de mediação. Chegamos a essa conclusão pelo fato de não termos presenciado durante o período de investigação, momentos de planejamento coletivo para práticas de leitura e ainda, que por várias vezes a mediação de leitura não ocorria na SL em razão de estarem sincrônicas às demais atividades que as turmas são submetidas. Concordamos que a escola atua em ritmo acelerado para conseguir alcançar a maior quantidade de conteúdos possíveis, mas não podemos deixar de demarcar que as atividades alheias, como festas, gincanas, passeios, e outras, tomam muito tempo escolar, o qual poderia estar sendo dirigido às atividades primárias da escola. Ler e escrever fazem parte dessas atividades e de forma alguma, tudo aquilo que inerentes a elas são, poderiam ser acessórias.

Notamos que o PSL está presente, porém com a ausência de tempo para realizar as atividades que a ele são designadas. Por vários momentos ele se programou para realizar a mediação de leitura, mas, antes que esta iniciasse era solicitado que ele saísse da SL, ou até mesmo da escola, para realizar outras atividades da escola. Nos trouxe muito encantamento os momentos em que presenciamos a sessão de mediação realizada pelo PSL. Foi possível constatar o quanto os alunos gostam das leituras realizadas por ele. Ele tenta passar para os alunos a sua “paixão” pelos livros, conta sobre suas experiências e faz com que a leitura, mediada por ele, seja agradável. Por várias vezes em sua fala, o PSL destacou que “toda a escola está envolvida com as práticas de leitura”, por exemplo no seguindo bloco de entrevista,

ele diz “ *o projeto da escola esse ano, no segundo semestre, foi a leitura como ponto forte*” (PSL, 2019) mas, tanto nos períodos de observação, quanto na realização da ação e até mesmo na fala dos mediadores, identificamos que esse projeto de leitura não alcança a escola em sua totalidade e nem se efetiva como previsto e pontuado pelo PSL.

Longe de nós atribuir a responsabilidade ou a culpabilidade ao PSL pelo fato das práticas de leitura, principalmente as que ocorrem na SL, serem inconstantes. Entendemos que há todo um sistema escolar, cheio de atividades e um árduo cronograma a ser cumprido, poucos recursos pessoais e físicos, um plano de funcionamento que expõe a SL a um uso multifuncional, enfim inúmeros elementos que precisam ser considerados ao refletir sobre o processo de mediação realizado na SL. Entendemos que a constância nas sessões de mediação, não depende somente do PSL, visto que a disponibilidade da turma, dos professores regentes da sala, da coordenação em organizar as atividades, a falta de outros espaços para demais projetos ou reuniões estão interdependentes no uso diligente da SL.

No retorno à unidade escolar vimos que dos mediadores que participaram da ação, somente dois estão presentes. O restante dos mediadores não continuou frequentando as atividades de mediação de leitura. Ao conversar com eles percebemos que houve uma ausência de integração e continuidade por parte deles mesmos. De acordo com os mediadores, o PSL avisava com antecedência sobre as atividades de mediação, mas, eles estavam muito envolvidos com outras atividades. Dos quatro mediadores que não continuaram, uma relatou que estava trabalhando, outras duas que não foram por preguiça de ir à escola no contra turno, e um outro por que tinha que ficar com o irmão menor. É claro que gostaríamos que todos tivessem continuado, mas, nos alegramos ao saber que dois deles continuaram participando. Inferimos, a partir da roda de conversa com os mediadores que o fato deles não continuarem a ser alunos da unidade escolar no ano seguinte, colaborou para que não se empenhassem em continuar com o projeto.

Como o plano de ação ficou na escola para compor as ações pedagógicas da mesma, acreditamos que no ano seguinte o PSL possa decidir dar continuidade ao projeto, como ele mesmo pontuou em sua fala na segunda entrevista.

As turmas de 1º ao 3º ano, que antes eram ausentes nos empréstimos de livros na SL, agora de acordo com o PSL estão fazendo, não registrados em caderno de empréstimos como os outros alunos, mas coletivamente. O fato dos alunos não irem a SL escolherem o que querem ler, o que querem levar para casa nos intrigou, porque embora estão levando livros para casa,

há uma ausência de autonomia na escolha, visto que é o professor que seleciona as obras a serem trabalhadas em sala e levadas para casa.

Outro fato que não podemos deixar de demarcar também é a presença de um projeto de leitura, de iniciativa externa, definindo o que os alunos vão ouvir de histórias (tipos de livros, gêneros) e como eles vão ouvir (maneira como será realizada a leitura). Ora se antes do projeto já notamos uma ausência de tempo para as atividades na SL, inferimos que poderá ser maior agora, já que o aluno das turmas iniciais do ensino fundamental tem que cumprir esse protocolo de leitura. Se percebemos dificuldade em ter disponibilidade das turmas para receber os mediadores, podemos interpretar que com a exigência desse projeto externo, essa dificuldade permanecerá, pois cabe ao professor regente da sala ser mediador da leitura literária diária. Ao professor regente da sala de aula foi dada mais uma atividade que é, além de ler as obras previstas, realizar planejamentos paralelos e relatórios escritos dessas atividades de leitura dispostas no projeto Mosaic de leitura. Pontuamos aqui a ausência de tempo do professor para lidar com tão intensa carga de atividades.

Voltemos as intenções e relevâncias da pesquisa, inicialmente traçadas. Acreditamos que social e cientificamente trouxe grandes contribuições no sentido de estarmos construindo conhecimentos que possam abrir caminhos para a aproximação da pesquisa, do pesquisador com os reais problemas enfrentados na escola. Uma pesquisa que visou colaborar, se propôs a caminhar junto, a construir aprendizagens, a abrir novas possibilidades.

Quão relevante seria, novas pesquisas que conseguissem alcançar também a comunidade docente da escola, integrá-la, auxiliá-la na formação de leitores. Pesquisas que conseguissem abrir caminhos para ativar os espaços de leitura (SL) e integrá-los ao projeto pedagógico da escola.

Por fim, a pesquisa foi pessoalmente relevante pela gratificação que tivemos em estar ali na escola colaborando de alguma forma para que o ensino de leitura seja aprimorado. Pessoalmente relevante por tantas aprendizagens e vivências, que certamente nos trará boas lembranças e muitas reflexões acerca de nós, como pessoas, educadoras, mediadoras. Nos caminhos da pesquisa não chegamos a todas as respostas, mas em várias outras indagações, não chegamos ao esgotamento de nossas reflexões, e nem poderíamos com a riqueza dos momentos vivenciados no decorrer da pesquisa. Chegamos a novas possibilidades.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA JÚNIOR, O. F.; BORTOLIN, S. Bibliotecário: um essencial mediador de leitura. In: SOUZA, R. J. (Org.). **Biblioteca escolar e práticas educativas**. Campinas: Mercado de Letras, 2009. p. 205-218
- ANDRÉ, Marli E. D.a.. A pesquisa no cotidiano escolar. In: FAZENDA, Ivani et al. **Metodologia de Pesquisa Educacional**. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2010. Cap. 3. p. 39-50.
- ARAÚJO, Leda Maria; e SILVA, Rovilson José da. Biblioteca escolar no Brasil: perspectivas históricas. In: **Fazeres cotidianos na biblioteca escolar** / Rovilson José da Silva, Sueli Bortolin (Orgs.). – 2.ed. São Paulo: ABECIN Editora, 2018.p.11-34
- BAJARD,Elie. **Da escuta de textos à leitura**. São Paulo: Cortez,2007
- BARBIER, René. **A pesquisa-ação**. Trad. Lucie de Didio. Brasília: Liber Livro Editora,2007.
- BERENBLUM, Andréa. **Por uma política de formação de leitores** / elaboração Andréa Berenblum, Jane Paiva. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006.
- BORTINI RICARDO, Stella Maris et al. (Orgs.). **Leitura e mediação pedagógica**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012
- BORTOLIN, Sueli. SILVA, Rovilson José da. **Reflexões sobre a leitura e a biblioteca escolar**(p.38) In: **Fazeres cotidianos na biblioteca escolar** / Rovilson José da Silva, Sueli Bortolin (Org.s). –2.ed. São Paulo: ABECIN Editora, 2018.
- BRASIL. Constituição (2010). **Lei nº 12244, de 24 de janeiro de 2010**. Dispõe Sobre A Universalização das Bibliotecas nas Instituições de Ensino do País.
- BRASIL. **Ministério da Educação e do Desporto. Parâmetros Curriculares Nacionais**. (1º a 4º série)1. ed. Brasília: MEC, 1997.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Portaria Interministerial n. 1442, de 10 de agosto de 2006**. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Seção 1, Brasília, DF, n. 154, p. 18-19, 11 de ago. 2006.
- BRASIL. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa**. A organização do trabalho escolar e os recursos didáticos na alfabetização. Caderno 04 / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. – Brasília: MEC, SEB, 2015.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental**: introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRITTO, Luiz Percival Leme. Leitura e Política. In: BRANDÃO, H.M.B; MACHA DO, M. Z. V.(org.) **Escolarização da Leitura Literária**. Belo Horizonte: Autêntica,1999.

BURLAMAQUE, Fabiane Verardi; MARTINS, Kelly Cristina Costa; ARAUJO, Mayara dos Santos. **A leitura do livro de imagem na formação do leitor**/ Org. Renata Junqueira de Souza, Berta Lúcia Tagliari Feba. Leitura literária na escola: reflexões e propostas na perspectiva do letramento. – Campinas, SP: Mercado de Letras, pp. 75-95. 2011.

CALDEIRA, Paulo da Terra. O espaço físico da biblioteca. In: CAMPELLO, Bernadete Santos. **Biblioteca escolar: temas para uma prática pedagógica**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 47-49.

CAMPELLO, Bernadete Santos. **Biblioteca escolar: temas para uma prática pedagógica**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

CAMPELLO, B. S. et al. Parâmetros para bibliotecas escolares brasileiras: fundamentos de sua elaboração. **Informação & Sociedade: Estudos**, v. 21, n. 2, p. 105-120, 2011. Disponível em: <<http://www.brapci.inf.br/v/a/11066>>. Acesso em: 28 Ago. 2018.

CAMPELLO, Bernadete Santos, CALDEIRA, Paulo da Terra, LIMAS, Rubeniki Fernandes, SOUSA, Thaís Gabrielly Fernandes. **A universalização de bibliotecas nas escolas: reflexos da lei 12.244**. Ponto de Acesso, Salvador, v.10, n.2, p. 39-58, ago., 2016.

CAMPELLO, Bernadete. (Coord.) **Biblioteca escolar como espaço de produção do conhecimento: parâmetros para bibliotecas escolares**. Belo Horizonte, 2010.

CARVALHO, Maria da Conceição. Escola, biblioteca e Leitura. In: CAMPELLO, Bernadete Santos. **Biblioteca escolar: temas para uma prática pedagógica**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 21-23

CARVALHO, Marlene. **Alfabetizar e letrar: um diálogo entre a teoria e a prática**. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009 p.13.

CASTRO, M. H. G. Pela Formação de leitores. In: AMORIM, G. (org.) **Políticas Públicas para o Livro e Leitura**. Brasília, Brasil: OEI; São Paulo: Cultura Acadêmica,2006.

CIRINO, Darciane Barros Leão. **Programa Nacional Biblioteca da Escola – PNBE: apropriação dos acervos para a formação de leitores no município de Ipameri-Goiás**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Goiás. Catalão, 2015.

COLOMER, Teresa. **A leitura literária na escola**; trad. Laura Sandori. São Paulo: Global,2007.

COSSON, Rildo. **A prática de leitura na escola: mediação ou ensino?** In: Nuances: estudos sobre Educação, Presidente Prudente-SP, v. 26, n. 3, p. 161-173, set. /dez. 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14572/nuances.v26i3.3735>. Acesso em:09 de janeiro de 2020.

FAZENDA, Ivani (Org). **Metodologia da Pesquisa Educacional**. São Paulo, Cortez, 2010.

EBA, Berta Lúcia Tagliari. ARIOSI, Cinthia Magda Fernandes. VALENTE, Marluce Silva. **A biblioteca como espaço de mediação de leitura**. In: FEBA, Berta Lúcia Tagliari, SOUZA, Renata Junqueira (Org) Mediação de leitura: espaços e perspectivas na formação docente. Ed. Copiarte, 2017, p. 45-67.

FERNANDES, Célia Regina Delácio. **Leitura, Literatura Infanto-Juvenil e Educação**. Londrina: EDUEL, 2013.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam** / Paulo Freire. – 51.ed.-São Paulo: Autores Associados: Cortez, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: PAZ e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**, 13^o ed.: Rio de Janeiro: PAZ e Terra, 1983.

FREITAS, Vera Aparecida de Lucas. **Mediação**: estratégia facilitadora da compreensão leitora (pp.65-85) In: RICARDO, Stella Maris et al. (Orgs.). **Leitura e mediação pedagógica**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012

GAMBOA, S.S. **Pesquisa em educação: Métodos e Epistemologias**, Campinas: Papyrus, 2006.

GIROTTI, Cyntia G. G. Simões. SOUZA, Renata Junqueira. **A hora do conto na biblioteca escolar: o diálogo entre a leitura literária e outras linguagens**. In: SOUZA, R. J. (Org.). **Biblioteca escolar e práticas educativas**. Campinas: Mercado de Letras, 2009. p. 19-47.

GOULEMOT, Jean Marie. **Da leitura como produção de sentidos**. In: CHARTIER, Roger (dir.). **Práticas de leitura**. Tradução de Cristiane Nascimento. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001. p.107-116.

GUIMARÃES, Sione Pires de Morais. **Construção de práticas de ensino de leitura: com a palavra o professor**. 2013. 158 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Goiás, Catalão, 2013. Disponível em: <http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tde/2945>

IBIAPINA, Ivana M. L. M. In: **Pesquisa colaborativa: multirreferenciais e práticas convergentes** / Ivana Maria Lopes de Melo Ibiapina, Hilda Maria Martins Bandeira, Francisco Antonio Machado Araujo, organizadores, 2016. Disponível: <https://docplayer.com.br/58306184-Pesquisa-colaborativa-multirreferenciais-e-praticas-convergentes.html>

KUHLTHAU, Carol. **Como usar a biblioteca na escola: um programa de atividades para o ensino fundamental/ Carol Kuhlthau; trad. E adapt. por Bernadete Santos Campello et al.- 3. ed.** Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. [2.ed] Rio de Janeiro: E.P.U, 2013.

MARQUES NETO, J.C. (Org.). PNLL – **Plano Nacional do Livro e Leitura: textos e história (2006-2010)**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

MARTINS, Elizandra. O espaço de mediação de leitura na biblioteca escolar. In: **Fazeres cotidianos na biblioteca escolar** / Rovilson José da Silva, Sueli Bortolin (Orgs.). – 2.ed. São Paulo: ABECIN Editora, 2018.p.79-88.

MIRANDA, Maria Irene. Pesquisa-ação escolar: uma alternativa de enfrentamento aos desafios educacionais. In: SILVA, Lazara Cristina da; MIRANDA, Maria Irene. (Org.). **Pesquisa-ação: uma alternativa à práxis educacional**. Uberlândia: EDUFU, 2012, v. , p. 13-27.

MONTUANI, Daniela Freitas Brito. Acervos de literatura chegam na escola? In: PAIVA, Aparecida. **Literatura fora da caixa: o PNBE na escola: distribuição, circulação e leitura**. São Paulo: Editora UNESP, 2012.p.77-110.

MORAES, Fabiano; VALADARES, Eduardo; AMORIM, Marcela Mendonça. **Alfabetizar letrando na biblioteca escolar**. São Paulo: Cortez, 2013.

MORAIS, Elaine Maria da Cunha. Formam-se leitores nas bibliotecas escolares? In: PAIVA, Aparecida. **Literatura fora da caixa: o PNBE na escola: distribuição, circulação e leitura**. São Paulo: Editora UNESP, 2012.p.39-71.

MOTOYAMA, Juliane Francischetti Martins, SANTOS, Izabele Dias dos, SILVA, Gabriele Góes. **Mediadores para além do ambiente escolar: o que nos dizem acadêmicos de Pedagogia e Letras**. In: FEBA, Berta Lúcia Tagliari, SOUZA, Renata Junqueira (Org) **Mediação de leitura: espaços e perspectivas na formação docente**. Ed. Copiarte, 2017, p. 12-44.

NASCIMENTO, Ruben de Oliveira. Tese: **Um estudo da mediação em Lev Vigotsky e suas implicações para a educação**,2014. Disponível:
<https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/13673/1/EstudoMediacaoTeoria.pdf>

PAIVA, Aparecida. **Literatura fora da caixa: o PNBE na escola: distribuição, circulação e leitura**. São Paulo: Editora UNESP, 2012.

PASTORELLO, Lucila Maria. **Leitura em voz alta e apropriação da linguagem escrita pela criança**. 2010. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. doi: 10.11606/T.48.2010.tde-20042010-154846. Acesso em: 2020-02-13

PERES, Selma Martines. **Leitura: histórias e práticas/ organizado por Selma Martines Peres**. - Goiânia: Cãnone Editorial,2013.

PERIN, Denise Alexandre. **Mediadores e espaços de leitura: a prática em escolas municipais de presidente prudente**. 2009. 243 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2009. Disponível em:
<<http://hdl.handle.net/11449/92273>>.

RABONI, Paulo Cesar de Almeida. PONCE, Rosiani de Fátima. **Trabalho educativo: mediação, desenvolvimento humano e apropriação de literatura**. In: FEBA, Berta Lúcia Tagliari, SOUZA, Renata Junqueira (Org) **Mediação de leitura: espaços e perspectivas na formação docente**. Ed. Copiarte, 2017, p. 88-115.

REVOREDO, Mariana. **Mediadores de leitura**: a participação da família na formação de leitores – um estudo de caso em Presidente Prudente/SP. 2010. 100 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade Ciências e Tecnologia, 2010. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/92293>>.

SANTOS, Caroline C. Silva dos. SOUZA, Renata Junqueira. **Programa de leitura na biblioteca escolar**: a leitura a serviço da formação de leitores. In: SOUZA, R. J. (Org.). **Biblioteca escolar e práticas educativas**. Campinas: Mercado de Letras, 2009. p. 97-114.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia Histórico-Crítica**: primeiras aproximações. 11ª Ed.rev. Campinas, SP: Autores Associados, 2011.

SILVA, Rovilson J. Bibliotecar escolar: organização e funcionamento. In: SOUZA, Renata J. (Org.). **Biblioteca escolar e práticas educativas**: o mediador em formação. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2009b. P. 115-135.

SILVA, Rovilson José da. **O professor mediador de leitura na biblioteca escolar da Rede Municipal de Londrina**: formação e atuação /Rovilson José da Silva. – Marília, 2006.

SILVA, Rovilson José da. Formar leitores na escola. In: **Fazeres cotidianos na biblioteca escolar** / Rovilson José da Silva, Sueli Bortolin (Orgs.). – 2.ed. São Paulo: ABECIN Editora, 2018.p.97-102.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. 7º ed. São Paulo: Contexto,2017.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-ação**. 13.ed. São Paulo: Cortez,2011.

VIGOTSKY, Lev Semenovich. **A construção do pensamento e da linguagem** / L.S.Vigotsky; tradução Paulo Bezerra. - São Paulo: Martins Fontes, 2000.

VYGOTSKY, Lev Semyonovich. **A formação social da mente**. – 3. ed. – São Paulo: Martins Fontes, 1989.

VYGOTSKY, Lev Semyonovich. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

REFERÊNCIAS - OBRAS LITERÁRIAS

ABREU, Graça. ZATZ, Lia. **Era uma vez uma bota**. Brasil: Ed. Biruta, 2011.

AGUIAR, G. **A menina dos livros**. São Paulo. Editora Roda e Cia,2010

ALTÉS, Marta. **Não!** Trad. Gilda de Aquino-1º ed. São Paulo: Escarlat, 2013.

BRENMAM, Ilan. **Bocejo**. Ilan Brenman e Renato Moriconi. São Paulo, Cia das Letrinhas,2012.

BRENMAM, Ilan. **Até as Princesas soltam pum**. São Paulo: Brinque- Book, 2008

BRENMAN, Ilan. **Telefone sem fio**. Ilan Brenman e Renato Moriconi. São Paulo, Cia das Letrinhas,2010.

CIPIS, Marcelo. **A interessante ilha Dukontra**. São Paulo: Cia das Letrinhas,2009.

CIPIS, Marcelo. **Se eu fosse**. 1º edição-São Paulo: Ed. Saraiva, 2017.

COCK, Nicole de. **A Bola Dourada**. São Paulo: FTD, 2009.

DAHER, Andrea. **Os bichos também sonham**. Ilustr. Zaven Paré. São Paulo: Martins fontes, 2009.

ERLBRUCH, Wolf. **O Pato, a morte e a tulipa**. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

FÉLIX, Sandra Regina. **A velha a fiar**/ adaptação de Sandra Regina Félix. São Paulo: Sowilo,2015.

FRANCO, Blandina. **Quem Soltou o Pum?** / Ilustr. José Carlos Lolo. São Paulo: Cia das Letrinhas,2010.

FURNARI, Eva. **Amarílis**. São Paulo: Moderna:2013

GALDINO, Jeferson. **O Peralta**. São Paulo: Sowilo,2009.

HERRERA, Laura. **Dorme, menino dorme**. Trad. Cecília Guida. São Paulo: Livro da Matriz, 2015.

LEITAO, Mércia Maria. DUARTE, Neide. **Tarsila e o Papagaio Juvenal**. São Paulo: Ed. do Brasil, 2011

MACHADO, Ana Maria. **Cabe na mala**. Coleção Mico Maneco. São Paulo: Moderna,2011.

MACHADO, Dalcio. **Não brinque com a comida**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2012.

MINKOVICIUS, Ivo. **O tempo**. São Paulo: Editora Cultura, 2011.

PRESCOTT, Simon. **As aventuras de um pequeno ratinho na cidade grande**. São Paulo: Publifolha, 2009

SCHIMENECK, Antônio. **Sete histórias de gelar o sangue**. Porto Alegre: Besourobox,2013.

SILVERSTEIN, Shel. **A árvore generosa** (1983), trad. Fernando Sabino. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

TORERO, José Roberto. **Os 12 trabalhos de Lelércules**. São Paulo: Alfaguara, 2014.

ZOBOLI, Giovanna. **À noite, a caminho de casa**. Rio de Janeiro. Ed. pequenazahar,2017.

APÊNDICES

APÊNDICE 1: ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO

1 - Descrição do Lócus da pesquisa. Informações da escola selecionada.
2- Caracterização do espaço- Sala de Leitura.
3- Organização dos livros e outros materiais presentes na sala de leitura.
4- Funcionamento da sala de leitura. Horários.
5- Desenvolvimento de atividades. Como são realizadas? Quem as direciona?
6- Identificar se há algum projeto de mediação de leitura que envolva a comunidade onde está localizada a escola.
7- Mediação: observar se ocorrem situações de interação entre professor responsável pela sala de leitura e alunos.

APÊNDICE 2: CONSTITUIÇÃO FÍSICA DO ESPAÇO SALA DE LEITURA DA ESCOLA SELECIONADA REALIZADA POR MEIO DE OBSERVAÇÃO.

01 porta de entrada
03 janelas com cortinas coloridas
01 Ar condicionado
02 tapetes (01 utilizado para acomodar os alunos no momento da contação de histórias)
12 almofadas e alguns ursinhos de pelúcia
02 mesas com 06 cadeiras cada
01 mesa redonda pequena e uma cadeira (de uso do PSL)
01 armário aberto para uso do PSL
01 estante com jogos pedagógicos (para uso da inclusão)
01 cesto de mapas geográficos
01 televisão
01 mesinha pequena
01 lixeira grande
01 estante de dicionários de Língua Portuguesa e Língua Inglesa.
03 estantes com material para uso dos professores e outros materiais de pesquisa
01 estante de madeira contendo resistas (História e Nova Escola) e tabuleiros de xadrez
04 estantes de madeira com livros literários para uso dos alunos do 6º ao 8º ano Nas partes de baixo destas estantes tem várias coleções de livros didáticos para uso dos professores.
03 estantes de madeira para livros literários para uso dos alunos do 1º ao 5º ano Os livros que contém muitos exemplares ficam agrupados na parte inferior destas estantes, reservados para que os professores desenvolvam trabalhos em sala de aula.
Enciclopédia em 20 volumes
Matérias de pesquisa sobre a história do Brasil.
Revistas Nova Escola e Ciência Hoje.
No espaço destinados ao uso dos professores tem a coleção Educadores e vários livros de orientação didática.
Na parte superior de todas as estantes tem fantoches e outros materiais que são utilizados na contação de histórias.

APÊNDICE 3: ROTEIROS DE ENTREVISTAS

Bloco 1- Formação; modulação; concepções e atuação na sala de leitura e processo de mediação

Qual a sua formação?
Na sua trajetória, fale um pouco do caminho percorrido até chegar na sala de leitura?
Qual é rotina de trabalho na sala de leitura? Descreva.
Existem projetos de leitura sendo desenvolvidos neste ambiente atualmente? Caso positivo, quem desenvolve estes projetos? Comente.
Na sua opinião o espaço físico é satisfatório? E o acervo? Comente.
Na sua opinião o que é preciso para ser leitor? Como você compreende a leitura? O que é necessário para formar um leitor?
E qual o papel da sala de leitura neste processo?
Na sua opinião qual é o papel do responsável pela sala de leitura? Qual sua função?
Como acontece o trabalho entre você, os alunos e os livros?
Como é a participação da comunidade escolar na sala de leitura?
Na sua opinião, o que poderia ser realizado para o melhoramento da sala de leitura?
Como o trabalho na sala de leitura poderia ser desenvolvido para contribuir significamente com a formação de leitores?
Tem algo que você gostaria de comentar sobre a sala de leitura que não foi perguntado.

Bloco 2- Percepções pós realização das ações de intervenção realizadas na pesquisa-ação.

Como é sua rotina de trabalho na sala de leitura hoje?
Existem projetos de leitura sendo desenvolvidos neste ambiente atualmente? Caso positivo, quem desenvolve estes projetos? Comente.
Como acontece o trabalho entre você, os alunos e os livros?
Quais são suas percepções com relação ao projeto desenvolvido?
Como relação as atividades na sala de leitura, como está ocorrendo o trabalho com as turmas do ensino fundamental I e II?
E os empréstimos de livros? Como estão ocorrendo?
Com relação as normas de empréstimos, as turmas que participam destes empréstimos, quem traçou as regras? São normas da SEDUC ou normas criadas pela escola?
Tem algo que você gostaria de comentar sobre a sala de leitura que não foi perguntado.

APÊNDICE 4: Roteiro- Roda de conversa com os mediadores**Roda de conversa com os mediadores**

Como está a rotina de vocês na escola? As atividades? Todos os dias, são iguais?
E a sala de leitura? Como estão as atividades na sala de leitura?
O que vocês gostariam de dizer sobre o projeto de mediação que vocês participaram?
Vocês continuam mediando a leitura para outros alunos? Com que frequência?
Como foi a participação no projeto?
Como está a rotina de visitação na sala de leitura?
Como está a rotina de empréstimo de livros?
Como vocês estão vendo a leitura hoje? Mudou alguma coisa?

**APÊNDICE 5: PLANO DA AÇÃO DA PESQUISA-AÇÃO E SEUS
DESDOBRAMENTOS**

ESCOLA MUNICIPAL CORA CORALINA

A MEDIAÇÃO NA SALA DE LEITURA

APRESENTAÇÃO

O presente projeto originou-se a partir de uma pesquisa-ação desenvolvida pela Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFG- Regional Catalão, com a colaboração do Professor José, professor responsável pela sala de leitura da Escola Municipal Cora Coralina, lócus da pesquisa⁵⁸.

Trata-se de um projeto focado no desenvolvimento das competências leitoras dos alunos da escola a partir do processo de mediação, realizado na sala de leitura.

JUSTIFICATIVA

Entende-se que a leitura é primordial na vida do ser humano, uma vez que este quando a adquire faz relevantes descobertas interiores e exteriores. A apropriação da linguagem escrita e a internalização da leitura possibilita associações importantes no cotidiano em geral que por sua vez é carregado de significação.

Neste contexto a leitura literária vai mais além, visto que o leitor pode se transportar-se a um mundo imaginário, despertando então sua criatividade, capacidade de pensar, agir, sentir visto que o ser humano não é só emocional, mas também emocional.

Sendo assim torna-se de grande importância o desenvolvimento de ações educacionais voltadas para a prática, funcional e prazerosa, da leitura.

PUBLICO ALVO

O público alvo deste projeto são os alunos das turmas de 6º e 7º ano do Ensino Fundamental, para serem formados como mediadores de leitura e as turmas de 1º ao 3º ano para participarem das atividades de mediação.

OBJETIVOS

Objetivo geral: Estimular a prática da leitura literária, a partir da formação de mediadores de leitura na sala de leitura.

Objetivos específicos:

- Potencializar a prática e o gosto pela leitura.

⁵⁸ Optamos por não identificar a escola onde foi desenvolvida a pesquisa, sendo assim o nome citado é fictício.

- Desenvolver a linguagem oral e escrita.
- Amenizar as dificuldades de leitura e escrita apresentadas.
- Realizar leitura de livros de imagens, a partir da descrição oral de cenários e personagens.
- Proporcionar momentos para expressão oral.
- Promover a interpretação de obras literárias.
- Ampliação do vocabulário dos alunos.
- Proporcionar aos alunos a compreensão de que a leitura e a escrita vão além da intencionalidade de informar, ela também nos emociona e tem o poder de gerar transformação.
- Perceber que a leitura pode nos transportar a vários lugares e situações através da imaginação proporcionando-nos um imenso prazer.
- Trabalhar valores éticos relacionados a boa convivência.

ACÇÃO E DESDOBRAMENTOS

ACÇÃO: A formação de novos mediadores.

DESDOBRAMENTOS:

- Organização do acervo.
- A prática da mediação a partir da leitura de histórias
- Semana Literária

CRONOGRAMA

O projeto será desenvolvido no contra turno dos alunos seguindo um roteiro de atividades pré-estabelecido pelo professor da sala de leitura. Iniciará, com a formação de 6 alunos mediadores, nos meses de maio e junho de 2019, sob orientação da pesquisadora e do professor da sala de leitura e posteriormente ficará a cargo da escola dar continuidade na acção.

Cronograma de Formação dos mediadores

Formação e prática de mediação	
17/05 e 20/05	Contratualização inicial. Seleção e iniciação dos alunos a serem formados.
22/05 - Dia 1	Início da formação de alunos mediadores.
29/05 - Dia 2	Formação e Prática de Mediação a partir da leitura de histórias.
05/06 - Dia 3	Formação e Prática de Mediação a partir da leitura de histórias. Organização do acervo literário.

17/06 - Dia 4	Formação e Prática de Mediação a partir da leitura de histórias. Organização do acervo literário.
24/06 - Dia 5	Formação e Prática de Mediação a partir da leitura de histórias.
28/08	Avaliação parcial com os alunos e novas orientações. A prática da mediação a partir da leitura de histórias.
	Semana Literária na Escola

AVALIAÇÃO

A avaliação da ação será processual e contínua. Durante todo o processo os alunos serão avaliados mediante alguns aspectos, tais como: a interatividades; o interesse; a participação coletiva e individual; o desenvolvimento dos alunos quanto ao uso da linguagem e apropriação da escrita de maneira sistemática; o aperfeiçoamento da leitura e a superação das dificuldades inicialmente apresentadas.

APÊNDICE 6: OBRAS LITERÁRIAS UTILIZADAS PARA LEITURA DELEITE, MEDIAÇÃO DE LEITURA, E FORMAÇÃO DE LEITURA

Livro	Autor	Editora/ Ano
Cabe na mala	Ana Maria Machado	Moderna/ 2011
Mico Maneco	Ana Maria Machado	Moderna/ 2011
A árvore generosa	Shel Silvertein	Cosac Naif/ 2012
Não brinque com a comida	Dalcio Machado	Companhia das Letrinhas/ 2012
A interessante ilha Dukontra	Marcelo Cipis	Companhia das Letrinhas/ 2009
Se eu fosse	Marcelo Cipis	Saraiva/2 017
Não!	Marta Altés	Escarlate/ 2013
Até as princesas soltam pum	Ilan Brenman	Brinque Book/ 2008
Telefone Sem Fio	Ilan Brenman	Companhia das Letrinhas /2010
Bocejo	Ilan Brenman	Companhia das Letrinhas
A Bola Dourada	Nicole De Cock	FTD/ 2009
Os lobinhos afinados	Eunice Braido	FTD/2008
Quem soltou o PUM?	Blandina Franco	Companhia das Letrinhas/ 2010
Posso Dormir Com Você?	Graziela Bozano Hetzel	Manarti/ 2010
História Vira-lata	Sylvia Orthof	Salamandra/ 2013
Os três Lobinhos e o Porco Mau	Eugene Trivizas	Brinque- Book/ 1996
O Grúfalo	Julia Donaldson	2017
A Pulga e a Daninha	Pedro Mourão	Ediouro Passatempos e Multimídia/ 2011
O Monstro (nem tão monstruoso) e o menino João	João Pinheiro	Sowilo/ 2015
Meu Bicho de estimação	Yolanda Reyes	Editora Champagnat/ 2013
Jeremias desenha um monstro	Peter Mc Carty	Globo/ 2012
Os Bichos Também Sonham	Andréa Daher	Martins Fontes/ 2009
Amarílis	Eva Furnari	Moderna/ 2013
O Peralta	Jefferson Galdino	Sowilo/ 2009
O silencioso mundo de Flor	Cecilia Cavalieri França	Fino traço/2011
A noite a caminho de casa	Giovana Zoboli	Ed. Pequena Zahar/2017
Tarsila e o Papagaio Juvenal	Mércia Maria Leitão e Neide Duarte	Ed. do Brasil/2011
Era uma vez uma bota	Graça Abreu e Lia Zats	Biruta/2011

Come Come	Ney Ribeiro	Roda e Cia/2008
O tempo	Ivo Minkovivius	Cultura/2011
A menina e os livros	G. Aguiar	Roda e Cia/2010
O pato, a morte e a tulipa	Wolf Elbruch	Cosac Naif/2013
As aventuras de um pequeno ratinho na cidade grande	Simon Prescott	Publifolhinha/2009
O convidado de raposela	Alex T. Smith	Claro Enigma/2013
Dorme, menino dorme	Laura Herera	Livro da Matriz/2015
A velha a fiar	Sandra Regina Felix	Sowilo/2015
Coelho Mau	Jeane Wills e Tony Ross	Anglo/2014
A promessa do Girino	Jeane Wills e Tony Ross	Atica/2004